

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

ANNA LUIZA DANTAS SALIM

FACES DA PANDEMIA: ENTRE ASSALTOS DO REAL E INVENÇÕES DE SENTIDO

SÃO CRISTÓVÃO
2023

ANNA LUIZA DANTAS SALIM

FACES DA PANDEMIA: ENTRE ASSALTOS DO REAL E INVENÇÕES DE SENTIDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como pré-requisito para a obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Silva Paes
Henriques

SÃO CRISTÓVÃO
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE

S165f Salim, Anna Luiza Dantas
Fases da pandemia : entre assaltos do real e invenções de sentido
/ Anna Luiza Dantas Salim ; orientador Rogério da Silva Paes
Henriques. – São Cristóvão, SE, 2023.
153 f. : il.

Tese (doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de
Sergipe, 2023.

1. Psicologia. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 3. Trauma psíquico.
4. Angústia (Psicologia). 5. Fantasia. I. Henriques, Rogério da Silva Paes,
orient. II. Título.

CDU 159.9:616-036.21

ANNA LUIZA DANTAS SALIM

FACES DA PANDEMIA: ENTRE ASSALTOS DO REAL E INVENÇÕES DE SENTIDO

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como pré-requisito para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Psicologia.

São Cristóvão, 17 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Silva Paes Henriques (Presidente)
PPGPSI/UFS

Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho (Membro interno)
PPGPSI/UFS

Prof.^aDr.^a Andrea Hortélio Fernandes (Membro externo)
PPGPSI/UFBA

Prof.^aDr.^a Elza Ferreira Santos (Membro externo)
PROFEPT/IFS

Prof.^aDr.^a Susane Vasconcelos Zanotti (Membro externo)
PPGP/UFAL

RESUMO

A pandemia da COVID-19 confrontou os seres falantes de diversas partes do mundo com o real da morte e do adoecimento trazido pelo vírus SARS-CoV-2, favorecendo a irrupção do trauma e a exacerbação da angústia. Contudo, os desdobramentos do real da pandemia e sua configuração como trauma ou não variarão em função das distintas posições dos sujeitos, determinadas pela fantasia, constitutiva da realidade psíquica e a matéria-prima dos contos e sonhos. O problema que norteou a pesquisa foi: de que maneira as dimensões do trauma, da angústia e da fantasia foram tratadas nos contos e nos relatos de sonhos produzidos durante a pandemia da COVID-19? O objetivo geral da pesquisa foi investigar de que forma as dimensões da fantasia, da angústia e do trauma se apresentam nos escritos literários sobre a pandemia da COVID-19 presentes nas coletâneas *20 contos sobre a pandemia de 2020* e *O projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia* e nos relatos de sonho coletados em *Sonhos Confinados*. O método psicanalítico de pesquisa foi utilizado na leitura do material, tendo como balizas a interpretação baseada na primazia do significante e na consideração pelo real. Nas leituras dos contos, foi considerada a importância de aprender com o texto e a característica do conto de remeter a questões que o transcendem. Foram selecionados cinco contos e dois sonhos para análise. No conto “Duas irmãs” destacou-se o papel do Outro familiar em defender da angústia e do trauma. No conto “47 segundos” é encenada a exacerbação da angústia no contato com o outro e a relação entre fantasia e mal-entendido no contexto da pandemia. No conto “Solstício de inferno” destaca-se o papel da fantasia na defesa contra o real e o advento do trauma no adoecimento grave devido à revivescência de uma marca traumática. No conto “Um gentil ladrão” destaca-se o desamparo de um idoso na pandemia e o papel de sua fantasia na relação com o profissional de saúde, a quem representa como ladrão. No conto “No tempo da morte, a morte do tempo” é abordada a relação do tempo lógico com o traumatismo pandêmico. Nos sonhos analisados, comparece o desvelamento do objeto *a* e seus efeitos angustiantes, vinculados ao abalo da fantasia. Conclui-se apontando alguns elementos sobre a pandemia da COVID-19 que se repetem nos distintos contos: o agravamento do desenlace social, atrelado aos abismos entre as fantasias dos diferentes sujeitos no que concerne à pandemia; prevalência da dimensão real do corpo do outro na pandemia, vivenciado como produtor de angústia; adensamento das defesas imaginárias, que engendram agressividade; papel do Outro em amortecer ou favorecer a irrupção do trauma e da angústia durante a pandemia; papel da fantasia na defesa contra o real pandêmico.

Palavras-chave: Pandemia; COVID-19; Trauma; Fantasia; Angústia.

ABSTRACT

The pandemic of COVID-19 confronted speakingbeings in various parts of the world with the real of death and illness brought on by the SARS-CoV-2 virus, favoring the eruption of trauma and the exacerbation of anxiety. However, the unfolding of the real of the pandemic and its configuration as trauma or not will vary according to the different positions of the subjects, determined by fantasy, constitutive of psychic reality and the raw material of tales and dreams. The problem that guided the research was: in what way were the dimensions of trauma, anxiety and fantasy dealt with in the tales and dream reports produced during the COVID-19 pandemic? The overall goal of the research was to investigate how the dimensions of fantasy, anxiety and trauma present themselves in the literary writings about the COVID-19 pandemic present in the collections “20 tales about the pandemic” and “The Decameron Project: 29 stories of the pandemic” and in the dream accounts collected in “Confined Dreams”. The psychoanalytic method of research was used in the reading of the material, with the interpretation based on the primacy of the signifier and consideration of the real as beacons. In the tales readings, the importance of learning from the text and the short story’s characteristic of referring to questions that transcend the text itself were considered. Five stories and two dreams were selected for analysis. In the short story “Two sisters” the role of the familiar Other in defending against anxiety and trauma was highlighted. In the tale “47 seconds”, the exacerbation of anxiety in the contact with the other and the relationship between and different fantasies and misunderstandings in the context of the pandemic are staged. In the tale “Solstice of Hell” the role of fantasy in the defense against the real and the advent of trauma in severe illness due to the reliving of a traumatic mark is highlighted. In the tale “A gentle thief”, the helplessness of an elderly man in the pandemic and the role of his fantasy in the relationship with the health professional, whom he represents as a thief, are highlighted. In the tale “In the time of death, the death of time” the relationship of logical time with pandemic trauma is addressed. In the dreams analyzed, there is the unveiling of the object *a* and its anguishing effects, linked to the shaking of fantasy. We conclude by pointing out some elements about the pandemic of COVID-19 that recur in the different short stories: the worsening of social denouement, tied to the gulfs between the fantasies of the different subjects regarding the pandemic, prevalence of the real dimension of the body of the other in the pandemic, experienced as a producer of anxiety, thickening of imaginary defenses, wish engender aggressiveness, role of the Other in dampening or favoring the irruption of trauma and anxiety during the pandemic and the role of fantasy in defense against the pandemic real.

Keywords: Pandemic; COVID-19; Trauma; Fantasy; Anxiety.

RÉSUMÉ

La pandémie de COVID-19 a confronté les êtres parlants de diverses parties du monde à la réalité de la mort et de la maladie provoquée par le virus SARS-CoV-2, favorisant l'irruption du traumatisme et l'exacerbation de l'angoisse. Cependant, le déroulement du réel de la pandémie et sa configuration en tant que traumatisme ou non, variera en fonction des différentes positions des sujets, déterminées par le fantasme, constitutif de la réalité psychique et matière première des contes et des rêves. La problématique qui a guidé la recherche était la suivante : de quelle manière les dimensions du traumatisme, de l'angoisse et du fantasme ont-elles été abordées dans les nouvelles et les récits de rêves produits pendant la pandémie de COVID-19 ? L'objectif général de la recherche était d'étudier comment les dimensions du fantasme, de l'angoisse et du traumatisme sont présentées dans les écrits littéraires sur la pandémie de COVID-19 présents dans les recueils *20 nouvelles sur la pandémie de 2020* et *Le projet Decameron : 29 histoires de la pandémie* et dans les récits de rêves rassemblés dans *Rêves Confinés*. La méthode de recherche psychanalytique a été utilisée dans la lecture du matériel, avec une interprétation basée sur la primauté du signifiant et la prise en compte du réel en tant que balises. Dans la lecture des nouvelles, l'importance de l'apprentissage à partir du texte et la caractéristique de la nouvelle de renvoyer à des questions qui la transcendent ont été prises en compte. Cinq nouvelles et deux rêves ont été sélectionnés pour l'analyse. Dans la nouvelle « Deux soeurs », le rôle de l'Autre familier dans la défense contre l'angoisse et le traumatisme a été mis en évidence. La nouvelle « 47 secondes » met en scène l'exacerbation de l'angoisse au contact de l'autre et la relation entre fantasme et malentendu dans le contexte de la pandémie. La nouvelle « Solstice d'enfer » met en évidence le rôle du fantasme dans la défense contre le réel et l'avènement du traumatisme dans la maladie due à la reviviscence d'une marque traumatique. La nouvelle « Un gentil voleur » met en évidence l'impuissance d'un homme âgé face à la pandémie et le rôle de son fantasme dans la relation avec le professionnel de santé, qu'il représente comme un voleur. La nouvelle « A l'heure de la mort, la mort du temps » traite de la relation entre le temps logique et le traumatisme pandémique. Dans les rêves analysés, il y a le dévoilement de l'objet *a* et des effets angoissants, liés à l'éclatement du fantasme. Nous concluons en soulignant quelques éléments de la pandémie de COVID-19 qui se répètent dans les différents sujets à l'égard de la pandémie ; prévalence de la dimension réelle du corps de l'autre dans la pandémie, vécue comme productrice d'angoisse ; épaissement des défenses imaginaires, qui engendrent

l'agressivité ; rôle de l'Aurte pour amortir ou favoriser l'irruption du traumatisme et de l'angoisse au cours de la pandémie ; rôle du fantasme dans la défense contre le réel pandémique.

Mots-clés: Pandémie; COVID-19; Trauma; Fantasme ; Angoisse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Vanicson, primeiramente, pelo amor, pelo manancial de sabedoria e inteligência que sempre me surpreendem e fascinam, pelo senso de humor, pela presença constante nos momentos de tons mais variados, pelas diversões desfrutadas, pela parceria, por *Saturn Moon* e por todo imensurável apoio nessa odisséia acadêmica e em outras iniciativas que são feitas de sonhos.

Agradeço à minha mãe por tudo. Agradeço por estar junto, pelo apoio contínuo e incansável, pela leveza e senso de humor em alguns momentos, por ser um exemplo de mulher trabalhadora que jamais cessará de me inspirar e por nunca ter deixado de apostar em mim.

Agradeço a meu avô, Moacir Cardoso Dantas, *in memoriam*. As marcas que aqueles cinco anos de convivência deixaram em mim nada poderá extirpar. Agradeço pelo amor, pelo exemplo de ser um homem que, além de trabalhador, aprendeu a ler sozinho e buscava por si só a erudição.

Agradeço ao Prof. Dr. Rogério Paes Henriques pelas orientações que tanto enriqueceram minha formação, pelas contribuições primorosas na correção do texto e por ter apoiado meus desejos de pesquisa.

Agradeço a meu pai, Celso Amorim Salim, por ser um modelo intelectual que sempre mobilizou meus desejos pelas ciências humanas, pelo apoio e pela reaproximação.

Agradeço a meus amigos, Lula, César, Lis, Joelma e Magna pelos risos, partilhas e desabafos.

Agradeço a P. H, meu sobrinho, por iluminar com risos, fofura e ludicidade nossa família.

Agradeço a Paulo e Dani pelo apoio.

Agradeço à Tia Cau pelas conversas irreverentes e sonhadoras.

Agradeço a meu tio Moacir.

Agradeço a Elza, pelo apoio, pelas conversas e pela companhia inteligente.

Agradeço a minha avó, Dona Lourdinha, *in memoriam*.

Agradeço a toda equipe do NASF pelo grande profissionalismo, com o qual eu aprendo cotidianamente, e por propiciarem um ambiente de trabalho tão leve no meio dos desafios cotidianos do trabalho do SUS.

Agradeço a todos os professores que me despertaram o desejo de saber.

Agradeço a Claudio e a Eduardo por fazerem parte da minha formação analítica.

Agradeço a Panzinho e Nina pela fofura.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- O DISCURSO DO CAPITALISTA.....	51
FIGURA 2- O DISCURSO DO UNIVERSITÁRIO.....	52
FIGURA 3- O DISCURSO DO ANALISTA.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 NAS ENTRANHAS COM A PESTE: ENTRE OS MIASMAS DO TRAUMA E AS LUVAS DA FANTASIA.....	32
1.1 Pulsão de morte, trauma e repetição.....	34
1.2 Acaso e ruptura.....	49
1.3 Não há exílio para a angústia, porém... fantasia-se.....	67
2 MÉTODO.....	87
2.1 O método psicanalítico de pesquisa.....	89
2.2 Psicanálise e literatura: entre <i>mal-ditos</i> e os limites do saber.....	91
2.3 A forma conto.....	96
2.4 Da escrita.....	97
2.5 Seleção do material.....	98
3 LEITURAS DO MATERIAL SIGNIFICANTE.....	103
3.1 Duas Irmãs.....	103
3.2 47 segundos.....	106
3.3 Um gentil ladrão.....	113
3.4 Solstício de Inferno.....	116
3.5 No tempo da morte, a morte do tempo.....	123
3.6 O sonho da presença maligna.....	127
3.7 O sonho das escadas.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS.....	137

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, a pandemia da COVID-19 confrontou os seres falantes de diversas partes do mundo com o real da morte trazido por um vírus ainda desconhecido. Real¹ cujos riscos foram ignorados por alguns governos que elegeram os resultados econômicos de curto prazo, pagando com a vida de milhares e a saúde de tantos outros. Em países ocidentais e ainda considerados democráticos, embora suas agendas possuam uma enorme influência da agenda neoliberal, como Estados Unidos, Inglaterra, França, Portugal e Espanha^{2 3}, os alertas dos órgãos de saúde tiveram seus riscos inicialmente minorados em termos de gravidade por muitos destes governos em nome da manutenção dos indicadores econômicos, a qual se provou ilusória, pois baseada em uma falsa dicotomia entre economia e saúde. Afora os Estados Unidos- que se aferrou a uma postura negacionista durante a quase totalidade da gestão de Donald Trump, os supracitados países passaram a adotar medidas sanitárias contra a pandemia, ainda que tardiamente, ante a escalada de casos e óbitos (BIRMAN, 2020).

Percorramos agora as respostas dos países da América Latina que se situam na América do Sul. Em relação a estes países, o Brasil possui não só proximidade geográfica, mas partilha com eles características sociais, econômicas e políticas que são de suma importância para o manejo e os efeitos da pandemia, pois não esqueçamos que o sujeito não pode ser extirpado das características do Outro social que o engendrou e nele influem continuamente. A América Latina, região mais desigual do mundo, é caracterizada pela profunda desigualdade de renda e de acesso aos sistemas de saúde, com mais de 66 milhões de pessoas em situação de pobreza extrema e possui cerca de 50% de sua população trabalhando no setor informal (GARCIA et al., 2020), população que usualmente trabalha no setor de serviços, o qual foi profundamente afetado pela pandemia (SANTOS, 2020). Articulada a essa desigualdade, a tendência na América do Sul foi que os mais pobres fossem mais afetados pela pandemia. Contudo, na gestão da pandemia houve diferenças significativas entre cada país. Dentre Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e Peru, apenas Brasil e Chile não tiveram *lockdown* decretado pelo governo

¹ Na psicanálise lacaniana, o real está vinculado à falta de sentido (COUTINHO JORGE, 2010).

² Boaventura Sousa Santos (2020) e Joel Birman (2020) a partir de sua leitura do sociólogo português, apontam que foram os países que não se subjugaram completamente ao ideário neoliberal que fizeram uma melhor gestão da pandemia como Coreia do Sul, Taiwan, Singapura, Vietnã, Tailândia e, parcialmente, China. Como tal estrutura social difere muito da brasileira, optamos por nos deter naqueles países que, como o Brasil, optaram, pelo menos em alguma das ondas pandêmicas, pelo imperativo neoliberal em detrimento da vida e da saúde.

³ Tais países ainda são classificados como democráticos, não obstante a decadência de suas instituições de seguridade social.

central. Chile e Brasil se aproximam não só nesse aspecto, mas também na ausência de resposta inicial eficaz, ou seja, congruente com as medidas sanitárias, do governo central. Por sua vez, Argentina, Colômbia, Equador e Peru tiveram respostas mais eficazes do governo central quanto à contenção da pandemia, como, por exemplo, o decreto de *lockdown* (GARCIA et al., 2020).

No caso do Brasil, país latino-americano que se integra ao rol dos países ainda democráticos e no qual a agenda neoliberal possui influência determinante sobre o Estado, o governo federal da época, buscando mimetizar em muitos aspectos o governo Donald Trump nos Estados Unidos, executou uma política orientada pelo negacionismo⁴ em relação aos ideais responsáveis pela manutenção da civilização, adicionando mais uma camada ao desamparo em face do novo vírus e ao desamparo constitutivo do sujeito (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020). Tal política agrava um processo já em curso de enfraquecimento da seguridade social garantida constitucionalmente (BRASIL, 1988) e, portanto, de fragilização da democracia, modo de governo que é caracterizado por amparar seus cidadãos (LAURENT, 2004). Tal política negacionista pregou a imunização de rebanho pela doença, fazendo o cálculo com vidas consideradas descartáveis e tratadas como objetos de obsolescência programada, através do estímulo à aglomeração, críticas reiteradas ao isolamento social e ao uso de máscaras. Tal condução da pandemia, ao agravar o desamparo estrutural dos seres falantes e não fornecer recursos adequados para lidar com o real que compareceu de forma tão pungente (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020), favoreceu o advento do real traumático para alguns seres falantes. Mas não para todos: atentemos às várias posições possíveis ante o advento da pandemia. Para alguns daqueles que seguiram as falas do ex-presidente da república⁵ como ideais, seja por formação de massa baseada em ideologia política, seja por ter encontrado um subterfúgio para fazer valer seu gozo a qualquer custo, uma parcela da população brasileira, que a despeito do caos provocado pelo coronavírus, não hesitou em lotar bares e eventos presenciais em plena pandemia, nos faz indagar sobre as limitações da instauração do princípio de realidade em determinados sujeitos, este princípio que viabiliza a manutenção da vida (FREUD, 1911/2010),

⁴Ferrari, Januzzi e Guerra (2020, p.575) articularam a referida postura política face a pandemia à denegação-*Verleugnung*. Por sua vez, Coutinho Jorge, Mello e Nunes (2020, p.589) aproximam a minimização da gravidade da pandemia e a impossibilidade de crer no irrepresentável das mortes pela doença da crença delirante. Perceba-se que tais proposições articulam o negacionismo a mecanismos de defesa bastante distintos entre si. Não discorreremos sobre as referidas hipóteses a respeito do negacionismo- embora tal fenômeno tenha enorme relevância para compreender a sociedade hodierna e as repostas à pandemia, pois tal abordagem demanda um aprofundamento que não poderia ser realizado sem prejuízos ao escopo da presente tese.

⁵Fazemos menção ao ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, porque ele esteve à frente do Executivo federal durante o início e as fases mais críticas da pandemia.

a despeito da idade cronológica, em nome de um imperativo de gozo que, não admitindo restrições ou adiamento, manifesta-se em seu caráter literalmente mortífero. Tal variedade de posições ante as interdições sanitárias e o cenário pandêmico apontam para a dimensão da singularidade, a qual não prescinde da interação com o Outro social, mas também não é completamente determinada por ele.

A prevalência do real ou, em outras palavras, a dimensão mortífera do gozo, é inerente à experiência humana e estruturante de todos os fenômenos que são dominados pela compulsão à repetição como as toxicomanias, a bulimia e os excessos de toda sorte que subjagam o *falasser* às pulsões que o habitam a despeito de seus ideais. Tal dimensão de prevalência do registro pulsional já se adensava anteriormente ao marco pandêmico devido aos efeitos de fragmentação do laço social que caracterizam a atualidade e que são acompanhados pela pauperização do campo simbólico, registro este articulado ao significante enquanto portador de múltiplos sentidos. Com a emergência sanitária internacional decorrente da COVID-19, irrompendo em nosso cotidiano com o caráter duplamente contundente do inesperado⁶, vinculado às alterações no gozo impostas pelo confinamento, e da morte, transmutada em um risco desvelado e ubíquo, a pandemia expõe cruamente o papel constitutivo da pulsão de morte na experiência humana e favorece a irrupção do trauma, haja vista que se caracteriza pela fragilização dos sentidos prévios sobre os quais os *falasseres* sustentavam sua existência, desestabilizando de forma patente a dimensão imaginária do cotidiano e a dialética de presença e ausência na relação com o outro, podendo incidir na dimensão fantasística, esta dimensão que estrutura a realidade psíquica e tempera a virulência do real. Os riscos trazidos pela fácil transmissão do vírus causador da doença COVID-19, o SARS-Cov-2, e as correlatas medidas sanitárias necessárias para sua contenção impactaram a vida dos sujeitos de modo indubitável, conquanto os desdobramentos do real da pandemia e seus cataclismos, e sua configuração como trauma ou não, tenham variado em função das singularidades dos diversos sujeitos. Tal dimensão singular é facilmente observável na miríade de relações possíveis dos sujeitos com as recomendações sanitárias, essas interdições de gozo que são impostas aos sujeitos, em nome do princípio de realidade, com toda a perda de prazer que isso implicou em prol da fruição posterior de um prazer mais seguro.

⁶ Não obstante já houvesse notícias de que a epidemia se alastrava, tornando-se uma pandemia, e alertas de autoridades sanitárias já tivessem sido emitidos, há uma dimensão de inesperado na pandemia vinculada à rapidez com que o cotidiano foi alterado, com a suspensão de inúmeras atividades sociais em âmbito presencial, a instauração e a duração do confinamento.

É possível constatar que as posturas ante as interdições sanitárias não se reduzem à relação de ambiguidade com a norma ou a posições de um marcante cinismo. Existiram distintas variações situadas em um *continuum* que foram desde a completa observância dos indivíduos que seguiram à risca o isolamento social, uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual até o completo desprezo pela própria saúde e pela saúde coletiva⁷. O singular, num Estado ainda democrático, tem, portanto, um peso no devir da saúde pública da população que nele habita, haja vista que uma dimensão bastante relevante da profilaxia depende dos comportamentos dos seres falantes na condição de coletivo (BUENO, 2020). Por sua vez, estes comportamentos são determinados pela relação de cada um com a dimensão traumática da pandemia, a qual é mediada pelas fantasias predominantes em cada ser falante, as quais consistem, por sua vez, em derivações da fórmula da fantasia fundamental (MILLER, 1987). Trauma e fantasia, testemunhas heterogêneas do real (LACAN, 1964/1998), que influem na relação com o gozo e os limites a ele impostos denominado de castração. Além disso, trauma e fantasia possuem relação intrínseca com a geração da angústia como afeto que emerge ante o que ainda não foi possível simbolizar, afeto este que se torna ainda mais destacado com a pandemia. Não esqueçamos, contudo, as interações entre o Outro encarnado nos políticos e o gozo dos sujeitos: tais interações geram efeitos constatáveis em morbidade e mortalidade.⁸

Dunker et al. (2021) apontam como marco inaugural do século XXI a pandemia da COVID-19⁹. A partir do referencial psicanalítico, indagamos se a pandemia favorecerá algum tipo de despertar devido à irrupção de um real que faz furo nas dimensões simbólicas e

⁷ Paim e Almeida Filho (1998) articulam saúde coletiva a um campo interdisciplinar que se debruça sobre o estudo do processo saúde-doença em determinada população entendendo tal processo como determinado por fatores sociais (visando compreender e intervir sobre esses fatores sociais), assim como tem por escopo elucidar o modo como a sociedade identifica uma questão como problema de saúde ou não, ou ainda como é determinada a gravidade imputada socialmente à determinada doença. Cabe salientar que as questões relativas ao nível individual também interessam à saúde coletiva (DE SOUZA, 2014). A partir da ótica psicanalítica, os comportamentos de cada sujeito na pandemia- contabilizado pela biologia como Uno, mas considerado pela psicanálise como dividido - sejam eles da ordem da ação, vinculada ao princípio de realidade, seja ela da ordem do agir, vinculado a dimensão do *acting out* ou da passagem ao ato (CARAVELLI, 2005) - terão efeitos no curso da pandemia.

⁸ O epidemiologista Pedro Halal afirmou, durante a CPI da COVID, que 400 mil vidas poderiam ter sido salvas se o Brasil tivesse adotado medidas sanitárias básicas, como vacinação eficiente, uso de máscaras e isolamento social (MACHADO, R., 2021). Gostaríamos de apontar também as reiteradas recusas de ofertas de vacinas da Pfizer e as estranhas vicissitudes na compra da Covaxin.

⁹ Hobsbawn (1995) definira como marco final do século XX a queda da URSS em 1991. Trata-se de uma mudança indicativa de como os saberes produzidos em humanidades sofrem influência do olhar daqueles que o produzem, os quais estão situados em diferentes contextos sócio históricos.

imaginárias¹⁰ que alicerçam o laço social (IANNINI et al., 2021; LACAN, 1964/1998), acordando os diferentes sujeitos de um modo de viver hiperindividualista, constituído por demandas que não conhecem descanso, marcado pela aceleração contínua do ritmo de vida, e, por fim, caracterizado pela prevalência do gozo dos objetos sobre qualquer relação com o outro ou com o ideal de Eu. O sujeito da atualidade, governado pelo mais-gozar solitário, irrefletido e que deambula entre os variados objetos de mercado, acompanhado pelo esgarçamento do tecido que constitui o laço social, nos remete à figura dos mortos-vivos¹¹, em seu gozo acéfalo e seus comportamentos automáticos que orientam sua vida somente para o consumo e que, conquanto possam comparecer em bando, nunca formam um grupo social, pois não se encontram unidos em torno de um ideal ou uma ilusão (FREUD, 1921/2011), além da incapacidade de sopesar os custos a longo prazo de uma vida orientada pelo desenfreado gozo que sustenta o discurso do capitalista. Cabe perguntar se, havendo despertar ensejado pela pandemia este será apenas uma pequena pausa, após a qual os sujeitos adormecerão novamente nos braços do imperativo politicamente alienado de gozo ou se esse árduo despertar, caracterizado pela proximidade com o real, marcará uma mudança para outro sintoma social. Que sintoma social seria este e o que faria com o real que compareceu sem disfarces nesse momento histórico? Costa (2020) também lança o questionamento acerca do estatuto da pandemia estar ligado à continuidade ou à ruptura.

Sim, a pandemia da COVID-19 constitui um marco importante para a *Kultur*¹², seja ele de ruptura ou aprofundamento de determinados questões que caracterizam o laço social, mas as mudanças por ela trazidas não são alheias às idiossincrasias e com elas interagem, como ansiamos esclarecer desde o princípio do trabalho, haja vista que o campo da psicanálise é o da singularidade. O inaudito trazido pela primeira pandemia a confinar toda a população mundial ao mesmo tempo (SOLER, 2021a) pode ser pensando como um fator desencadeante, um gatilho, para questões estruturais dos *fallaseres* que precedem à pandemia e remontam ao que

¹⁰ O simbólico se articula ao funcionamento da linguagem, ao duplo sentido e ao caráter diacrítico do significante; o imaginário é o registro do sentido único e da imagem, no que ambos veiculam de aparência de completude (LACAN, 1953/2005).

¹¹ É pertinente lembrar que “zumbi” foi um significante utilizado para qualificar pejorativamente usuários de crack que fazem uso de seu *pharmakon* na rua. A psicanálise indica que o uso de determinado significante tem um sentido que só será entendido ao final da cadeia significante. Nesse caso, o uso pejorativo do termo faz parte do lugar que as toxicomanias assumem como sintoma social, denunciado a verdade inconfessável de que, nas sociedades neoliberais, os seres falantes são reduzidos a sua posição de consumidores e que visamos salientar como o uso do termo “morto-vivo” (ASKOFARÉ, 1997; SOLER, 2021).

¹² Freud empregou o termo *Kultur* que *frequentemente* é utilizado no alemão com a acepção de civilização, ou seja, de uma cultura caracterizada pela multiplicação e complexidade de suas instituições, saberes e técnicas (FREUD, 1930/2010).

foi feito com as experiências primeiras do sujeito e coagulado em suas fantasias. A pandemia da COVID-19 é um fenômeno multidimensional (BIRMAN, 2020) e incide nas mais diferentes searas da vida dos sujeitos: nas relações de trabalho, nos laços sociais íntimos (a inquietante estranheza de uma convivência sem pausa e sem a separação propiciada pelos deslocamentos cotidianos), na relação com a *pólis*, na relação com o próprio corpo, nas relações tornadas radicalmente tênues entre âmbito pessoal e profissional e no esfacelamento das relações com o outro desconhecido. A taxa de desocupação aumentou (BRIDI, 2020) e o trabalho precarizado se difundiu ainda mais (BRIDI, 2020; COSTA, S.,2020); uma parcela dos trabalhadores migrou para o *home office*; os laços sociais íntimos foram circunscritos ao âmbito familiar; o ato de sair de casa adquiriu um peso distinto daquele que tivera no passado e o outro desconhecido, anteriormente tornado anônimo pelo fenômeno da indiferença civil, torna-se uma encarnação de um perigo em potencial (BONNAUD, 2020).

As manifestações que favorecem o trauma na pandemia não poderiam ser mais recorrentes. O Brasil foi destaque mundial no número de casos confirmados da COVID-19 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021); o governo federal, o qual foi chefiado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro nas fases mais críticas da pandemia, perpetrou à luz do dia sua necropolítica¹³ (MBEMBE, 2016), lastreada no negacionismo e na ingerência que agravaram exponencialmente a precarização do SUS -Sistema Único de Saúde- e resultaram na morte evitável de milhares de sujeitos que dependem do SUS para atenção à saúde; as perdas se acumularam dia após dia sob a forma de morte dos que se foram, impossibilidade de realizar rituais funerários devido ao colapso do sistema funerário como ocorreu em Manaus, onde se chegou a empilhar caixões e enterrar os mortos em valas comuns (ALBUQUERQUE, 2020), luto dos que permaneceram, desemprego, fome ilustrada cruelmente nas filas para pegar doações de ossos (OHANA, 2022), retratos cruéis do risco de uma pandemia da fome (BIRMAN, 2020), sofrimento¹⁴ psíquico nos estertores.... A pandemia solapou o fino gelo do cotidiano e do laço social sobre o qual os sujeitos se assentavam via simbólico e imaginário (IANNINI et al., 2021), constituindo um cenário de *hemorragia do real* no qual “o Real invadiu e afligiu o mundo na forma de um vírus potencialmente letal e extremamente contagioso”

¹³ Mbembe (2016, p.146) define a necropolítica como “formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte”. A necropolítica está articulada ao papel da soberania estatal, que confere à vida de diferentes pessoas valores diferenciados, através da hierarquização do valor dessas vidas, e faculta o extermínio de algumas (MBEMBE, 2016; RIBEIRO, T.,2020).

¹⁴ A definição psicanalítica de sofrimento se articula à noção psicanalítica de mal-estar, sendo o mal-estar uma modalidade de sofrimento que é de difícil de nomear (DUNKER, 2015).

(COSTA; SIQUEIRA, 2020, p.5). Contudo, os registros simbólico e imaginário ainda constituem os seres falantes. No que concerne ao registro simbólico e sua tentativa de ordenar o real (LACAN, 1969-70/1992), os discursos foram afetados por esse cataclismo e tentam responder a eles de distintas maneiras. O discurso da ciência- que inicialmente se deparou com um angustiante furo no saber face ao novo vírus, difícil falta para essa modalidade de laço que se norteia pela ideia de que os enigmas são passíveis de resolução em sua totalidade por novas descobertas- persistiu (e persiste) durante toda a pandemia e tentou (e ainda tenta) ordenar parte do real via recomendações sanitárias, descoberta e fabricação de insumos (dentre os quais, as vacinas), atenção terciária em saúde etc. O discurso do analista persistiu e persiste, ainda que durante as fases mais agudas da pandemia somente na modalidade *on-line*, dando lugar para que o sujeito expresse os significantes que dão os contornos da sua história singular e busque transmutar em palavra os excessos que o real da pandemia trouxe consigo, da ordem do trauma, do sintoma e da angústia. Conquanto não aporte saberes ao entendimento desse curioso ente que habita os limites entre o animado e o inanimado denominado de vírus SARS-CoV-2, o discurso do analista, como forma de laço que possui como elemento fundamental a associação livre, e não o *setting físico* (e, portanto, imaginário), conforme assinalado por Moretto (2002), tem muito a contribuir, na conjuntura da pandemia, com a manutenção de um espaço governado pela palavra, em um momento de radicalização do esfacelamento da dimensão simbólica das relações¹⁵ com o outro, marcado pela certeza da angústia como afeto que assinala os limites do dizer e pelo excesso de estímulos que podem subjugar os seres falantes, assumindo caráter traumático. A psicanálise visa restituir a dimensão desejante, em um momento em que a dimensão da necessidade e da destrutividade parece ter tomado a dianteira na vida dos sujeitos.

Os sujeitos ainda fantasiam, pulsam, sem cessar as encenações de desejo coaguladas na fantasia. A fantasia irá se expressar nas falas dos sujeitos, nas suas ações, nos seus sonhos e nos sintomas, endereçados ao analista via associação livre na transferência, mas também nos escritos e nas mais diversas obras artísticas. Contudo, diferentemente da psicanálise, na qual o sujeito suposto saber é o analista (CALDAS, 2003), na literatura, o lugar da suposição de saber não reside no analista que lê a obra, mas será a criação do escritor que com o uso da palavra ali disposto poderá transmitir algo à psicanálise fornecendo um testemunho sobre algumas

¹⁵A pandemia radicalizou o processo que já se encontrava em curso de fragmentação dos laços sociais e hiperindividualismo que caracterizam o discurso capitalista em sua versão neoliberal (GOLDENBERG, 1997; QUINET, 2009; SOLER, 2012). A questão que permanece é a relação entre a radicalização e as rupturas que irromperam com a pandemia.

questões (GAZZOLA, 2002). Apostou-se nos contos literários sobre a pandemia como forma de acessar o testemunho que fornecem sobre as dimensões de trauma e angústia na pandemia, sem com isso resvalar para a análise selvagem do autor ou de seus personagens. Não se trata de um testemunho sobre uma experiência do autor ou de uma análise do personagem, mas de aprender com esses contos sobre o furo perpetrado pela pandemia, furo a partir do qual tanto a psicanálise quanto a arte- campo no qual se insere a literatura- operam (CALDAS, 2003)¹⁶, supondo nesse texto um saber (FERREIRA, 2018), saber, contudo, que não visa tamponar o real. Atentamos para o perene risco da pesquisa que envereda pelo cruzamento entre psicanálise e literatura de passar à generalização, risco inerente a toda pesquisa em psicanálise, a qual não pode desconsiderar o real como aquilo que escapa aos esforços de catalogação do simbólico (GAZZOLA, 2002; MAIA, 2008).

Para Freud (1908/2006), a literatura e a fantasia estão entrelaçadas. O pai da psicanálise considera a literatura uma vereda privilegiada para acessar a fantasia, adornada pelas técnicas de escrita de um sujeito que consegue, por essa via, transmutar o mais idiossincrático da fantasia, por vezes abarcando conteúdos da ordem do desprazer e do horror, em algo que pode ser partilhado e fruído socialmente (FREUD, 1908/2006; 1916-17/2006). Não buscaremos decantar a fantasia do autor através do texto, mas enfocaremos no que também é destacado em “Escritores criativos e devaneios” (FREUD, 1908/2006) quanto ao leitor. A apreciação da obra literária pelo leitor se articula àquilo que a obra ficcional partilha através dos significantes, no fruir do gozo do ali contido (CALDAS, 2003; FREUD, 1908/2006; 1916-17/2006). O leitor busca algo para além da utilidade na literatura, sendo essa busca impulsionada – para destacar a *drang* pulsional- pelo gozo, o qual só é acessível através do saber-fazer com qual o autor singulariza sua obra. Não havendo acaso para os seres falantes, cabe ressaltar que na pandemia houve um aumento da venda de livros (SMANIOTTO, 2022), destacando-se que o livro “Decamerão” de Giovanni Boccaccio se esgotou em muitas livrarias (ROPER, 2021) e o livro “A peste” de Albert Camus mais do que dobrou suas vendas (BBC NEWS BRASIL, 2020).

Outro aspecto relevante para recorrer ao texto literário como leitora-pesquisadora e dele extrair um saber que possa dialogar e ampliar o saber psicanalítico sobre as incidências do traumático e suas repercussões na angústia dos *falasseres* durante a pandemia está relacionado

¹⁶ Sinalizamos a existência de um amplo debate sobre o que é arte, sobre o qual não nos deteremos pois fugiríamos assim do escopo dessa pesquisa. Consideraremos, com Gombrich (1950) citado por Caldas (2003), que arte pode significar coisas muito diversas.

à capacidade dos artistas de simbolizar o inaudito antes que as formalizações teóricas o façam. Lacan (1965/2003) destaca o papel de precursor do artista em relação ao analista, ressaltando o importante elo entre escrita e inconsciente. Por sua vez, Dunker et al. (2021) apontam a arte e os sonhos como um sismógrafo do laço social, tendo a função de antecipar os indícios discretos de um futuro cataclismo. Os saberes que tentam analisar, prever e controlar os rumos da pandemia são das esferas do simbólico e do imaginário e não podem tocar seu real, constituindo, portanto, ficções que portam uma verdade (SOLER, 2018a). A literatura é também uma ficção que possui, devido ao seu fundamento fantasístico, um elo com a verdade do sujeito. Para tentar acessar a verdade sobre o real da pandemia, pois só podemos bordejá-lo, recorreremos ao único lugar em que se pode encontrá-la: na ficção, oleira de uma realidade vinculada à Outra cena, verdadeira realidade psíquica, via palavra, no caso da literatura, e sobretudo via imagem, no caso dos sonhos. Em relação a escrita dos contos, Cortázar (2021) destaca a agência de uma força independente da vontade e que está em outro lugar que não a consciência, além de se representar como um meio de expressão dessas forças. Comparece a importância da dimensão inconsciente na escrita dos contos (CORTÁZAR, 2021). Portanto, escolhemos os contos como objeto de análise pelo seu elo com a fantasia e pela capacidade dos escritores se anteciparem à teoria psicanalítica, o que é profícuo para o objeto ainda recente dos efeitos psíquicos da pandemia da COVID-19, a primeira a confinar simultaneamente parte significativa da população mundial (SOLER, 2021a), o que só foi possível com a difusão da Internet. A narração dos sonhos acrescida às associações disparadas pelos mesmos também são uma vereda privilegiada para acessar o inconsciente, haja vista que os sonhos são equiparados por Freud (1908/2006) a fantasias noturnas. Ademais, momentos de mudança histórica como a pandemia demandam maior elaboração psíquica, o que se reflete na produção onírica caracterizada por sonhos mais intensos e marcados pela angústia (IANNINI et al. ,2021). Também cabe ressaltar o caráter de texto que comparece no relato e na interpretação do sonho.

“Faces da pandemia”,¹⁷ o nome desta tese, advém da consideração de que a pandemia é um fenômeno que não se circunscreve ao discurso da ciência e ao discurso biomédico (ambos essenciais para o devir da humanidade, mas que devem ser acompanhados de críticas embasadas para não se transmutarem em novos discursos do mestre) e cuja complexidade convoca outros discursos e saberes, sobredeterminação esta destacada por Birman (2020). Partimos do trocadilho com o conhecido e polêmico documentário “Faces da morte” que exhibe, sem cortes

¹⁷ *Faces of death* (John Alan Schwartz, 1979, EUA). 105 minutos. Cor.

e sem eufemismos, o real da morte em vários contextos. Visamos denunciar com essa nomeação o modo vigente com o qual o real tem comparecido na pandemia: de maneira escatológica, sem a vestimenta simbólica constitutiva da civilização. A expressão faces da pandemia também alude aos efeitos diferenciados da pandemia em relação às diferentes classes e identidades sociais, efeitos que são mediados também pelos diferentes níveis de privilégio desses grupos (BIRMAN, 2020; SOLER, 2021a). Conquanto não enfoquemos as dimensões macrossociais da tragédia sanitária, não a recalamos: na leitura do conto “Um gentil ladrão”, do autor Mia Couto, comparecem as relações entre a dimensão traumatogênica da pandemia e o desamparo generalizado, decorrente da falência do Outro social encarnado no Estado. Ensaíamos também dar forma, uma face, a esse real que como sujeitos experimentamos, através da instância do significante, via teoria psicanalítica, e via significantes eleitos dos contos- produtos do saber lidar com (*savoir-y-faire*) dos escritores criativos que produziram sobre a pandemia- e dos relatos de sonho, lidando, assim, com a dimensão indomável do objeto *a* partir de sua singularidade (MILLER, 2000).

A psicanálise será o instrumental teórico e metodológico utilizado para contribuir- sem a pretensão irreal de esgotar esse campo emergente de pesquisa- com o enfoque dessa questão que é essencial para a contemporaneidade na qual estão imersos os sujeitos. O recorte que norteia essa pesquisa é subsumido pelo seguinte problema: de que maneira as dimensões do trauma, da angústia e da fantasia foram tratadas nos escritos literários e nos relatos de sonhos produzidos durante a pandemia da COVID-19? Elegemos os conceitos psicanalíticos de fantasia, angústia e trauma, os quais possuem uma íntima relação. A fantasia possui a função de sexualizar o gozo mortífero do trauma e o trauma eclode justamente quando há ruptura da tela da fantasia. Por sua vez, as irrupções clinicamente significativas de angústia estão ligadas a uma destituição abrupta da fantasia, na qual o sujeito se percebe no lugar de objeto *a* (SOLER, 2012a). Tais conceitos funcionarão como ferramentas teóricas para abordar os fenômenos constitutivos da pandemia como a morte cotidiana de milhares (e claramente evitável em sua magnitude pelos comportamentos e políticas sanitárias adequados à situação de calamidade pública), o temor da morte, o perigo impalpável e invisível que se torna ubíquo, o encontro com a inquietante estranheza e com as mudanças que se produziram no cotidiano dos seres falantes.

Em consonância com o problema que funda nossa investigação, o objetivo geral que será nossa bússola consiste em: investigar de que forma as dimensões da fantasia, da angústia e do trauma se apresentam nos escritos literários sobre a pandemia da COVID-19 presentes nas

coletâneas *20 contos sobre a pandemia de 2020* e *O projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia* e nos relatos de sonho coletados pelos autores de *Sonhos Confinados*. Nossos objetivos específicos são: (1) explorar o que o campo lacaniano produziu sobre a temática da pandemia; (2) abordar os conceitos de trauma e de angústia no campo psicanalítico, em suas articulações com o real e a pulsão de morte; (3) versar sobre o conceito de fantasia no campo psicanalítico, em suas articulações com o trauma, a escrita literária e o sonho; (4) abordar as relações entre psicanálise e literatura; (5) pesquisar a dimensão do trauma, da angústia e da fantasia mediante a leitura dos contos e sonhos selecionados.

Nossa hipótese é que as obras literárias e relatos de sonhos selecionados, tornando-nos acessíveis ficções fantásticas que circulam no Outro, permitem-nos a aproximação, pela via do significante, do real em jogo na pandemia. As fantasias, esses óculos que configuram a realidade psíquica através dos quais o sujeito representa a realidade partilhada socialmente - denominado por Lacan de discurso (LACAN, 1969-70/1992) - e as quais se caracterizam pela estrutura de ficção (LACAN, 1971/2009), serão nosso material significativo para análise.

Esse trabalho de arcabouço psicanalítico justifica a eleição do objeto “fantasia, angústia e trauma” no âmbito do assunto “pandemia da COVID-19” visando auxiliar na compreensão do sujeito hodierno, inserido e constituinte de uma época marcada pelas radicalizações e/ou rupturas trazidas pela pandemia. Seguimos, no embasamento de nossa escolha, os pressupostos freudianos de que a psicologia social é indissociável da individual (FREUD, 1921/2011) e os lacanianos, de que o analista deve compreender as questões do seu tempo para analisar (LACAN, 1953/1998) e da centralidade conferida pelo psicanalista francês ao que é atual (LACAN, 1962-63/2005), que interpretamos à luz do conceito freudiano de “série complementar” (FREUD, 1916-17/2010), o qual elucida para a importância do fator atual na formação de sintomas, a partir da sua interação com a estrutura formada nos primórdios da vida do sujeito. O fator atual “pandemia” pode ser vinculado ao isolamento e ao distanciamento social, à precarização das condições de vida e de trabalho, ao *zeitgeist* de incerteza, por tudo aquilo que não pode ser visualizado no calor do acontecimento histórico, mas que no silêncio já engendra seus efeitos. Ressalte-se também a dimensão real que atravessa esses fatores atuais, atrelada a muito do que ainda permanece impossível de cernir e nomear na atual pandemia¹⁸.

¹⁸ Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o final da Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional relacionada à COVID-19 devido à tendência de declínio do número de mortes, de hospitalizações e de internações em unidades de terapia intensiva relacionadas à afecção, assim como

Esses fatores atuais do cenário pandêmico têm constituído um peso significativo para o incremento e agravamento do mal-estar estrutural dos seres falantes, fato constatado pelos psicanalistas no aumento de demanda por atendimento, conforme assinalado por Coutinho Jorge, Mello e Nunes (2020). Também cabe destacar que, no caso brasileiro, a pandemia agrava o mal-estar advindo de questões sociais lancinantes como a desigualdade social (CABRAL, 2022), a qual é historicamente extrema no Brasil e coloca este país no terrível rol das nações mais desiguais do mundo, junto com África do Sul, México e Emirados Árabes Unidos segundo dados do “*World Inequality Report*” (CHANCE et al., 2022).

A psicanálise pode contribuir com o entendimento da miríade de posições assumidas pelos sujeitos face ao real da pandemia, investigando de que forma a singularidade de cada sujeito é afetada pela catástrofe partilhada no social: por isso, faces e não fases, o que suporia linearidade nas posições assumidas e desconsideraria que o inconsciente é atemporal, no sentido de que os traumas, angústias e fantasias constitutivos de determinado sujeito não enferrujam com os anos e permanecem atuando com o mesmo vigor no inconsciente. Fases também implica homogeneização e o que há nas diversas posições assumidas é a singularidade da fantasia de cada um interagindo com o golpe real desferido pela pandemia. Tal diversidade nas posições assumidas pelos seres falantes frente à pandemia foi assinalada por Costa (2020) e Iannini et al. (2021) e cabe considerar que houve aqueles que não tiveram sua fantasia abalada pelo advento pandêmico. Como material para análise, recorreremos à literatura e aos sonhos- como já indicamos acima. O recurso à literatura é tributário da sua capacidade de antever, roçando saberes ainda no campo do semidizer, antes que a elaboração destes seja decantada em teoria (LACAN, 1965/2003). Ademais, através da literatura se busca dar um contorno de fruição ao que seria da ordem do indigesto desprazer, via artifícios fabricados pelo escritor, conforme assinalado por Freud (1908/2006). Outro elemento importante da literatura para o campo psicanalítico é sua inerente relação com o estilo e a singularidade (SCOTTI, 2007). Também recorreremos ao material significativo dos sonhos como texto capaz de captar o real da pandemia. O recurso aos sonhos, manifestações nas quais o caráter fantasístico também é marcante, decorre do renovado interesse pela temática onírica despertado pela pandemia da COVID-19. Os sonhos passaram a veicular a dimensão de angústia e de ruptura traumática vinculados à emergência sanitária deflagrada pela COVID-19, tornando-se mais intensos (DUNKER et al., 2021). Essa tese se propõe a investigar algumas faces da pandemia, via literatura e relatos de

devido à ampliação da imunidade da população ao SARS-CoV-2. Todavia, do ponto de vista epidemiológico, a COVID-19 continua sendo categorizada como pandemia (PAHO/OMS, 2023).

sonhos, encarando a pandemia como um processo em que predomina o real e para a qual se busca, insistentemente, criar sentido por diversos caminhos. Uma destas vias é a da literatura, via régia da invenção de sentido; a outra é o trabalho do sonho, via régia para acessar o inconsciente (FREUD, 1900/2001).

A pandemia, após sucessivas ondas, persiste, não obstante apresente decréscimo do número de mortes e adoecimentos graves, tendo saído da fase de resposta, na qual o enfoque é o imediato da assistência à vida- na terminologia das fases da gestão de riscos e desastres- e passado à fase de reconstrução, a qual é considerada o momento mais intrincado do desastre, pois comparecem demandas que não puderam ser atendidas durante a fase de resposta e demandas resultantes do próprio desastre, assim como é uma fase que demanda articulação de diferentes instituições (CABRAL,2022; RIBEIRO, S. G. 2022). Portanto, os efeitos psíquicos do desastre tendem a perdurar no tempo, especialmente quando se atenta ao *a posteriori* dos efeitos do trauma, o qual é favorecido no contexto dos desastres. Cabral (2022) salienta a importância tomada pelo sofrimento psíquico na pandemia ao assinalar que entre 1/3 e 1/2 da população poderá apresentar sintomas psicopatológicos articulados à emergência sociosanitária. Essa tese se debruçará, principalmente, sobre o encontro do ser falante com o real da pandemia na fase de resposta, sendo tal enfoque de relevância para compreender as marcas deixadas pela fase aguda da pandemia no psiquismo de alguns seres falantes.

No primeiro capítulo, inicialmente abordaremos a face mais flagrante da pandemia: sua face de aproximação com o real, através dos conceitos de trauma, pulsão de morte e angústia. Discorreremos sobre o conceito de trauma como efeito psíquico ligado ao inesperado e ao excessivo que rompe com o funcionamento habitual do sujeito. Não poderíamos deixar de abordar a angústia, esse afeto que assinala o real e pode ser uma das manifestações do *troumatisme* constitutivo dos seres falantes (IANNINI et al., 2021), especialmente em relação a uma doença ainda tão desconhecida (apesar dos esforços e sublimações inexauríveis dos pesquisadores) e que pode levar a morte, a figura última da castração, assim como pelas consequências que produz no *ethos* e modos de gozo dos sujeitos. Também discorreremos sobre o conceito de fantasia nas obras de Freud e Lacan, seu papel central no psiquismo, assim como abordaremos suas relações com o desejo e o gozo. Abordaremos as dimensões imaginárias, simbólicas e reais da fantasia. Versaremos sobre o registro imaginário da fantasia, articulado às imagens que comparecem na cena da fantasia. Abordaremos o registro simbólico da fantasia, vinculado à dimensão das leis que regem a estrutura de frase da fantasia. Exporemos as relações

da fantasia com o real, sua dimensão impossível de modificar, esquadrinhando sua função de envelopar o real do objeto *a*. Também abordaremos o conceito psicanalítico de sonho e o aparato conceitual que subsidia a interpretação psicanalítica do mundo onírico, como os conceitos de trabalho do sonho, conteúdo manifesto, conteúdo latente, condensação, deslocamento, figuração e transformação do sonho, além de discorrer sobre a relação entre interpretação e significante. Tal abordagem dos sonhos enfocará o caso especial dos sonhos de angústia e dos sonhos traumáticos, os quais *parecem* obstar a tese da realização de desejo dos sonhos e foram os sonhos que mais se destacaram na pesquisa realizada por Iannini et al. (2021), obra da qual extraímos dois sonhos para análise.

No segundo capítulo, abordaremos o método empregado na análise do material selecionado, os contos gestados na duração e sobre a pandemia da COVID-19, da autoria de diferentes escritores. Tratar-se-á de uma pesquisa qualitativa de abordagem psicanalítica, norteadada pelo enfoque dado ao material significante e pelo reconhecimento do inarredável furo no campo do saber. Explicitaremos os motivos da eleição das obras literárias, os critérios de inclusão e de exclusão dos contos que integram as coletâneas de contos. Discorreremos sobre o método psicanalítico de pesquisa. Posteriormente, adentraremos a seara das relações entre psicanálise e literatura e, por fim, exporemos também os motivos que embasaram a escolha do ensaio como forma de exposição da pesquisa e de seus resultados.

No terceiro capítulo, apresentaremos a análise dos contos e sonhos selecionados, considerando a dimensão opaca da linguagem e, portanto, a relevância da dimensão significante e a centralidade da ficção na tessitura do mundo em que habitam os seres falantes. Foram selecionados cinco contos e dois sonhos para análise. Nesse capítulo foi realizada a leitura do material significante do conto “47 segundos”, de Cris Guerra; do conto “Um gentil ladrão”, de Mia Couto; do conto “Duas Irmãs” de Cristiane Agostinho; do conto “Solstício de Inferno”, de Luis Giffoni e do conto “No tempo da morte, a morte do tempo”, de Julián Fuks. Foram analisados os “sonhos das escadas” e da “presença maligna” coletados e interpretados por Iannini et al. (2021), adicionando nossa contribuição a partir do uso do conceito do objeto *a*, elemento que compõe a estrutura da fantasia.

Breve definição de termos utilizados

Passemos a uma definição sintética de alguns dos principais termos utilizados na tese, com o intuito de tornar a leitura do presente escrito mais fluída e didática. Ressaltamos que esses conceitos serão abordados de forma mais detida ao longo do presente escrito

Fantasia- No quadro teórico da psicanálise, a fantasia confere cenário e forma a uma realização de desejo (FREUD, 1908/2006; SOLER, 2004). A realização de desejo está vinculada a um dos diferentes objetos parciais da pulsão (LACAN, 1962-63/2005) e decorre da ligação entre um desejo pretérito insatisfeito, uma impressão atual que deixa sua marca na superfície da fantasia e a concretização futura da fantasia (FREUD, 1908/2006; 1916-17/2006). Portanto, a fantasia é estrutural, mas em sua superfície sofre a influência de questões atuais- como é patente nas produções literárias e oníricas sobre a pandemia. A fantasia se reflete no cotidiano do ser falante (MILLER, 1987), determinando a realidade psíquica do mesmo e, por conseguinte, sua relação consigo, com os outros de suas relações sociais e com o mundo exterior (COUTINHO JORGE, 2010), que abarca o Outro social e a natureza em suas relações contínuas (BIRMAN, 2020). A fantasia visa defender do real, e, portanto, da angústia e do trauma, mas nem sempre é capaz de sexualizar completamente a pulsão de morte (LACAN, 1964/1998; SOLER, 2004). O ser falante terá uma infinidade de fantasias imaginárias ao longo da vida, sendo todas elas determinadas por sua fantasia fundamental, que é única (MILLER, 1987). Dentre as apresentações das fantasias estão os devaneios, os sonhos e as ficções produzidas pelos artistas.

Trauma- O conceito psicanalítico de trauma é indissociável da singularidade, sendo esta determinada pelo campo da fantasia (LA SAGNA, 2016). Não é suficiente para a eclosão do trauma a eclosão de uma catástrofe/ traumatismo, o qual é definido como mau-encontro (SOLER, 2004) e como acontecimento que não poderia ter ocorrido (BROUSSE, 2020a), diferindo nesse aspecto a psicanálise de outras áreas do saber, as quais equivalem o trauma, que é o efeito psíquico, ao agente externo que determina o mau-encontro (SOLER, 2004). Para a psicanálise, o trauma resulta da interação entre o mau-encontro e o modo como o ser falante processa esse acontecimento (RUDGE, 2006; SOLER, 2021b). O trauma possui relação constitutiva com o real, como impossível de simbolizar e dizer, e com a perfuração da trama simbólica e imaginária garantida pela fantasia (SOLER, 2021b). O trauma é a ruptura que se produz entre o mundo antes ordenado pelo simbólico e o real do acontecimento (MILLER et al., 2006). O trauma tem sua temporalidade dividida em dois momentos. O primeiro momento é o do encontro com o real (SOLER, 2021b), que denominamos de assalto do real. O segundo

momento será o da atribuição *a posteriori* de significação ao acontecimento a partir dos significados infantis coagulados na fantasia (FERRARI; CALMON; TEIXEIRA, 2017; RUDGE, 2003; 2006).

Angústia- Para a psicanálise norteadada pelas obras de Freud e Lacan, a angústia assinala e sinaliza a aproximação de alguma coisa que pode fazer furo na estabilidade promovida pela fantasia (COUTINHO JORGE, 2010; FREUD, 1926/2014). A angústia se relaciona a algo representado como perigo para aquele ser falante, sendo o afeto da angústia uma antecipação abrandada da situação traumática de desamparo (FREUD, 1926/2014). É um afeto que comparece em inúmeras manifestações clínicas (VIEIRA; BASTOS; TEIXEIRA, 2017), sendo central na neurose (FREUD, 1926/2014) e presente nos quadros clínicos desencadeados por situações traumáticas. Trata-se de um afeto da ordem do desprazer que indica a invasão do Eu por um gozo que marca irrupção do real, sendo a angústia um afeto que não ludibria o ser falante quanto à aproximação do real (LACAN, 1973/2003). A aproximação do real na angústia se articula à emergência, à aproximação do objeto *a* despido do revestimento da fantasia, objeto *a* que se apresenta em suas diversas figurações imaginárias. Tal aproximação do objeto *a* lança o ser falante em um lugar de objeto do Outro (LACAN, 1962-63/2005; SOLER, 2012a). Destacamos o uso recorrente de pronome indefinidos no conceito de angústia, uso que remete ao caráter indefinido do objeto *a*.

Pandemia- Morens, Folkers e Fauci (2009) assinalaram que não há consenso na definição do termo pandemia. Os autores indicam que, após a pandemia de gripe de 1918 (“1918 influenza pandemic”), o termo passou a abarcar um número muito vasto de significados. Não obstante a miríade de significados, esses pesquisadores identificaram algumas características que se repetem frequentemente no emprego do termo pandemia em relação às mais variadas doenças. Ei-las: (1) A ampla difusão geográfica da epidemia, que é o único denominador comum entre todas as pandemias. A incidência geográfica pode ser entre áreas adjacentes ou não, assim como pode ser global; (2) Movimento da doença e sua difusão via transmissão, movimentação esta que pode ser localizada entre as diferentes áreas; (3) Altas taxas de incidência e contágio explosivo, o que significa muitos casos aparecendo em pouco tempo; (4) Imunidade mínima da população; (5) Novidade, pois o termo pandemia geralmente é associado a novas doenças ou a novas variantes de organismos já conhecidos; (7) Contágio, a maioria das pandemias está relacionada ao contágio de pessoa para pessoa; (8) A severidade,

que embora não seja um critério de definição da pandemia, é usual que o termo pandemia seja aplicado a doenças fatais ou severas.

Real- O real se relaciona à falta de sentido, sendo externo ao campo da lei e da linguagem (LACAN, 1975-76/2007; LAURENT, 2004). Soler (2021a; 2021c) destaca que, como o real consiste no que resta externo à simbolização, há inúmeros reais. Trata-se de um furo estrutural, impossível de ser reduzido pela linguagem (LA SAGNA, 2016; MILLER, 2011), decorrente do *traumatismo* constitutivo da inexistência de relação sexual, que condena o ser falante à satisfação pulsional sempre incompleta (SOLER, 2004; 2021b). O acesso direto ao real é impossível e só é possível ter contato com este registro indiretamente, através dos registros simbólico e imaginário (SOLER, 2021c). A pulsão de morte está vinculada ao real, pois sua agência nos seres falantes só pode ser inferida (LACAN, 1975-76/2007). O real engendra a repetição, que leva o ser falante a, reiteradamente, ocupar o mesmo lugar de sofrimento (LACAN, 1964/1998; MUCIDA, 2014). Diferentemente do campo simbólico, no qual há um deslizamento de significantes, o real é caracterizado pelo imodificável e pela ausência de vinculação, sendo tais características do real ilustradas pela metáfora do caroço (LACAN, 1975-76/2006), o qual é caracterizado pela rigidez.

Gozo- É um conceito fulcral no ensino lacaniano, que assumiu diversos significados no decorrer da obra de Jacques Lacan. O gozo pode ser vinculado aos paradoxos e desarmonias imanentes à satisfação pulsional do ser falante, influenciando tanto nas experiências conscientes de prazer quanto nas experiências de sofrimento (MILLER, 2005; SALIM, 2019). Lacan (1969-70/1992) empregou a metáfora do Tonel das Danaides para pensar o gozo. O mítico Tonel das Danaides é destituído de fundo e, por conseguinte, nunca é totalmente preenchido, ilustrando o caráter insaciável e excessivo do gozo, assim como a busca eterna que o caracteriza (SALIM, 2019). Outra característica central do gozo é que se relaciona à satisfação pulsional, não possuindo relação com o campo da utilidade (LACAN, 1972-73/2008).

1 NAS ENTRANHAS COM A PESTE: ENTRE OS MIASMAS DO TRAUMA E AS LUVAS DA FANTASIA

Seguir a vereda de falar sobre questões ainda tão lancinantes, na duração do próprio acontecimento da pandemia constitui uma escolha de trajeto que mergulha duplamente na dimensão da peste. Para pensar a “peste” da pandemia da COVID-19, utilizamos a teoria psicanalítica, sempre arredia, subversiva e polêmica a ponto de o próprio Freud ter qualificado¹⁹ o método que fundou de “a peste” (LACAN, 1955/1998). Haveria perífrase mais adequada a um método que visa lançar luz sobre conteúdos psíquicos tão desprazerosos e insuportáveis que motivaram seu esquecimento ativo nas brumas do recalque? Para uma teoria e uma técnica que propõe atravessar os rios do Aqueronte e discorrer sobre tudo aquilo a respeito do que o sujeito gostaria de silenciar, numa época em que os mais diversos produtos ofertam o silenciamento pelo consumo? Utilizaremos a peste analítica para analisar a incidência psíquica da peste da COVID-19, a pandemia, esse real que ainda nos assola e nos assolou em sua nudez e sua crueza nos momentos mais agudos da pandemia, quando a COVID-19 percutiu um furo nos saberes instituídos em discurso.

Para adentrar nas estranhas da peste, tocar indiretamente com luvas conceituais isso que concerne às fronteiras do inassimilável do vivente, pois sem ordem e sem lei, do real lacaniano (LACAN, 1975-76/2007) e tão marcante na dimensão do gozo, do trauma e da angústia, fez-se mister utilizar as paradoxais ferramentas de sentido, na intersecção dos registros simbólico e imaginário, denominadas de “conceitos”. Os conceitos são imaginários por veicularem sentido (LACAN, 1975-76/2007) e simbólicos porque sua estrutura significante é determinada de modo diferencial em relação aos outros significantes do código, um grande Outro que é o baú do tesouro de significantes (LACAN, 1953/1998). As ferramentas conceituais eleitas foram “trauma”, “angústia”, “morte” e “fantasia” e também empregaremos os conceitos a eles adjacentes como “gozo”, “pulsão”, “real” “simbólico” e “imaginário”.

Esse capítulo visa, primeiramente, apresentar os conceitos psicanalíticos de pulsão, angústia, morte e trauma. Ou seja, nos primeiros tópicos enfatizaremos o real em jogo na pandemia. No último tópico, discorreremos sobre o conceito de fantasia, alicerce da realidade

¹⁹ Lacan (1955/1998, p. 404) afirmou que o próprio Jung lhe relatou que testemunhara a seguinte fala de Freud ao chegarem a Nova York para as conferências na Clark University: “Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste”.

psíquica na neurose e óculos através dos quais cada ser falante representa e se defende do real traumático que é marcante na pandemia. Também abordaremos o conceito de sonho, o qual constitui uma modalidade de expressão da fantasia e que face ao real tão disseminado na pandemia tenta elaborar tal catástrofe. Em outras palavras, no derradeiro tópico desse capítulo analisaremos as relações entre a fantasia, que atravessa os três registros psíquicos e pode viabilizar um destino menos mortífero às pulsões, e o real traumático da pandemia: a fantasia também pode ser comparada às luvas com quais se torna possível tocar o miasma traumático sem ser, necessariamente, por ele destruído. Embarcaremos nessa jornada teórica a partir do texto freudiano, lacaniano, seus comentadores e outros autores que trouxeram contribuições a respeito do nosso objeto. Iniciaremos com o conceito de pulsão, haja vista que esse é um conceito fundamental em psicanálise (LACAN, 1964/1998), não sendo possível discorrer sobre os conceitos de trauma e angústia sem abarcar os conceitos de pulsão de morte e real. Ademais, é com a formulação do conceito de pulsão de morte, um dos tipos da pulsão no segundo dualismo pulsional, que Freud (1920/2010) avançará na sua definição do conceito de trauma (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020). A pulsão de morte também é essencial na repetição tíquica que pode sobrevir ao trauma.

O escopo desta tese consiste em analisar esses tempos pestilentos, a pandemia da COVID-19, esse fenômeno social complexo marcado pela iminência constante do adoecimento e da morte que atravessa os sujeitos e seu mal-estar a partir dos conceitos de trauma, angústia e fantasia. Consideramos relevante para a compreensão da emergência sanitária da pandemia da COVID-19 e de seus efeitos sobre as vidas dos seres falantes a utilização desses três conceitos que se inter-relacionam para pensar o mal-estar de um período iniciado com mudanças radicais no cotidiano dos sujeitos, marcado por inúmeros riscos e pela incerteza, haja vista que o trauma é, sobretudo, uma hipótese, sendo acessível através da fala do analisante e de suas vivências de angústia. As produções psíquicas na fala e na escrita são estruturadas pela fantasia, esta sim materializada nos sujeitos como realidade psíquica, sendo também a vacilação da fantasia produtora de angústia (LA SAGNA, 2016; SOLER, 2021b). Portanto, trauma, angústia e fantasia são conceitos que se entrelaçam de forma patente na produção das experiências subjetivas em momentos de catástrofe (LACAN, 1964/1998). Ainda mais patente na experiência dos sujeitos é a angústia, como resposta ao real traumático que possui articulação com a fantasia, indicando a iminência de que algo fará um furo na consistência psíquica fornecida pela tela fantasmática (COUTINHO JORGE, 2010). Portanto, há uma ligação fundamental entre trauma, angústia e fantasia (SOLER, 2021b), sendo a angústia a dimensão

que se apresenta de forma evidente e à primeira vista para o *falasser* e para o psicanalista a quem aquele procura com o intuito de dirimir um sofrimento excessivo (BULAT-MANENTI, 2011; LACAN, 1964/1998; SOLER, 2011a).

Cabe um breve esclarecimento acerca da terminologia utilizada para fazer referência ao sujeito da psicanálise nesse trabalho. Nós utilizamos as traduções do termo “*parlêtre*”, traduzido como *falasser* ou ser falante em detrimento do termo “sujeito”. O termo sujeito, representado por \$, veicula a primeira concepção do sujeito na obra lacaniana, a qual enfatiza a divisão psíquica a partir do registro simbólico, registro da linguagem, representando o sujeito como um significante enquanto representado para outro significante. Ou seja, o sujeito é um vazio, determinado na articulação da cadeia significante que provém do Outro e não há nenhuma referência ao gozo ou ao corpo. Trata-se de um conceito que reverbera um momento das elaborações lacanianas caracterizado pela hegemonia do simbólico e que não considerava a ubiquidade do gozo (LACAN, 1960/1998; PEREIRINHA, 2011; QUINET, 2012). Adotamos o conceito de ser falante pois ele considera as novidades teóricas trazidas pelo seminário XX, com a ampliação do campo do gozo e a necessidade de ampliar o conceito de sujeito. “*Parlêtre*” abarcará as dimensões do gozo e do significante, situadas como indissociáveis, pois o significante deixa marcas no corpo, erogeneizando-o, e a fala produz gozo (KATO; 2014; MILLER, 2008a).

1.1 PULSÃO DE MORTE, TRAUMA E REPETIÇÃO

Rudge (2006) assinala que o significante trauma pouco varia entre os distintos códigos linguísticos do Ocidente. Trauma possui etimologia grega, originando-se do vocábulo ‘*traumatōs*’ cuja significação original é de ferida. No discurso médico, trauma designa lesões devidas a fatores externos (IANNINI et al., 2021; RUDGE, 2006). O conceito psicanalítico de trauma emerge nos primórdios da obra freudiana, já constando nas suas primeiras publicações psicanalíticas. Em “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” (FREUD, 1893/2006), afirma-se que o trauma está na gênese da histeria, seja ela traumática ou comum. Conforme será exposto no decorrer desse tópico, o trauma é vinculado a um excesso, a uma experiência que remete a afetos penosos, os quais poderão ser “susto, angústia, vergonha ou dor física” (FREUD, 1893/2006, p. 41). Outro elemento muito importante destacado no referido texto é a agência das singularidades na determinação da experiência como traumática ou não. Sobressai-se já nesse texto redigido em colaboração com Josef Breuer uma dimensão

fundamental do trauma para o então futuro campo psicanalítico: o trauma é uma vivência subjetiva e depende de características singulares do sujeito, as quais fabricarão sua maior fragilidade ou capacidade de defesa ante determinadas vivências.

Contudo, será apenas com a formulação do conceito de pulsão de morte que a abordagem do trauma será aprofundada, tornando os conceitos de trauma e pulsão de morte intimamente entrelaçados. Antes de abordar a definição de pulsão de morte, faz-se necessário definir o conceito de pulsão, os componentes pulsionais e os princípios do funcionamento psíquico. Não abordaremos as quatro vicissitudes pulsionais, pois tal abordagem fugiria do escopo do presente capítulo. Tal embasamento é um passo necessário para esquadrihar com profundidade o tema em apreço.

Em “O instinto e suas vicissitudes”, a pulsão é apontada por Freud (1915a/ 2010) como uma suposição teórica necessária ao progresso da psicanálise, convenção da qual as ciências se servem quando necessário ao avanço do conhecimento, como aponta Lacan (1964/1998). Contudo, não obstante a situação epistêmica desse conceito, a pulsão nunca deixa de manifestar sua agência na experiência analítica. Trata-se de um conceito que explicita os diversos intercâmbios entre psiquismo e corpo, tendo sido criada como ferramenta teórica para explicar a satisfação paradoxal do recalcado nas inervações somáticas dos casos de histeria de conversão que se apresentavam na clínica de Freud. A pulsão assinala uma disjunção radical entre o campo da satisfação e do instinto no ser falante (NOGUEIRA FILHO, 1999), sendo o sujeito passível de se satisfazer de formas que lhe são nocivas. As aglomerações na pandemia e a renitência em seguir recomendações sanitárias testemunham que os seres falantes são governados pela pulsão, que sobrepuja, por vezes, a sobrevivência do próprio organismo. No conto “A praça” de Carlos Herculano Lopes (2020), o protagonista assim se porta face à pandemia:

Sem dar ouvidos à sua mulher, nem às notícias trazidas pela imprensa de que deveria ficar em casa, ou sair o mínimo possível, porque uma doença mortal, de origem desconhecida, estava se alastrando, todas as tardes, tão logo voltava do trabalho, ao qual dedicava dez horas do seu dia, aquele homem que se recusava a acreditar em “alarmismos”, como não se cansava de repetir, fazia um lanche. Depois calçava o tênis, colocava uma bermuda e ia caminhar em uma praça, que ficava a uns poucos quarteirões de casa (LOPES, 2020, p.37).

A entrada no mundo da linguagem gera uma perda do saber instintual sobre o sexo (LACAN, 1964/1998). O instinto é caracterizado por ser um saber fixo e inato que visa à sobrevivência do organismo e à reprodução, em suma, à sobrevivência da espécie (SOLER,

2019). Perdido o guia fixo do instinto, a pulsão emerge quando as necessidades fisiológicas do projeto de sujeito denominado de bebê passam pelos desfiladeiros significantes do Outro que exerce a função materna²⁰, sendo por ele interpretados como demanda. Contudo, como em toda interpretação, algo se perde e é deixado um resto insatisfeito que funda o desejo para sempre insaciável do sujeito e do qual provém a pressão incessante da pulsão. O processo acima descrito consiste no momento lógico da primeira vivência de satisfação, fundador do desejo como vazio e que configura a necessidade dos seres falantes em sua sujeição e transfiguração pela linguagem, do que decorre o advento da pulsão (BROUSSE, 1997; LACAN, 1964/1998; MILLER, 2008a). Portanto, o *Trieb* freudiano em nada se relaciona com o instinto animal- a despeito de alguns equívocos provocados pelas traduções²¹- mas sim é o resto que se precipita da demanda do Outro, isto é, da transfiguração da necessidade através da passagem pela articulação significativa (BROUSSE, 1997). A introdução do significante funda o corpo pulsional, distinto do organismo e indissociável do Outro, pois a pulsão é a reverberação dos enunciados -ou ausência de determinados enunciados- e enunciações do Outro (LACAN, 1975-1976/2007).

Freud (1915a/2010) define a pulsão como um estímulo endógeno oriundo do corpo e direcionado ao psiquismo, que, diferindo dos estímulos externos cuja tensão é passível de ser extinta, engendra um trabalho psíquico contínuo, pois a tensão é impossível de ser completamente descarregada. A pulsão consiste num perigo do qual não se pode fugir, tanto por ser interno quanto por ser constante. Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/2010) define a consciência como polo da percepção de estímulos tanto internos quanto externos. Nesse escrito, aponta-se que a consciência é capaz de filtrar os estímulos externos que lhe chegam. Parece-nos que tal asserção se refere ao campo da neurose, no qual há uma possibilidade de diferenciar os elementos da percepção entre essenciais e secundários, diferindo da psicose na qual o sujeito é invadido por uma miríade de estímulos, todos possuidores de uma alta densidade de sentidos (TEIXEIRA; SANTIAGO, 2017). Por outro lado, em relação às pulsões, não há anteparo psíquico e as pulsões incidem diretamente, engendrando afetos da ordem prazer-desprazer. Por esse motivo, a série prazer-desprazer é mais relevante para o psiquismo que os estímulos externos (FREUD, 1920/2010).

²⁰ Em tempos de adensamento da segregação, é importante ressaltar que qualquer *falasser* pode exercer tal função, independentemente de seu gênero.

²¹ Hanns (1996) aponta o vocábulo alemão *Trieb* como um dos que provoca maior polêmica na obra freudiana devido à amplitude do campo semântico do termo.

Freud (1915a/2010) apresenta a pulsão dividida ou desmontada, como o disse Lacan (1964/1998) a fim de conferir relevo à descontinuidade entre esses elementos (COUTINHO JORGE, 2005), em quatro elementos: a fonte, a meta, o objeto e a pressão. A pressão ou o impulso é o motor da pulsão, constituindo a tendência à descarga e sendo, portanto, a força responsável por mobilizar o trabalho psíquico. A pressão varia entre diferentes seres falantes e Lacan (1964/1998) ilustra essa diferença pela metáfora da goela: há goelas maiores e menores. A fonte pulsional é uma zona erógena, que tem sempre uma estrutura de borda. A borda é caracterizada por ser um limite entre o corpo do ser falante e o mundo externo, no qual se destaca o Outro, que a partir de sua demanda erogeneiza determinada parte do corpo, que só então se tornará erógena.

O objeto consiste na coisa através da qual a pulsão se satisfaz, podendo ser uma pessoa, objeto inanimado ou ideal. Diferindo do instinto, que possui uma marcante fixidez quanto ao objeto que sacia a necessidade, a pulsão, que é fundada pelo desejo, possui como elemento mais variável o objeto, que pode ser trocado de acordo com as vicissitudes pulsionais do *fallasser* (FREUD, 1915a/2010). Contudo, sabemos com que teimosia e persistência o psiquismo se apega a determinados modos de satisfação e aos objetos que parecem propiciar tal satisfação. No conto “A praça” (LOPES, 2020), o protagonista não abre mão de sua satisfação pulsional de ir caminhar na praça, a despeito da fala da mulher e do que o protagonista qualifica como “alarmismos”. Antes de ir à praça, contudo, ele faz um lanche. A especificidade do significante lanche no âmbito do conto permite pensar na analogia de Lévi-Strauss (1949/1985) entre o inconsciente e o estômago: ambos são indiferentes aos conteúdos que lhes chegam. Tal analogia aponta para o funcionamento do inconsciente, no qual prevalecem as leis estruturais sobre os conteúdos. Utilizamos o verbo “parecer” no que concerne aos objetos de satisfação de modo proposital para marcar uma mudança introduzida por Lacan (1964/1998) em relação à pulsão mediante a tessitura da noção de objeto *a* tal qual comentado por Coutinho Jorge (2005) em relação à obra lacaniana. A noção de objeto *a* aponta a inscrição psíquica de um vazio impossível de preencher. O objeto *a*, objeto para sempre perdido do desejo, jamais poderá ser encontrado nos objetos do mundo (COUTINHO JORGE, 2005; VIEIRA, 1999) e por isso a pulsão é impossível de satisfazer completamente, sendo marcada por um perene vaivém, contornando o objeto *a* e retornando à zona erógena (LACAN, 1964/1998). Portanto, a noção de objeto *a* fundamenta teoricamente a polimorfia de objetos da pulsão (COUTINHO JORGE, 2010).

A meta da pulsão é a descarga ou satisfação, que para Freud (1915a/2010) configura o prazer, o qual pode se manifestar de forma bastante disfarçada para a consciência como sofrimento. Na obra de Lacan, a satisfação das pulsões é denominada de gozo. O gozo é um conceito multívoco no ensino de Lacan, contudo é possível relacionar, em linhas gerais, o gozo aos paradoxos, excessos e desarmonias inerentes à satisfação do ser falante. O gozo determina tanto as experiências de sofrimento quanto as de prazer para a consciência (MILLER, 2005a). Lacan (1969-70/1992) relacionou o gozo ao mito grego do Tnel das Danaides, tonel que não têm fundo, logo nunca é preenchido por completo. Tal metáfora aponta para a insaciabilidade do gozo, que impele o sujeito à busca eterna, assim como assinala algo da ordem da perturbação como constitutiva do gozo.

O conceito de pulsão de morte é fundamental para a compreensão do trauma em psicanálise. Trata-se de um conceito freudiano, urdido à época do falecimento de sua filha Sophie devido à gripe espanhola em 1920 (KOVALSKI, 2020) e das considerações freudianas acerca do impacto da Primeira Guerra Mundial sobre a vida europeia. Consideramos um preâmbulo importante à abordagem do conceito de pulsão de morte em suas articulações com o trauma traçar um breve panorama teórico freudiano anterior à virada teórica de 1920.

Em “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (FREUD, 1915b/2010), Sigmund Freud irá em um primeiro momento testemunhar sua decepção com os padrões éticos dos povos e Estados europeus que considerava civilizados e que, na guerra, o surpreenderam com sua brutalidade, e, por fim, conclui que a guerra frustrou uma ilusão. Uma ilusão consiste em uma crença que propicia satisfação pulsional, pois é de tal forma influenciada por um desejo que desconsidera as relações desse desejo com a realidade. Em sua aderência majoritária ao princípio do prazer, a ilusão corre o risco de ser frustrada pela realidade (FREUD, 1915b/2010; 1927/2006). A ilusão ilustra as características fundamentais do princípio do prazer: é um prazer rápido, de magnitude ampla e de caráter inseguro (FREUD, 1911/2010). Essa figura do princípio do prazer é acertada em cheio pela violência da Primeira Guerra Mundial, pois Freud constata que os pendores pulsionais dos europeus nunca haviam se tornado tão sociais como aparentavam e aguardavam apenas o rebaixamento das exigências civilizatórias para sair da clandestinidade, destacando que a guerra é uma das situações que rebaixam a aptidão cultural, isto é, a possibilidade de transmutar pulsões egoístas em pulsões sociais. Portanto, o que primeiro se perdeu na guerra foram os semblantes sob os quais se alicerçava a sociedade

européia (RAMON, 2020). Lacan (1971/2009) articulará o semblante ao significante e ao agente do discurso, assim como o contraporá à dimensão do real e da pulsão de morte. O semblante constitui o agente do discurso, sendo responsável por veicular sua verdade e regular seu funcionamento, necessitando para promover o ordenamento social que sua fala seja tomada como verdade (LACAN, 1996-70/1992; 1971/2009). A erosão do semblante é feita pela irrupção do real, acontecimento no qual se destaca a agência da pulsão de morte. Soler (2018b) destaca a aderência dos seres falantes ao semblante e que o semblante consiste no significante em sua vinculação com o imaginário, na medida em que produz imagens.

Em “Considerações atuais sobre guerra e morte” (FREUD, 1915b/2010), as pulsões são definidas como de natureza elementar e visando a uma satisfação primitiva, não sendo boas nem más *per se*, mas sendo valoradas como tais de acordo com as necessidades e exigências da cultura. Contemporâneo ao texto “Introdução ao narcisismo”, esse texto enfoca a divisão entre pulsões egoístas e pulsões sociais, enfatizando a destrutividade das pulsões egoístas quando estas não são temperadas pelas coações internas e externas que, em nome da necessidade de amor humana, mobilizam o sujeito a abrir mão de suas satisfações egoístas (FREUD, 1914/2010). Esse quadro teórico permite relacionar a satisfação irrestrita das pulsões, aquela que não é tolhida pelas exigências civilizatórias, à destrutividade e propõe que o mandamento civilizatório “Não matarás” é uma tentativa de coibir um impulso pulsional igualmente forte (FREUD, 1915b/2010).

O conteúdo de “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” permite analisar algumas práticas que se reiteraram no contexto pandêmico brasileiro. Trata-se de uma doença infecciosa cuja profilaxia consiste no distanciamento social, uso de máscaras e lavagem constante das mãos. Visando à preservação da vida e à promoção da saúde, que são direitos constitucionais dos brasileiros (BRASIL, 1988), governadores instauraram decretos para fechar bares e restaurantes. Houve constantes burlas a esses decretos e, para citar um exemplo, tornou-se célebre a cena da zona sul carioca invadida por seres falantes sem máscara, promovendo aglomeração para fruir da noite enquanto, simultaneamente, havia poucas vagas nas UTIs do estado (RIBEIRO, G., 2020). Na pandemia, contexto que De Souza (2020) e Ramon (2020) apontam como passível de rebaixar a aptidão cultural, comparando o atual contexto de ruptura àquele da Primeira Guerra e utilizando a linguagem bélica para tecer essas comparações, verificam-se inúmeras práticas de desrespeito às medidas sanitárias. Freud (1915b/2010) ressalta que não podemos perceber as pulsões de outrem, apenas podemos inferi-las dos seus

comportamentos. Uma leitura possível do que mobilizou o comportamento dos seres falantes que lotaram esses bares e restaurantes, ressaltando o caráter de hipótese de nossas assertivas, é de que em nome da liberdade de ir e vir, o fizeram movidos por pulsões egoístas que visam somente à própria satisfação e, nesse caso, a despeito da própria saúde e da do outro. O cenário pandêmico brasileiro, com a evitável somatória de mais de setecentas mil mortes, revela com toda clareza em seu mal-estar social como a satisfação das pulsões egoístas em seu estado puro²² é destrutiva para o laço social.

Ferrari, Januzzi e Guerra (2020) assinalam o entrelaçamento entre o pacto civilizatório e as medidas sanitárias. Por sua vez, Gurski e Perrone (2021) apontam os impactos de erosão do laço social desencadeados pela crise sanitária. Contudo, faz-se mister ressaltar alguns pontos que veiculam nossa ressalva com relação à concepção de que as medidas sanitárias sejam capazes de, por si só, urdirem e fornecerem consistência ao laço social, o qual já estava corroído e fragmentado antes da irrupção da pandemia devido à agência prevalente e conjunta do discurso do capitalista e do discurso da ciência na atual civilização. O discurso da ciência, o qual embasa as recomendações sanitárias, é caracterizado pela tentativa de universalização, promovendo um empuxo à homogeneização dos gozos. Resulta disso que os gozos heterogêneos são segregados, gerando no laço social significativos pontos de exclusão (SOLER, 1998). Ademais, o gozo em seu cerne visa somente à satisfação pulsional, tendendo em uma medida variável, conquanto irredutível, a ser arredio ao pacto civilizatório e aos discursos que o sustentam, os quais possuem como condição necessária a limitação desse gozo. O conflito entre renúncia pulsional e exigências civilizatórias está presente nas mais variadas

²² Algumas práticas de risco à saúde no contexto da pandemia podem ser articuladas ao conceito de *narcinismo* (SOLER, 2011b; 2012). O neologismo *narcinismo* criado por Colette Soler (2011b) une os termos narcisismo e cinismo. Freud (1914/2010) define o narcisismo como o investimento libidinal no Eu, responsável por criar essa instância psíquica, e que somente em um momento posterior é vertido para objetos. O cinismo é uma posição que Santiago (2001) e Soler (2011b; 2012) atribuem ao *falasser* que visa somente ao próprio gozo, a despeito das consequências desse gozo para o Outro. A figura do *narcínico* se dissemina na atualidade, momento no qual as causas coletivas foram esvaziadas, e tem como característica principal tomar como única causa o próprio gozo, orientando suas ações pela consideração exclusiva da própria satisfação pulsional, sem ponderar as consequências que seu gozo pode ter para os outros e, quiçá, para si próprio a longo prazo. Parece-nos que a reiterada inobservância das restrições de gozo impostas pelas medidas sanitárias durante a fase mais aguda da pandemia tem uma articulação com a disseminação do *narcinismo* e a proliferação de *falasseres* que, por exemplo, escolheram priorizar a própria liberdade de não cobrir o rosto com a máscara ou de sair às ruas seguindo apenas as normas do próprio gozo em detrimento da sua saúde e do outro. De modo distinto, a execução das medidas sanitárias de prevenção e controle à COVID-19 pode estar relacionada ao reconhecimento da própria incompletude e fragilidade ante a célere disseminação do vírus, assim como indicar uma aceitação da renúncia pulsional necessária à manutenção da civilização (FREUD, 1930/2010). Ressalte-se que a preservação da civilização, na fase de reposta da pandemia, passou pela adoção das referidas medidas sanitárias. É importante destacar também que no período da fase de resposta da pandemia da COVID-19, marcado por importantes tensões políticas e por ações negacionistas da extrema-direita, houve um uso político da adoção ou recusa das medidas sanitárias.

culturas, configurando-se na “causa da hostilidade que todas as culturas têm de combater” (FREUD, 1930/2010, p.40), estando também presente na civilização atual em relação às medidas sanitárias. Em relação às medidas sanitárias, as quais visam ordenar o gozo dos sujeitos, verifica-se em todos os Estados que não são totalitários, o malogro constante no objetivo de ordenar o gozo em nome da preservação da vida, pois a adoção dessas medidas está condicionada à ética singular de cada ser falante em relação à renúncia pulsional imposta por essas medidas (LAURENT, 2020). Além disso, o discurso capitalista que, paradoxalmente, governa a atualidade sem promover laço social, já delineara antes da pandemia um cenário marcado pelo imperativo de gozo, pelo individualismo extremo e pela precarização das relações com o outro (LACAN, 1969-70/1992; SOLER, 2011b).

Com a virada teórica do segundo dualismo pulsional, Freud (1920/2010) passou a relacionar o trauma ao conceito de pulsão de morte. Em “Além do princípio do prazer”, o trauma é compreendido a partir de uma perspectiva econômica de *quantum* de energia. O trauma decorre de um excesso de estímulos que provoca uma ruptura no psiquismo, especificamente na barreira contra estímulos situada na consciência, a qual constitui um filtro necessário para que o psiquismo não seja invadido pela miríade de estímulos presentes no mundo externo. Contudo, tal ruptura está condicionada ao fator surpresa, como enfatizam Dunker et al. (2021) em relação à inexistência de saberes que previssem a experiência da pandemia. Sim, havia previsões dos organismos de saúde sobre a iminência da catástrofe, mas em que medida tais previsões protegem o sujeito daquilo que nesse mau-encontro irrompe como inesperado por subverter, em muitos casos, o princípio do prazer? Os combatentes da Primeira Guerra sabiam do contexto horrível que os aguardava, mas o horror ainda assim os tomava de assalto. Pereirinha (2020) também apontou a função do espanto no advento da pandemia, devido ao furo que a pandemia trouxe nas fórmulas e discursos estabelecidos, com seus saberes se chocando com um mortal enigma (ABREU et al. 2020; FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020), com destaque para o discurso da ciência que parecia ter decifrado as leis do real da natureza (BASSOLS, 2020a; LAURENT, 2004). Ante o enigma trazido pelo vírus, marcando uma falta de saber e uma dissolução de sentidos, ocorreu a ruptura traumática. Tal ruptura é experimentada pelo *fallasser* como surpresa ou terror ante uma situação inesperada para a qual não houve a preparação da angústia, a qual geraria um alto investimento psíquico na percepção e prepararia para manejar tal estímulo excessivo.

Posteriormente, em “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, 1926/2014), a eclosão do trauma permanecerá sendo vinculada à ausência de angústia. Há um elo entre os dois conceitos que permite entender sua relação de mútua exclusão no momento de produção do trauma. Trata-se do conceito de desamparo. O desamparo é constitutivo da experiência do *fallasser* devido aos perigos incessantes que emanam do mundo circundante, da relação com o outro e com o próprio corpo, sendo possível que tais perigos ocorram de forma alternada ou concomitante (FREUD, 1927/2006; 1930/2010). A situação de desamparo é desencadeada ante um perigo que o Eu avalia como superior às suas forças para dele se defender ou fugir, podendo tal desamparo ser material ou psíquico. A situação de desamparo é traumática por si só, pois abarca uma exigência que extrapola os recursos psíquicos do *fallasser*, e por isso é avaliada como excessiva. Por sua vez, a angústia antecipa a situação traumática de desamparo de modo atenuado, com o intuito de evitá-la, de maneira análoga a uma vacina (FREUD, 1926/2014).

Partindo dessas teorizações freudianas, é possível compreender a dimensão de trauma generalizado da pandemia apontado por Gallano (2020): os *fallasseres* foram subitamente arrancados do seu cotidiano por um excesso de inesperados estímulos, muitos dos quais foram representados como perigos em relação aos quais os *fallasseres* se encontravam desamparados, sem o simbólico do discurso da ciência para abrandar os perigos da nova doença e, no caso do Brasil, sem o amparo de um presidente à altura dos desafios resultantes do surgimento da crise sanitária. Não houve preparação, havia parques referenciais simbólicos dos saberes instituídos capazes de dar contorno ao real que invadia, vinculado à ruptura do cotidiano, à morbidade e à mortalidade. Outro elemento que concorre para a dimensão traumática da pandemia é a insuficiência dos sistemas de saúde para atender à demanda gerada pela rápida multiplicação de casos. Trata-se da dimensão generalizada do desamparo na pandemia, conforme teorizada por Ferrari, Januzzi e Guerra (2020) que advém de que, no cotidiano, a precariedade do Sistema Único de Saúde e a transformação da saúde em mercadoria fazem com que a saúde se transmute de direito em privilégio dos que podem pagar, o que é tragicamente confirmado pelos maiores índices de mortalidade estarem no segmento populacional mais pobre. Ante a exiguidade de referenciais simbólicos para tentar dar um contorno à inundação do real, houve um adensamento do imaginário relacionado ao vírus (BARROS, 2020), sob a forma de criação de sentidos fixos e ampliação da agressividade em relação ao outro, agora suspeito de portar a morte em si. Tal adensamento imaginário está presente no negacionismo, mas também na agressividade dirigida ao outro por seres falantes cômicos da gravidade da pandemia e que passaram a relacionar o outro ao perigo de contaminação. Elencamos também a invisibilidade do perigo, um perigo que

é de difícil localização, podendo estar presente e ser transmitido por sujeitos assintomáticos (BASSOLS, 2020a), fato que agrava o desamparo e gera defesas que buscam localizar o perigo. Bonnaud (2020) traz como exemplo o medo que muitos passaram a nutrir dos profissionais de saúde, tomando-os como vetor provável de contaminação.

Ante a ampla desestabilização de libido produzida pelo trauma, seja pelos excessos de estímulos, seja pela ausência de recursos simbólicos para manejar tal excesso (BERTA, 2010), o psiquismo operará mudanças significativas em seu funcionamento (FREUD, 1920/2010; IANNINI et al., 2021). O trauma leva o *falasser* a retomar um funcionamento psíquico distinto dos princípios de realidade e do prazer: a compulsão à repetição. Faz-se mister uma breve definição destes princípios de funcionamento psíquico para que possamos empregá-los de forma rigorosa na pesquisa em execução.

O princípio do prazer está relacionado à diminuição ou manutenção da constância da tensão psíquica, sendo a descarga de tensão sentida como prazer (FREUD, 1920/2010; LACAN, 1966/2001). Lacan (1964/1998; 1966/2001) se refere ao princípio do prazer como homeostase psíquica. Trata-se de um método de funcionamento psíquico regido pelo processo primário que opera com libido móvel. O *falasser* que se submete somente a seu primado desconsidera os perigos do mundo externo, colocando-se em situação de vulnerabilidade (FREUD, 1920/2010). Outra característica desse princípio é que ele representa uma tendência importante no psiquismo, embora inúmeros perigos venham fazer obstáculo a sua consecução (FREUD, 1930/2010). O princípio de realidade é uma modificação do princípio do prazer que leva em consideração os perigos do mundo externo, sendo marcado pelo atraso na satisfação e produção temporária de desprazer em prol de uma fruição mais módica e segura no futuro. O princípio de realidade é regido pelo processo secundário, que opera com libido ligada e com a produção de prazer muito menos intensa que a do processo primário. O princípio de realidade é vinculado ao trabalho psíquico do tipo ação, o qual leva em conta o campo da realidade (CARAVELLI, 2005). O princípio do prazer e o de realidade serão situados no segundo dualismo pulsional no polo das pulsões eróticas, que visam manter as coisas unidas, formando unidades cada vez maiores, além de estar associada à própria constituição do aparelho psíquico (FREUD, 1920/2010).

A compulsão à repetição, mais primitiva e mais pulsional que os princípios supracitados, opera a favor da redução das tensões no psiquismo de um modo extremo,

constituindo-se no princípio dominante no psiquismo. A compulsão à repetição tem um caráter conservador e pode levar em conta o princípio do prazer, como ocorre na insistência das crianças de que a mesma história lhes seja contada com exatidão em cada minúcia, ou desconsiderá-lo por completo, como ocorre na repetição no âmbito transferencial, na compulsão de destino e nos sonhos das neuroses traumáticas. A compulsão à repetição está articulada ao funcionamento da pulsão de morte (COUTINHO JORGE, 2010), que é responsável pelo desligamento e ruptura no psiquismo, assim como pela tentativa de erradicar o excesso de tensão ligado à vida. Caravelli (2005) ressalta que a compulsão à repetição é uma tentativa de domínio da pulsão de morte. A reiteração insuportável do trauma demonstra que a compulsão à repetição é o modo fundamental de funcionamento psíquico, reinando no processo primário e subjogando o princípio do prazer na tentativa de ligar o trauma (FREUD, 1920/2010; LACAN, 1964/1998). Portanto, é possível afirmar que a incidência do trauma no psiquismo promove a hegemonia do gozo vinculado à pulsão de morte. Tal prevalência da pulsão de morte decorre da perfuração da tela fantasmática operada pelo trauma, conforme será abordado no tópico 1.3. O funcionamento do princípio de realidade e do prazer são colocados temporariamente em suspenso até que o trabalho de simbolização do trauma seja realizado.

A compulsão à repetição é manifestada no agir, caracterizado pela impulsividade-reveladora da força selvagem da pressão pulsional- pela repetição e pelo caráter irreal. O agir da compulsão à repetição comparece no *acting out* e na passagem ao ato (CARAVELLI, 2005), conceitos que Lacan (1962-63/2005) considera inteiramente distintos. O *acting out* comporta uma mensagem direcionada ao Outro, sendo a dimensão do mostrar fundamental nessa forma de agir, conquanto o que mostre é da ordem de um desejo desconhecido para o próprio falasser (LACAN, 1962-63/2005). Por sua vez, a passagem ao ato caracteriza o sujeito que evade da cena, realizando uma aposta sem o Outro (LACAN, 1962-63/2005; RABINOVICH, 2004). Na pandemia, verifica-se um adensamento do real traumático, o qual poderá se manifestar via sonhos ou sintomas, conforme assinalam Iannini et al. (2021). Contudo, o aumento da violência em âmbito doméstico, o acréscimo dos conflitos entre vizinhos e familiares em decorrência das diferentes posturas éticas pessoais em relação às medidas sanitárias e o advento de conflitos em espaços públicos devidos às restrições sanitárias indicam que também pode haver algo da ordem do *acting out* e da passagem ao ato como formas de lidar com o real, indicativas da precarização do simbólico e expressas na dificuldade de dialogar.

No início da pandemia, avultaram os números de sonhos relatados, seja no *setting* analítico virtual ou nas redes sociais, este estranho espaço público virtual que favorece a formação de massas²³, a relação imaginária com outros perfis e no qual a discussão é empobrecida, pois o *falasser* se limita às bolhas nas quais há outros *falasseres* que partilham os mesmos ideais (DE LEMOS, 2018). Os sonhos na pandemia são considerados por Iannini et al. (2021) como análogos àqueles das neuroses traumáticas. Ou seja, trata-se de sonhos mobilizados pela compulsão à repetição e não pela realização do desejo, portanto são sonhos que visam, primeiramente ligar o excesso de excitação via repetição da cena traumática e produzir a angústia que teria prevenido contra o trauma ligado à irrupção da pandemia, numa tentativa de elaborar o litoral do insuportável trazido pela pandemia. No contexto do estudo do trauma, é importante precisar a acepção na qual Lacan (1971/2009) toma o termo litoral. Litoral designa o limite entre dois domínios heterogêneos entre si (LACAN, 1971/2009). O litoral no contexto da irrupção do trauma indica a introdução do registro real, radicalmente distinto do ordenamento simbólico e imaginário conferido pelos semblantes. Não houve preparação adequada para as mudanças trazidas pela pandemia, a qual facultaria a produção da angústia como preparação para o perigo (FREUD, 1926/2014). Nos primeiros meses da pandemia da COVID-19, como demonstraram a face sombria dos sonhos que orbitavam em torno de questões relacionadas à pandemia, o princípio do prazer ficou provisoriamente suspenso. Houve uma proliferação de sonhos e de relatos de sonhos indicando a necessidade de trabalho psíquico extra para elaborar o trauma da pandemia. Contudo, um ano depois do início da pandemia, verificou-se que a vida onírica passou a se manifestar de forma menos angustiante, como se, a despeito da piora do mundo externo no que concerne aos danos trazidos pela pandemia, tivesse ocorrido alguma elaboração do traumático no sonho (COUTINHO JORGE; MELLO; NUNES, 2020; IANINNI et al., 2021).

Lacan (1964/1998) diferencia a compulsão à repetição em *tiquê* e *automathon*. O *automathon* é a repetição na rede significativa articulada ao princípio do prazer. É o retorno dos signos no mesmo lugar que converge com a finalidade do princípio do prazer, uma das modalidades de repetição apontada por Freud (1920/2010) na qual a repetição produz uma fruição identificável como prazer pela consciência. Um exemplo de *automathon* é a reiterada leitura de um mesmo livro ou a repetição em assistir o mesmo filme ou série, devido ao prazer

²³ Freud (1921/2011) definiu *massen*, traduzida como massa ou grupo, como um conjunto de indivíduos vinculados por laços emocionais e que partilham o mesmo ideal do Eu, mobilizando a identificação entre diversos e heterogêneos Eus.

que essa repetição produz (BERTA, 2010; FINK, 1997; LACAN, 1964/1998). Essa repetição se articula com a perda constitutiva de gozo produzida pela castração: o prazer é sempre parcial, inferior ao esperado, e por isso o comportamento que visa ao prazer se repetirá (SCHERMANN, 2004).

A *tiquê* é o tipo de repetição que se articula ao trauma, pois a *tiquê* é definida como um encontro faltoso com o real. Na qualidade de encontro com o real, a *tiquê* leva o *falasser* a retornar ao mesmo lugar de sofrimento, embora tal retorno não seja, necessariamente, uma mera imitação e consista, sobretudo, numa repetição de posição subjetiva. O que se repete na neurose traumática, definido pela *tiquê*, é o acidente e o acaso do encontro com a desgraça (SOLER, 2004). O trauma tem uma clara dimensão de real inassimilável e, por isso, insiste a repetição, como marca do que ainda é impossível de escrever, do horror em sua crueza e nudez (LACAN, 1972-73/2008).

Outro elemento traumático da pandemia reside no confinamento. Enclausurado com os outros mais próximos, o *falasser* nem sempre está amparado. Sinatra (2016) vincula o conceito de família às relações de parentesco determinadas pela filiação ou pela constituição do casal. Lacan (1938/2008) atribui à família a função primeira de transmissão da cultura; assinala seu papel central no controle das pulsões e aponta seu papel de transmitir comportamentos e representações que agirão no inconsciente do *falasser*. Os complexos familiares possuem um papel importante na neurose, como o percebeu de forma revolucionária Freud (LACAN, 1938/2008) e esses complexos são estruturantes do grande Outro do discurso inconsciente, dimensão simbólica constituída por aquilo que veio do Outro familiar sob a forma de ditos (MOREL, 2012; QUINET, 2012). A instituição familiar possui como um de seus papéis refrear o gozo, mas também é produtora, como Outro que participa na constituição do *falasser*, de marcas que influenciarão no gozo deste (FERNANDES, 2004; LACAN, 1938/2008; MOREL, 2012; SINATRA, 2016).

O Outro familiar é lugar de amor e fraternidade, mas também de ódio, violência e dominação. Tratando-se o novo coronavírus de um perigo invisível, ele pode ser alocado em qualquer membro da família, favorecendo comportamentos persecutórios (BONNAUD, 2020). A pandemia é um acontecimento que favorece o estranhamento, transmutando o corpo do outro ser falante tão próximo em potencial vetor de morte (KAUFMANNER, 2020). Houve, por exemplo, um aumento significativo nos casos de violência doméstica durante a pandemia

(LERNER; VOLTOLINI, 2021). O significante “casa” foi o mais frequente nos sonhos coletados na pesquisa conduzida por Ianinni et al. (2021), o qual aponta que esse mesmo significante pode assumir a conotação de proteção e segurança, assim como de desamparo e aprisionamento. Em relação à pandemia, Vieira (2020) assinala que o desejo do Outro passa a ser considerado imponderável e assinalamos, a partir da consideração sobre a inexistência de relação sexual, a qual implica que o *fallasser* está sempre sozinho com seu gozo (BASSOLS, 2020a), que o gozo desse Outro, tão próximo e tão distante, poderá ser experimentado como insuportável.

A pandemia desvela a alteridade do Outro familiar (KAUFMANNER, 2020), uma alteridade que pode se transformar em perigosa e de difícil trato, pois pode implicar uma relação divergente de cada um em relação às interdições de gozo. Na fase de resposta da pandemia, o gozo de cada um passa a ser vigiado, pois os gozos mais banais, antes articulados ao gozo fálico, como o gozo dos encontros com amigos, gozo de cultivar os semblantes fálicos no salão de beleza e prática de esportes em lugares fechados, para trazer alguns exemplos, se transmutam em gozos com consequências mortíferas: não são mais gozos que contribuem para o enlace social, mas gozos que visando à satisfação pulsional imediata, colocam em risco a vida de indivíduos e contribuem para a persistência temporal da pandemia. O que era gozo fálico, no “novo normal” tem o potencial de se transfigurar em gozo mortífero. Nesse momento, é patente que o gozo como satisfação pulsional que é presidida somente pela descarga, sem considerar as interdições civilizatórias das medidas sanitárias de contenção da pandemia, comporta um mal ao outro (ABREU et al., 2020; LACAN, 1959-1960/2008). Na pandemia, o gozo sem os freios necessários à preservação da vida e, portanto, sob a égide da pulsão de morte, testemunha a agressividade daqueles que não suportando as exigências de ceder do seu gozo e visando à promoção do seu gozo acima de tudo²⁴- até da própria saúde física- orientam sua pulsão de morte fusionada com a pulsão de vida para o mundo externo, lesionando os seres falantes que estiverem no caminho, poupando a si próprios de lidar com a pulsão de morte e ainda auferindo o ganho narcísico de uma ilusória onipotência egóica: não foi raro que se taxasse quem seguiu o isolamento social de covarde. As regras do jogo social mudaram e, nesse contexto excepcional, é possível que a delimitação do gozo fálico também tenha se alterado. Indagamo-

²⁴ A escolha do significante “acima de tudo” visou remeter ao lema bolsonarista “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, pois um dos eixos ideológicos do bolsonarismo é o que denominam liberdade, que na prática consiste no gozo ilimitado, sem interdições civilizatórias. Trata-se do ideal de gozo sem limites que caracteriza a atual ascensão dos populismos de direita (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020).

nos se alguns *gadgets* adquiridos na *pólis*, que em sua condensação de gozo e afastamento da necessidade regiam a vida de muitos (SOLER, 2021b), tiveram seu valor de gozo afetado para os seres falantes na qualidade de consumidores destes objetos. Não foi o caso da tecnologia, mas será que houve tal mudança em relação a outros objetos de gozo?

O conceito de parceria de gozo, formulado por Miller (2008), é uma ferramenta relevante para compreender a relação com o Outro como atravessada pelo gozo. O *falasser* se relaciona com o Outro pela via da ilusão: em sua busca de gozo junto ao Outro, pensa erroneamente que se relaciona com este Outro, não obstante sua relação seja com o Outro como objeto *a* em sua fantasia, circunscrevendo-se o *falasser* à relação com o fragmento do Outro que concerne à sua fantasia. Como é patente na experiência mundana, a fantasia, carregada de desejo, pode levar às distorções perceptivas mais notórias no que concerne ao outro, que não partilha da referida fantasia. As parcerias de gozo são os alicerces da família, pois elas presidem as escolhas do parceiro de cada um, que são sintomáticas por estrutura (SOLER, 2018a; 2021) em sua repetição de certos traços de acordo com a fantasia. Contudo, tais parcerias podem estar estruturadas pelo gozo vinculado à pulsão de morte, assim como as ilusões que as sustentam podem se despedaçar ante o cotidiano vivenciado nos atuais tempos pestilentos. Hélène Bonnaud (2020) refere a existência de laços familiares patogênicos e aponta seus efeitos traumáticos. As violências são fruto de um excesso de gozo, de um sem sentido. A violência física se configura como uma passagem ao ato, que reduz o Outro ao objeto *a* passível de destruir. Bonnaud (2020) aponta que as violências psicológicas têm igual potencial de destruição dos corpos falantes, convergindo com Soler (2011b) que define a injúria como a fala que circunscreve o outro à posição de objeto. No confinamento, ante as restrições de gozo impostas pelas medidas sanitárias (APRIN, 2020) e a decorrente vigilância do Outro em nome da preservação da vida, o gozo do Outro familiar pode parecer insuportável, seja por violar as interdições sanitárias, seja por segui-las à risca. Logo, há na pandemia um fator discursivo atual que favorece o adensamento dos conflitos relacionados ao gozo do Outro e pode favorecer a passagem ao ato da violência.

Em tempos de prevalência do real sobre os outros registros (LEHMANN, 2020), a raiva e a violência podem comparecer como destinos para o real que assoma fortemente na pandemia. A raiva pode irromper quando algo do real faz obstáculo ao caminho que estava traçado pelo simbólico, frustrando as metas do princípio do prazer e a realização do desejo (LACAN, 1959-1960/2008). Outra possível gênese para a raiva está na submissão ao Outro (SOLER, 2011a).

Ambos fatores podem estar presentes na situação de confinamento, ante a série de perdas trazidas pela pandemia, assim como pela exposição ininterrupta ao Outro que pode se sentir no direito de fazer valer sua vontade no espaço doméstico. A raiva pode ser também deslocada para o Outro familiar, haja vista que, para um grande número de *falasseres*, não há como manejar e operar diretamente sobre o real trazido pela pandemia, o que pode duplicar a sensação de frustração a partir da conscientização sobre a própria impotência em face dessa crise mundial, e transmutar esses outros companheiros da clausura em objetos privilegiados de projeção.

Lacan (1948/1998) contrapôs diálogo e agressividade e a partir desse contraste é possível compreender, em consonância com Bonnaud (2020), que no âmbito familiar o diálogo pode faltar e, nesses momentos, a inexistência de relação sexual pode ser vivenciada como insuportável. Lacan (1948/1998) relacionou a estrutura narcísica à agressividade, referindo-se ao “grande zangão alado da tirania narcísica” (LACAN, 1948/1998, p.124). A agressividade tem um profundo vínculo com o narcisismo, pois a agressividade é um fenômeno que decorre da fusão pulsional entre a pulsão de morte e a pulsão de vida, sendo que esta última direciona a destrutividade da pulsão de morte para o mundo externo, como ocorre no sadismo (CASTIEL et al, 2012; FREUD, 1923/2011). A agressividade serve ao narcisismo do *falasser* na medida em que impede que a pulsão de morte dirija sua desagregação para o Eu do *falasser*, às custas do outro que é alçado ao lugar de bode expiatório dessas inclinações e, desse modo, reiterando a asserção freudiana de que a mais dolorosa fonte de mal-estar é a relação com o outro (FREUD, 1930/2010). Outro de quem a fuga é sempre paliativa, como foi amplificado pela situação de quarentena na qual nem a fuga espacial é possível.

1.2 ACASO E RUPTURA

No início do romance “A peste” (CAMUS, 1958/ 2020), o Dr. Bernard Rieux tropeça em um rato morto nas escadas. A pena de Camus narra como os ratos mortos se multiplicarão na cidade de Oran em poucos dias, prenunciando uma epidemia que modificará completamente os ritmos de vida de seus habitantes. Em nossa análise, o rato morto comparece como significante no real. Trata-se de um significante no real por ser articulado aos efeitos de gozo corporal da doença e fora da cadeia significante (SOLER, 2021b). Ademais, esse significante está associado à surpresa e ao estranhamento. Ou seja, fundamentalmente, o rato é o objeto que não deveria estar ali e que, não só atrapalha o andamento do cotidiano, nos seus sentidos fixos

e garantias simbólicas, como subverte esse cotidiano, a vida dos moradores da cidade outrora guiada pela banalidade dos pequenos prazeres e dos negócios, com as incertezas que traz. O roedor condensa o assalto do real que marca uma ruptura com a realidade conhecida: a realidade do Dr. Rieux assentada no saber médico, ordem simbólica que lhe permitia intervir no sofrimento de seus pacientes, ou seja, transmutar o que era da ordem do real da doença em um diagnóstico, o qual permite, a um só tempo, diferenciar dentro de um conjunto de relações (código, pertencente ao registro simbólico), nomear, intervir e controlar. Camus (1958/2020) delineou a emergência do real nas epidemias, o modo como subvertem os laços e os saberes que estruturam os coletivos humanos. Partindo da cena do “tropeço no rato morto”, refletiremos sobre o aspecto imprevisível da pandemia da COVID-19, dando continuidade à abordagem do conceito de trauma.

Começamos pela definição do construto de real e sua diferenciação do conceito de realidade. No campo psicanalítico, a realidade cotidiana vivenciada pelo *falasser* é embasada na fantasia, na realidade psíquica,²⁵ e pouco se relaciona com o real (BERTA, 2010; 2015). O real está atrelado ao impossível de simbolizar e de assimilar que é fundado no ser falante devido à inexistência de relação sexual, *troumatismo* constitutivo que condena o ser falante ao gozo sempre incompleto (SOLER, 2004; 2021b). Os fenômenos relacionados ao real comparecem nas bordas exteriores ao campo do simbólico (LAURENT, 2004) e, portanto, quando abordamos o real pela escrita não estamos mais nesse registro, pois no que concerne ao real só é possível a aproximação (SOLER, 2021b). O traumatismo, enquanto evento, é um acesso privilegiado ao real (SOLER, 2021b). O real possui uma relação constitutiva com o trauma, pois ambos geram abalos para as falsas certezas com as quais se sustenta o *falasser*, sublinhando de forma escancarada o furo constitutivo que o ser falante tenta contornar através da fantasia e dos sintomas desta advindos. Já a realidade é alicerçada na fantasia, que possui relações intrínsecas com o que é mais fundamental ao *falasser*. A fantasia é uma encenação de desejo, na qual comparece o objeto de gozo preferencial do sujeito, o qual pode ser um objeto *a* oral, anal, escópico, fálico ou invocante. Na cena fantasmática, revela-se o desejo do sujeito em um delineamento bastante fixo, o que se articula com sua dimensão imaginária, mas há também uma relação com o real, devido à presença do objeto *a* (MILLER, 1987; SOLER, 2004); e uma articulação com o simbólico, pois a fantasia pode ser enunciada como uma frase, conforme assinalam Lacan (1966-67/2003), Miller (1987), Morel (2012) e Soler (2004).

²⁵ No caso da neurose e da perversão, a realidade é constituída a partir da fantasia. No âmbito da psicose, a realidade será constituída a partir do delírio (COUTINHO JORGE, 2010)

Laurent (2004) e Soler (2004;2021) assinalam que o trauma é uma temática muito propagada na contemporaneidade, sendo um vocábulo muito utilizado no campo do senso comum, mas também em diversas instituições como as de saúde, as jurídicas e as previdenciárias. O entendimento de trauma de tais instituições enfoca na definição das vítimas e das reparações que cabem a estes sujeitos. Laurent (2004) destaca que a abordagem do trauma saiu do campo estrito da psiquiatria militar para o campo do debate público no contexto dos Estados Unidos da América cujos veteranos da guerra do Vietnã retornavam à sua pátria marcados pelos horrores da guerra. Outro fator listado por Laurent (2004) é a vida nas metrópoles, caracterizada pela sensação de irrealidade, assim como pela violência urbana, fator também destacado por Rudge (2006) como motivador da importância assumida pela questão do trauma.

Soler (2021b) aponta que na atualidade ocorre uma diminuição do limiar do que é considerado traumático devido à predominância do discurso do capitalista e à multiplicação dos significantes-mestres (S1) no âmbito da civilização, o que implica uma precarização do laço social e do estabelecimento de sentidos compartilhados. O discurso constitui a estrutura básica do laço social, consistindo numa tentativa de ordenar o real pela via da linguagem, sendo responsável pela subtração de uma parcela de gozo do ser falante, o qual terá, doravante, acesso ao gozo domesticado pela linguagem (LACAN, 1969-1970/1992; QUINET, 2009;2012). Lacan (1969-1970/1992) formula inicialmente quatro discursos: o do mestre, o do universitário, o da histórica e do analista. Posteriormente, Lacan abordou os discursos da ciência e do capitalista.

O discurso do capitalista foi escrito por Lacan da seguinte forma:

Figura 1- Discurso do capitalista



Fonte: Soler, 2011b, p.59.

Soler (2011b; 2012a) aponta os significados conferidos aos quatro termos. S1 e S2 concernem à estrutura mínima da cadeia signifiante; \$ consiste no sujeito e *a* é o objeto mais-

gozar. O discurso do capitalista é um falso discurso, pois esgarça o laço social e liquefaz os semblantes, dentre os quais os ideais. Esse ‘discurso’ é caracterizado pela relação prioritária do *falasser* com os objetos mais-gozar, sendo a relação com o outro regida pelo benefício próprio e pela redução do outro a um objeto de gozo, que como mercadoria, pode ser descartado e trocado (SOLER, 2021b). Portanto, ao esvaziar o mundo dos semblantes dos rituais e ideais partilhados, o discurso do capitalista torna o *falasser* mais vulnerável ao trauma, na medida em que retira o solo comum de sentido ofertado pelos semblantes, legando ao *falasser* a tarefa de inventar uma solução singular para, a cada vez, lidar com os encontros típicos da existência.

Laurent (2004), por sua vez, atribui ao discurso da ciência a inflação diagnóstica do trauma. O discurso da ciência, que na atualidade tem um papel central no arranjo civilizatório, busca ordenar o gozo por leis e fórmulas, pertencentes ao registro simbólico (LAURENT, 2004; QUINET, 2009). O discurso da ciência pode ser aproximado de mais de um discurso, dentre eles o da histórica, do universitário e do capitalista (QUINET, 2009). Segundo Quinet (2009), quando o discurso da ciência é vinculado ao discurso universitário, será comandado pelo semblante de tudo saber (S2). De forma sucinta, é possível definir o discurso universitário como um laço social governado pela dominante de tudo saber (S2), na qual o outro é tomado como objeto de estudo (a), o produto é o sujeito barrado que sintomatiza ou se rebela ante a posição de objeto que esse laço lhe reserva e a verdade do sujeito (S1) é rejeitada como obstáculo ao objetivo de tudo saber (LACAN, 1969-70/1992; QUINET, 2009). O imperativo de tudo saber pode ser assim formulado: “Saiba sobre tudo, sem nada deixar escapar” (QUINET, 2009, p.20). O semblante de tudo saber está assentado no binômio de predição e controle que busca preencher a falta e, portanto, nesse discurso da ciência universitária, tudo que escapa a esse binômio será alocado como trauma (LAURENT, 2004). Considerando que Jacques Lacan não apresentou uma fórmula do discurso da ciência e que elegemos nesse trabalho aproximar o discurso da ciência do discurso universitário- em consonância com uma das possibilidades teóricas elencadas por Quinet (2009) - devido à importância do imperativo de tudo saber e da exclusão da verdade do sujeito para a disseminação do que é considerado traumático, apresentamos abaixo a fórmula do discurso do universitário.

Figura 2- O discurso do universitário

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

Fonte: Quinet, 2009, p. 29.

É importante destacar que o discurso da ciência norteado pelo discurso universitário, ao seguir o imperativo de tudo saber, pode se aproximar da razão instrumental. A razão instrumental tem como efeito a reificação da técnica, a qual tendo sido em sua gênese o meio para controlar a natureza e satisfazer as necessidades humanas, é tomada como fim pela razão instrumental, o que engendra a redução do humano a um objeto passível de manipulação e a completa secundarização do uso da técnica para satisfazer demandas humanas (LEOPOLDO E SILVA, 1997). Segundo Birman (2020), os governos que se nortearam pela razão instrumental na resposta à pandemia perpetraram ações eugênicas contra a população ao sacrificar a saúde e /ou a vida de determinados grupos populacionais, como idosos e portadores de doenças crônicas, ao imperativo da economia.

Por outro lado, o discurso da ciência pode se aproximar da razão científica crítica no manejo da pandemia e assim o imperativo de tudo saber e a objetificação do outro servem à promoção de saúde e à proteção da vida (BIRMAN, 2020). A teoria crítica da ciência considera a interação necessária entre a produção científica e o macrossocial que a determina, relação que funda a contribuição social do cientista (LEOPOLDO E SILVA, 1997). Em relação à saúde pública na pandemia, o discurso da ciência não esconde seu ideal de proteger a vida (BIRMAN, 2020), afastando-se, nesse quesito, do discurso universitário. Foi a partir da vinculação ao discurso da ciência crítica que os governos democráticos estipularam regras sanitárias (BIRMAN, 2020).

No contexto da pandemia, faz-se mister assinalar as incidências distintas do discurso da ciência para o cientista vinculado ao discurso médico e para o ser falante que é objeto desse discurso. Ao cientista é imputado um saber capaz de defender contra o real e com o qual a sociedade passou a adensar sua transferência. Por sua vez, os seres falantes que apenas consomem este discurso poderão ter transferência positiva, reconhecendo esse saber e obedecendo esse saber, ou negativa, marcada por uma relação de desconfiança, como ocorre com os negacionistas. Ante as limitações trazidas pela fácil disseminação do vírus e face à miríade de informações das fidedignidades mais diversas- e por vezes inexistentes- sobre a

pandemia, são tecidas inúmeras fantasias imaginárias sobre a emergência sociosanitária, com conteúdos que remetem ao discurso da ciência.

Há uma singularidade do discurso analítico no que se refere ao tratamento do trauma que o diferencia de como os demais discursos que orientam as instituições civilizatórias tentam ordenar o gozo excessivo e atroz ligado ao trauma. Salientamos que o discurso analítico será o único a focar o outro como sujeito, buscando escutar os significantes-mestres que ordenam sua história. O discurso do analista possui como agente/semblante o analista, que ocupará nesse laço o lugar de objeto a (a), o que significa se fazer opaco para que a dimensão inconsciente do analisante irrompa. A partir desse semblante, o analista se dirige ao analisante, sujeito barrado ($\$$), para que este produza os significantes-mestres (S_1) de sua história, pelos quais o sujeito se representa (SOLER, 2012a). A verdade que move esse discurso é o saber acerca da castração e da inexistência de relação sexual.

Figura 3- Discurso do analista

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Fonte: Quinet, 2009, p.29

Conforme Salim (2019, p.41), “o discurso do analista é inaudito por considerar o outro como sujeito” e disso decorre uma análise original do trauma, que considera a implicação subjetiva no gozo decorrente do trauma (SOLER, 2004), assim como possui um entendimento de exterioridade e interioridade diferenciado (LAURENT, 2004), baseado na figura topológica da banda de *Moebius*, na qual externo e interno se atravessam e se misturam (LACAN, 1964/1998). Trata-se, portanto, de um discurso subversivo, como aponta Ferri (2020), pois considera o trauma, em sua articulação de furo, sem buscar tamponá-lo com ideais.

A elucidação do papel da singularidade na constituição do trauma se torna uma indicação especificamente preciosa para essa pesquisa, de cunho psicanalítico, pois viabiliza diferenciar o conceito de trauma, referente ao ser falante, do conceito de traumatismo (ROUSSEAU-DUJARDIN, 1996), evento traumatogênico (LA SAGNA, 2016) ou catástrofe (BIRMAN, 2020; RUDGE, 2003), atrelados a eventos externos e reconhecidos socialmente como perigos factuais. A pandemia, com todas as inesperadas e radicais mudanças que

engendrou nos modos de vida, assim como pela mortalidade que gera, constitui uma catástrofe, porém o trauma vivenciado- ou não- será diferente para cada *falasser*, sendo cada modo de desestabilização e de resposta subjetiva singular (GALLANO, 2020) determinado pelos alicerces construídos na primeira infância via fantasia fundamental, a qual fornece o enquadre que determinará às relações do ser falante consigo, com o mundo circundante e com o outro (COUTINHO JORGE, 2010). Freud (1926/2014) aponta que um perigo externo só participará da eclosão de uma neurose caso ele tenha significação psíquica para o sujeito.

Conquanto o entendimento psicanalítico do trauma seja mais nuançado que a compreensão do trauma como dano que atinge de forma externa o *falasser*, é importante marcar o papel civilizatório de tais procedimentos de restituição às vítimas, os quais atualizam a existência de um Estado democrático de direito, sem o qual é impossível o discurso analítico operar. Destacamos também o papel do Estado democrático em fornecer o mínimo de condições para atenuar o desamparo constitutivo do *falasser*. Laurent (2004, p.23) define o Estado democrático como aquele que não “abandona seus cidadãos” e consideramos que determinadas políticas públicas podem favorecer a construção de saídas para o desamparo que não sejam predominantemente marcadas pelo mal-estar, pois se sabemos que o desamparo é irremediável, ele se beneficia em alguma medida de paliativos. Como ilustração, temos a Lei 14.128/21 (BRASIL, 2021) que estabelece indenizações a profissionais de saúde incapacitados permanentemente pela COVID-19, a qual foi inicialmente vetada na íntegra pelo governo federal à época, representante da extrema direita. Abordamos nesse capítulo as articulações entre trauma e pandemia e é importante ressaltar que as políticas de saúde pública brasileiras, alicerçadas na Lei Orgânica da Saúde (Lei 8080/90), caso fossem executadas de maneira próxima ao preconizado por esta legislação, que institui no seu artigo 7, caput XIII, um sistema de saúde universal, integral e equitativo, poderiam minorar o radical desamparo que a população brasileira vivenciou nesse cenário em que o governo federal à época precarizou e implodiu as instituições democráticas de seguridade social, definidas no artigo 194 da constituição federal cidadã (BRASIL, 1988; 1990) como saúde, previdência social e assistência social (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020).

Portanto, o trauma não é uma questão nova, conquanto hoje ele seja uma questão identificada e abordada com maior frequência. A violência, a catástrofe e o imprevisível atravessam inevitavelmente a experiência humana. Contudo, a atenção e o cuidado voltados aos sujeitos que passaram por experiências traumáticas mudaram significativamente ao longo do

tempo. No século XIX, Charcot, o qual foi uma importante influência para Freud, passou a considerar o trauma como um dos agentes provocadores da histeria. Freud, no início da psicanálise, a partir dos casos clínicos que atendeu, passou a localizar no trauma sexual a origem da neurose. Depois, constatou que os traumas sexuais relatados eram baseados, sobretudo, em paramnésias e memórias lacunares, concluindo que se tratavam de fantasias e relegando o trauma a segundo plano na teoria psicanalítica. A partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o trauma retomará um papel de destaque na teoria psicanalítica. Nesse momento, a comunidade psicanalítica enfocou a questão do trauma a partir das neuroses traumáticas, haja vista que muitos desses psicanalistas eram médicos e foram convocados a atuar no *front*. Importantes modificações na teoria psicanalítica que engendraram o segundo dualismo pulsional decorreram do estudo das neuroses traumáticas (LAURENT, 2004; RUDGE, 2006). Após a Segunda Guerra Mundial, a despeito dos inúmeros traumatismos vivenciados nos *fronts* e campos de concentração, não houve grandes alterações no tratamento conferido ao trauma (LAURENT, 2004).

Com a Guerra do Vietnã e a grande proliferação das neuroses traumáticas entre os veteranos, a neurose traumática e a questão do trauma saíram da esfera restrita da psiquiatria militar e adentraram no debate público mais abrangente (LAURENT, 2004). Na atualidade, Soler (2021b) aponta uma diminuição do limiar traumático, assim como Laurent (2004) assinala a multiplicação do diagnóstico da síndrome de estresse pós-traumático nos anos 80 e 90 do século XX. A multiplicação do trauma revela, não um aumento da violência e da catástrofe na vida dos contemporâneos, mas sim que o laço social está fragilizado na sua capacidade de conferir significado e ordenar a experiência dos seres falantes, propiciando maiores entraves à simbolização (SOLER, 2021b).

Com a irrupção da pandemia, Berta (2021) destaca que a relevância da questão do trauma se adensa. O trauma também possui um papel fundamental para a psicanálise, comparecendo desde os seus primórdios na teoria da sedução, na qual ocupava um papel etiológico central. Nesse momento, o trauma era considerado em sua facticidade e exterioridade, como um acidente negativo cuja lembrança estava impedida e uma vez abreagido o trauma, o sintoma se dissolveria (LA SAGNA, 2015). Contudo, a teoria da sedução perde a relevância na obra freudiana quando o fundador da psicanálise constata que as falas de seus pacientes sobre sedução revelavam, sobretudo, as fantasias desses sujeitos. Não obstante, o trauma persiste como uma questão importante para a psicanálise devido às suas articulações

com o real, como o impossível de representar, e com a fantasia, que funciona como uma tela a proteger do real (SOLER, 2004), insuportável de fixar como a constatação do incesto por Édipo, que o fez arrancar os próprios olhos. Cabe, por fim, abordar a relevância do trauma devido as suas relações constitutivas com a neurose (SOLER, 2021b), haja vista que o sintoma é uma modalidade de resposta ao real do trauma (LAURENT, 2004).

No discurso analítico, trabalha-se com um outro olhar e uma outra escuta do trauma. No âmbito da psicanálise, o trauma consiste em uma ruptura que não somente incide no sujeito, mas que também o implica. Destacamos aqui outra aproximação entre trauma e angústia: ambos se relacionam com o sujeito e sua fantasia, não sendo a catástrofe pandêmica responsável exclusiva por engendrará-los. Mesmo quando tal ruptura possui uma origem externa e independente das ações e do agir do *falasser*, o trauma não se limita a um acontecimento caracterizado pelo mau encontro. Além do mau encontro, há o modo como aquele *falasser*, com sua realidade psíquica singular, embasada na fantasia fundamental (SOLER, 2021b), metaboliza e responde ao acontecimento (RUDGE, 2006). Miller et al. (2006) ressaltam essa dimensão singular do entendimento psicanalítico do trauma ao afirmar que o que constituirá o trauma não é, simplesmente, o acontecimento, mas o conflito entre o acontecimento e um dito essencial na vida do *falasser*. O trauma se origina do abismo que se abre entre o real sem lei do acontecimento e o mundo antes ordenado pelo discurso do Outro e que, a partir da eclosão do trauma, transmuta-se em um mundo no qual prevalece a dimensão do sem-sentido (MILLER et al., 2006). Há, portanto, uma novidade ética ao lidar com o trauma, pois a psicanálise opera com a paradoxal implicação do *falasser* sobre os traumas que lhe sobrevém. Tal implicação, articulada à operação de retificação subjetiva, que consiste no reconhecimento do *falasser* acerca da própria responsabilidade nas agruras da qual se queixa (LACAN, 1958/1998), torna a psicanálise o único discurso a abordar o trauma a partir de suas relações com a fantasia (SOLER, 2004).

Soler (2004, p.26) define o traumatismo como “real que nos caí na cabeça, impossível de ser antecipado”. Brousse (2020a) relaciona o trauma ao acontecimento que não poderia ter ocorrido. Analisemos esses enunciados. O real atesta que o trauma é claro produtor de desprazer para todas instâncias psíquicas, estando além do princípio do prazer e articulado à pulsão de morte como força disruptiva (FREUD, 1920/2010). O impossível de antecipar remete à ausência de angústia antecipatória, a qual prepararia o *falasser* para lidar com o acontecimento. A ausência da angústia antecipatória deixa o *falasser* despreparado e resulta na incidência do

acontecimento no psiquismo como um excesso destrutivo, como fica patente na metáfora freudiana da “ruptura da barreira contra estímulos” (FREUD, 1920/2010). A partir desse embasamento teórico, é possível pensar o que acometeu aos *falasseres* nos idos de março de 2020 no Brasil, período inicial e crítico da pandemia no país. O *falasser* seguia em sua rotina marcada pelo *automathon*, sustentado nos automatismos significantes de sua fantasia, até que sobrevêm uma marretada de contingências alheias a si, as quais não foram completamente previstas em seus efeitos pelos discursos: um ser que está na fronteira entre o animado e o inanimado causador de uma doença nova e, à época, ainda muito imprevisível²⁶ e sem saberes capazes de amparar contra o adoecimento e a morte provocados pelo vírus (ABREU et al., 2020) somado a um governo cuja gestão deixou a população em desamparo generalizado (FERRARI; JANUZZI; GUERRA, 2020). Subitamente, abandonou-se o trânsito em espaço público, recolhemo-nos em nome do imperativo sanitário de isolamento social e o “fino gelo da vida moderna” (WATERS, 1979), conforme antecipado pela letra do Pink Floyd, abriu-se sob nossos pés. Iannini et al. (2021) também destacaram a importância do fator surpresa no advento do real pandêmico- surpresa que não foi anulada pelos alertas dos epidemiologistas.

Outra novidade ética trazida pela psicanálise é a consideração de que a dicotomia interno e externo é insuficiente para a análise dos processos psíquicos. O inconsciente do *falasser* é constituído pelo discurso do Outro, pela mensagem do Outro que sempre lhe chega invertida devido ao processo de representação significante (LACAN, 1953/1998), no qual há a dominância do significante, engendrando uma significação singular, que é ao mesmo tempo o que há de mais íntimo e mais estranho ao sujeito. Em outras palavras, o Outro que é a alteridade radical ao ser falante (QUINET, 2012), também lhe constitui no mais íntimo. É sobre essa diluição de fronteiras entre o interno e externo constitutiva do inconsciente que o conceito lacaniano de *extimidade* versa (BASSOLS, 2020b). Considerando essa linha de raciocínio, no entendimento do trauma também haverá uma relação complexa entre interior e exterior (LAURENT, 2004). Para elucidar essa relação, será necessário abordar as duas dimensões do trauma. Há uma dimensão estrutural e outra contingente. A dimensão contingente do trauma é a única percebida pelo discurso comum, sendo tal vertente de mais fácil localização. O trauma contingente se relaciona às agressões ao corpo vivo (SOLER, 2021b) e, na pandemia da COVID-19, é possível elucubrar que ele incide sobre o coletivo, na medida em que a circulação no espaço social se transmutou em uma fonte de perigos acentuada e letal para a homeostase

²⁶ Desde então, muitos saberes foram produzidos acerca da COVID-19. Contudo, ainda há muitos enigmas que inquietam corpos e discursos.

vital. O trauma é uma força disruptiva impulsionada pela pulsão de morte e, como tal, gera mudanças: destrói o que na superfície parecia a homeostase no banal cotidiano e instaura um novo funcionamento. Em face desse trauma contingente da fácil transmissão do SARS-CoV-2 que promoveu uma alteração significativa e súbita no *ethos* dos seres falantes, os saberes sanitários sobem ao centro do palco social, assentados no discurso da ciência e na ordem médica, a qual é constituída por uma mistura entre os discursos do mestre e universitário, na tentativa de dar algum contorno a um real que se manifestava como indomável e violento.

No campo psicanalítico, como argumentamos acima, o trauma implica o que há de mais singular no ser falante para se constituir como tal: as sequelas do trauma serão vivenciadas pelo ser falante a partir da tela de sua fantasia (SOLER, 2021b), conforme ilustraremos a partir do relato do caso clínico ‘Minna’, elaborado por Fuentes (2006). No decorrer da obra freudiana, assim como da lacaniana, as dimensões do trauma são ampliadas e o conceito de trauma passa a abarcar tanto os eventos contingentes das catástrofes e outros tipos de maus encontros com o real, quanto o trauma como estruturante do psiquismo, e, portanto, operador necessário. Freud (1926/2014) articula o trauma ao desamparo, caracterizando o trauma como momento no qual o ser falante vivencia uma inundação de angústia e nesse momento, nesse instante de paroxismo da angústia, o *falasser* assume uma posição passiva. Modificando sua teorização anterior, Freud (1926/2014) estabelece que a angústia, marca afetiva posterior ao trauma, é que motiva o recalque. Soler (2021b) destaca, no seu comentário do texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia” que toda neurose é traumática, pois o trauma motiva o recalque. O recalque é a defesa que estrutura a neurose e, cabe lembrar, que é o fracasso do recalque e o retorno do recalcado disfarçado em sintomas que trazem sofrimento. O recalque, que estrutura o *falasser* na neurose, faculta o acesso a um gozo partilhado socialmente e promove identificações mais estáveis que aquelas da psicose devido à inscrição na função fálica (MOREL, 2012). Por sua vez, na psicose, com a forclusão do significante fálico, há maior instabilidade nas identificações. Brodski (2016) aponta que a forclusão é uma defesa que não se circunscreve à psicose, sendo apenas a forclusão do significante fálico específica à estrutura psicótica. Como exporemos abaixo, a forclusão tem um papel a exercer na constituição do trauma estrutural dos seres falantes.

Lacan também conceituará o trauma como estruturante do psiquismo através da fabricação do neologismo *troumatisme* (BERTA, 2010; MACHADO, Z., 2020; SOLER, 2021b). *Trou* é um vocábulo da língua francesa que tem os significados de lacuna, falta, vazio. Lacan realizou um trocadilho, inserindo esse vocábulo no interior de outro, *traumatisme*, que

significa trauma. O *troumatisme* decorre das falhas no Outro que são tanto da ordem do gozo quanto do significante. O Outro não detém um saber acerca do sentido do real do sexo e da vida, e, portanto, não fornecerá as respostas que estancariam o desamparo constitutivo do *falasser*. Esse buraco no Outro é transmitido ao *falasser*, gerando a forclusão do real do gozo e abrindo o *trou* que determina a inexistência de relação sexual e o encontro traumático com o real do sexo (LAURENT, 2004; SCHERMANN, 2004; SOLER, 2021). Doravante, o *falasser* neurótico nunca saberá seu valor de gozo para o Outro, condenado a ter essa parcela de gozo impossível de compartilhar e de representar. Ante o *trou*, desamparo inarredável dos seres falantes, é tecida a fantasia (SOLER, 2021b), restando ao ser falante saber lidar com (*savoir-y-faire*) Isso que não cessa de não se escrever. O saber lidar com passa pela invenção de uma saída singular, partindo da fantasia como solo estruturante, pela via do *sinthoma* (MILLER, 2008a; 2010). O *sinthoma* se caracteriza pela dualidade de trazer tanto sofrimento quanto estabilização e na neurose é vinculado à fantasia fundamental. A criação artística, âmbito no qual se insere a literatura, é uma das vias de fazer *sinthoma*, conquanto não seja a única (MILLER, 1998; MOREL, 2012;). É possível pensar o *sinthoma* no âmbito da criação artística como um vaso, o qual elabora uma existência contornando um vazio, englobando-o no conjunto da obra. A arte, como a psicanálise, valoriza a irrupção do real sem desconsiderar o contorno simbólico-imaginário de seus fazeres (COUTINHO JORGE, 2010). O vaso ou jarra é o símbolo da criação em torno do vazio trazido pelo real do objeto *a*, denominado das *Ding* à época do primeiro ensino de Lacan. Articulamos aqui dois conceitos de momentos distintos da obra de Jacques Lacan: o de vaso e o de *sinthoma*. O vaso ou jarra é uma criação que parte do vazio e cujo vazio é constitutivo de sua função como receptáculo (HEIDEGGER, 2003; LACAN, 1959-1960/2008) e pode ser aproximado do conceito de invenção *sinthomática*, do artifício, como o faz Lacan (1975-1976/2007) ao aproximar o oleiro do artista. Coutinho Jorge (2010) aproxima o conjunto que engloba o vaso, que comporta em sua estrutura um vazio, e as flores que podem ser ali colocadas- conquanto tenham que ser continuamente substituídas devido à sua transitoriedade- da fantasia: trata-se da junção entre o vazio e os objetos eróticos que são colocados ali na tentativa sempre ilusória de preenchê-lo.

A face contingente do trauma é denominada de acidente traumático (BERTA, 2010). A pandemia se configura como acontecimento traumático, na medida em que deflagra um furo na civilização atual e em cada *falasser* particular, gerando uma abrupta descontinuidade (IANNINI et al. 2021; MACÊDO, 2020). O acontecimento traumático estilhaça o funcionamento psíquico do *falasser*: o princípio do prazer é colocado em suspenso até que a compulsão à repetição

permita que a cena traumática, que retorna no real- seja dos *flashbacks* da vigília ou nos sonhos noturnos- seja simbolizada (BERTA, 2010; FREUD, 1920/2010; SOLER, 2021b). O buraco na simbolização é apontado por Macêdo (2020) ao assinalar a insuficiência das palavras, insuficiência estrutural que se apresenta de forma notória ante as irrupções do real. A contingência do acidente, que em seu excesso arrebenta a possibilidade de passar ao simbólico e promove a forclusão (SOLER, 2021b), e as repetições que a ele se seguem são tomados como uma verdade absoluta, que fecha a demanda de saber sobre a causa. É o real do trauma que em sua árida repetição do desprazer parece limitar o funcionamento do simbólico, caracterizado pela variabilidade de significados nas relações entre os diferentes significantes da cadeia. O momento do acidente traumático é um advento do real, e por isso, como marca do real é um estigma que não se vincula, não tece ligações, não se associa a outros significantes, que permitiriam conferir sentido ao inesperado do trauma, que é destituído de fórmula (LACAN, 1975-1976/2007; PEREIRINHA, 2020; SOLER, 2021b). O contingente será elevado ao estatuto de verdade, gerando o engodo da convergência total entre a verdade, enigma do desejo que diz respeito ao *falasser*, e o saber (S2), que são determinados significantes especiais recortados do Outro, desconhecidos pelo ser falante, mas que orquestram o gozo do seu sintoma (COUTINHO JORGE, 2005; LACAN, 1969-1970/1992; SOLER, 2021b). Em relação ao trauma, produz-se no ser falante o engano de que sua verdade é circunscrita ao saber relacionado ao trauma (FERRARI; CALMON; TEIXEIRA, 2017).

A temporalidade é um fator de suma importância para o acontecimento traumático. O primeiro motivo reside numa constatação clínica da ordem do fenômeno, a de que o trauma está atrelado à persistência infernal de uma memória, como ilustram claramente as neuroses traumáticas (BOGCHVOL; TEIXEIRA, 2017). O segundo motivo, de igual relevância ao primeiro, está no fato de que o desencadeamento do trauma envolve dois acontecimentos, em que o mais antigo atua retroativamente, definindo o significado do segundo evento. Eis o efeito *a posteriori* que constitui a lógica retroativa da temporalidade do trauma (FERRARI, CALMON; TEIXEIRA; 2017; FREUD, 1896/2006).

Começamos pelo acontecimento mais recente na temporalidade do trauma. O acidente traumático se vincula à temporalidade do instante, conquanto se apresente ao psiquismo como um instante eterno, posto que esse instante da cena traumática congelará para o *falasser* (SOLER, 2004). Tal eternização da cena traumática gera significativas alterações na função psíquica da memória, a qual é definida por Lacan (LACAN, 1953-1954/1983) como a

incidência do tempo na experiência do *fallasser*, chegando ao extremo nas neuroses traumáticas de impossibilitar o esquecimento, o qual é uma função necessária da memória e sem a qual o *fallasser* terá suas relações com novos estímulos prejudicada, sejam tais estímulos provenientes do mundo externo ou sejam oriundos da pressão pulsional, haja vista que o abarrotamento das representações ligadas ao acontecimento traumático no aparelho psíquico prejudica a recepção e o registro de novas representações (BOGCHVOL; TEIXEIRA, 2017; FREUD, 1923/2011), o que pode se articular ao sintoma de desrealização que comparece no quadro das neuroses traumáticas. Cabe lembrar que o aparelho psíquico teorizado por Freud (1915c/2010) tem como alicerce traços de memória fixados no inconsciente, constitutivos das representações, e disso decorre o impacto desorganizador das alterações de memória trazidas pelo trauma.

Esse primeiro instante do acontecimento traumático, denominado por La Sagna (2015) de acontecimento bruto e que articulamos com a expressão “golpe do real” (SOLER, 2021b) em sua circunscrição temporal, é o primeiro tempo do trauma. Soler (2021c) esclarece que o termo acontecimento remete a algo decisivo, memorável e que tem um peso histórico. Em relação ao primeiro tempo do trauma, poderíamos empregar o termo assalto do real, pois ele abarca o excesso de estímulos do trauma, a dimensão de inesperado dos assaltos, seja nos atos de guerra ou na violência entre civis, sua dimensão destrutiva (gerando um cataclismo no funcionamento psíquico do *fallasser*) e o seu caráter invasivo. Ademais, o termo “assalto” implica diretamente outrem, o Outro constitutivo na cena traumática. Contudo, o acontecimento somente se configurará como trauma no segundo tempo, sendo o trauma determinado *a posteriori*. Rudge (2003) afirmará, taxativamente, que o trauma não se circunscreve ao acontecimento. Até o primeiro momento, o que há tão somente é o mau-encontro, a catástrofe ou o evento traumatogênico (LA SAGNA, 2015; SOLER, 2021b). O primeiro momento do trauma pode ser relacionado ao primeiro momento do tempo lógico formulado por Lacan (1945/1998), o instante de ver (BERTA, 2015).

Lacan (1945/1998) delinea os tempos lógicos com o intuito de pensar uma temporalidade para a análise, que visa decifrar e trazer à consciência os processos atemporais do inconsciente. Também é possível aplicar o tempo lógico às experiências dos seres falantes fora do *setting* analítico. São três instantes, os quais não são lineares e podem ocorrer de forma concomitante. O instante de ver é marcado por uma evidência que não permite ainda formular uma hipótese: é o momento em que a lógica está presa àquilo que se apresenta à percepção, com tudo que os sentidos têm de parcial e enganoso em sua apreensão. No instante de ver, o

afeto percebido pode ser tomado como evidência, quando, na maior parte dos casos e com a exceção única da angústia, os afetos enganam em relação ao significante com o qual originalmente se articularam (SOLER, 2011a). O instante de compreender está ligado à duração de uma meditação, implicando a reflexão demorada e a produção de um novo sentido. A mudança no sentido, incidindo na definição do ser falante, é feita levando o Outro em consideração. O momento de concluir tem uma função de pressa com o intuito de colocar um ponto de basta na deriva da decifração, que sem essa urgência poderá permanecer deambulando, em uma deriva na cadeia significante que tende ao infinito (LACAN, 1945/1998; PORGE, 1994), pois o final de análise leva o ser falante à destituição subjetiva, o que implica a travessia, feita paulatinamente e pela via do significante, do sentido para o campo do sem-sentido (SOLER, 2012a; 2021). O momento de concluir se relaciona à assertividade e à ação, momento no qual o ser falante implica seu Eu em seus atos. No momento de concluir, o ser falante se apresenta em sua separação do Outro, assumindo-se via ato, com toda a aposta e risco que o ato implica (BROUSSE, 2020b; IANNINI et al., 2021).

Berta (2015) ao abordar a urgência subjetiva, traçará os elos desta com a angústia, o trauma e a temporalidade subjetiva. Nesse trabalho, a autora relaciona o instante de ver com o impacto de algo que interfere no enquadre da janela fantasmática sobre a qual se sustentava o *falasser*, colocando o enquadre da fantasia em pausa, com alteração no curso temporal, presença de angústia e sufocamento da demanda.

Um primeiro ponto é o instante de ver-tempo que reúne o impacto do encontro com uma contingência que ultrapassa as coordenadas imaginárias e simbólicas pelas quais enxergamos nossas vidas. Dito de outro modo, momento de impacto que força as bordas da janela fantasmática- do enquadre da realidade psíquica. Tempo de suspensão das coordenadas, instante indelével que fratura a temporalidade em um taxativo antes e depois. Instante marcado pelo afeto da angústia, afeto que não engana. Esse instante pode estrangular qualquer demanda (BERTA, 2015, p.103).

Depreendemos do texto que há uma relação íntima entre trauma e permanência no instante de ver. Vilanova (2020) e Macêdo (2020) apontam a importância do instante de ver no acontecimento da pandemia, assinalando as limitações desse instante e fornecendo subsídios para aproximar acontecimento traumático e delonga no instante de ver. Vilanova (2020) apontou a necessidade de acessar o tempo de compreender de modo concomitante ao tempo de ver. Macêdo (2020, p.4) assinala que a produção do seu escrito foi realizada no instante de ver, ante o traumático trazido pela pandemia, e aponta as limitações de entendimento que daí decorrem: “estas linhas foram escritas no calor de um instante de ver [...] falta-nos parâmetros

para dimensionar o que quer que seja”. Sob o impacto do assalto do real que é o acontecimento traumático, que gera um furo, o *falasser* recorre ao imaginário, limitando-se ao sentido único do que sua percepção lhe apresenta reiteradamente da cena traumática, como se a verdade que determina o seu ser equivalesse ao saber sobre o evento traumático. Fecha-se a interrogação, obtura-se a dimensão da incógnita que relacionaria o sofrimento e esse assalto do real que se abateu sobre o *falasser* com o que há de mais singular de seu desejo, condensado e encenado via fantasia (BERTA, 2010; 2015). Nesse instante de ver, está fechada a demanda ao analista acerca de um saber a respeito do próprio padecimento: o *falasser* julga saber a verdade sobre seu sofrimento, a verdade desse gozo que lhe afeta. Os obstáculos à formulação da demanda também se articulam ao papel de silenciamento presente no trauma, haja vista que seu excesso de estímulos direciona o simbólico para a compulsão à repetição, empobrecendo a capacidade de colocar em palavras. Nesse sentido, ante o assalto do real trazido pela pandemia, a passagem ao tempo de compreender é de suma importância (VILANOVA, 2020), pois nesse momento a questão do ser falante é formulada como incógnita e sobre ela o ser falante se detém numa reflexão que visa ao sentido (LACAN, 1945/1998).

Brousse (2020b), diferindo de Macêdo (2020) e Vilanova (2020), considera que na pandemia não houve instante de ver por causa da estranheza e rapidez que marcaram sua irrupção. Para a autora, tragados pelo tsunami pandêmico, os seres falantes não tiveram o tempo de ver e aponta que esse tempo de ver dar-se-á *a posteriori*. Precipitou-se um longo tempo de compreender, de formulação das mais diversas hipóteses e construções de sentido. Nesse tempo de refletir e comparar, avultaram o número de fantasias para conferir sentido ao real que o vírus traz (BASSOLS, 2020a). Nesse íterim de multiplicação de sentidos na pandemia, demonstrando os enormes furos provocados nos discursos da ciência e do capitalista e a sua confusão ante a multidão de sentidos, as medidas de prevenção e contenção do coronavírus tiveram sua adoção atrasada por muitos estados brasileiros. O tempo de concluir marcaria a lógica assertiva, na qual o ser falante assumiria seus atos e se responsabilizaria pela saúde coletiva através de suas ações concretas (BROUSSE, 2020b).

No segundo momento, *a posteriori*, o acontecimento atual será significado a partir de um acontecimento primevo da experiência infantil, indicando haver no psiquismo uma prevalência dos significados infantis sobre os atuais (FERRARI; CALMON; TEIXEIRA, 2017; RUDGE, 2003; 2006). Considerando, como teorizou Freud (1908/2006), que a fantasia possui um conteúdo infantil que lhe é estruturante, além de constituir o enquadre estável da realidade

psíquica (BERTA, 2016; SOLER, 2004), a fantasia influi no curso do trauma. O incidente traumatogênico atual será interpretado segundo as coordenadas da fantasia do *fallasser*, sendo um momento no qual o real ainda prevalece, mas há uma tentativa de ligação a outros significantes, de acordo com a estrutura da fantasia, e no qual serão determinadas as sequelas do trauma, campo no qual a clínica psicanalítica pode intervir (LA SAGNA, 2015; SOLER, 2021b). Em consonância à temporalidade *a posteriori*, na qual predomina a significação retroativa, mesmo o acontecimento traumático mais brutal do presente se associa às experiências passadas infantis, estruturantes da fantasia, sendo os sintomas presentes fruto da interação entre presente e passado, unidos através de um elo associativo inconsciente (RUDGE, 2003; 2006). Na esteira das considerações sobre a hegemonia da experiência infantil, Freud (1926/2014) apontou que mesmo as neuroses de guerra só são deflagradas com a participação do inconsciente cujo cerne é o passado infantil. É pertinente destacar que as associações inconscientes seguem as leis do processo primário, caracterizado pela mobilidade da libido, assim como pelas condensações e deslocamentos ao longo da cadeia significativa, do que decorre que o elo associativo entre os acontecimentos que constituem o trauma pode estar escamoteado à primeira vista.

Passemos à exposição e discussão do caso Minna. Apresentamos esse caso com o intuito de aprender com a singularidade do que nele se apresenta, sem desconsiderar os elementos importantes sobre a clínica do trauma que esse caso ilustra (MILLER et al., 2006). Minna é uma imigrante romena, tinha 38 anos na ocasião dos atendimentos e se mudara para a Espanha há cerca de um ano. Na primeira entrevista, seu estado psíquico é de angústia, e apresentava uma incessante agitação há alguns dias, o que a levava a buscar ajuda de diversas maneiras, iniciando tal saga com a procura de serviços de urgência, passando por uma psicóloga e pela reunião com um grupo de romenos para demandar proteção a sua embaixada. O mau encontro que se tornaria traumático foi o atentado terrorista aos trens em Madrid em 11 de março de 2004. Minna, por pouco e pelo fato de ter permanecido tomando café com as amigas, não estava nesses trens. Ao escutar as explosões, pensou que se tratava de uma bomba e, sucumbindo ao terror, saiu correndo sem esperar ninguém. Nessa fuga motora, entre mortos e feridos, cruzou com o olhar de um homem que se assemelhava a Cristo e que estava no chão ensanguentado, como um “cristo jacente”. A imagem desse cristos jacente retornará e a fitará toda noite em pesadelos que se repetem: uma imagem da qual não é possível escapar. Destaca-se a dimensão fantasmática nessa primeira cena: o olhar, como objeto pulsional, comparece de forma escancarada, como um olhar que gera temor, revelando o papel fundamental da realidade psíquica na constituição

do trauma. Nas sessões, comparece a culpa por não ter ajudado os feridos, marcando um conflito com os ideais veiculados por seu pai e seu agir no momento da explosão, sentindo-se Minna aquém desses ideais, que podem ser centrados na expressão “todo amor” vinculada à religião. Irrrompe nesse hiato entre seu agir e o dever dos ideais paternos- um dito fundamental na vida de Minna- um furo no campo do sentido. A dimensão subjetiva se sobressai, pois Minna inicia seus pesadelos traumáticos com olhar do cristo, e não com a bomba. O olhar do cristo jacente é o gozo real para Minna, que, no acontecimento traumático, lhe é impossível assimilar (FUENTES, 2006; MILLER et al., 2006).

A paciente produz sonhos que operam um deslizamento metonímico, partindo do primeiro pesadelo traumático que é centrado no olhar e findando no último sonho com o homem sem rosto que está ao lado de sua cama. Esse deslizamento revela que houve a restituição do sentido e a cena traumática, da qual não fora possível fugir, cessa de acozá-la devido à sua inscrição simbólica. Abordaremos agora os sonhos com mais detalhes para compreender tal deslizamento metonímico. O segundo sonho, produzido após a analista ter pedido que a analisante trouxesse um dicionário romeno-espanhol, é um sonho de transferência: a paciente percorre uma estação abandonada, separa-se de suas amigas devido à queda de um guincho, e então se depara com muitas pessoas que a olhavam em silêncio e, por fim, uma mulher lhe dirige a palavra e fala que fique com ela. No terceiro sonho, Minna está nos esgotos de Bucareste, onde estão pessoas consideradas resíduos da sociedade como ciganos, pobres, crianças que se drogam. Há uma cigana atrás de si. Logo, Minna vê uma luz no fim do túnel e sai do esgoto. O quarto sonho é centrado no “fio da vida”, expressão com a qual Araceli Fuentes nomeia o caso. O sonho consiste em Minna dando voltas num fio ao redor de um parafuso, fazendo e desfazendo, com preponderância do fazer. Em romeno, o significante ‘parafuso’ se assemelha ao de ‘serpente’, associado ao paraíso perdido e ao fio da vida. O quinto sonho é relatado pela paciente com um riso. Nesse sonho há um crocodilo que morde todo mundo, menos Minna, ela o pega pelo rabo e o sustenta de cabeça para baixo. A analista interpreta que Minna tem o falo e sabe o que fazer com ele. O último sonho é do homem sem cara que está aos pés de sua cama e tal cena onírica é acompanhada pela sensação de tranquilidade. O sem rosto consiste na ausência do olhar e da boca, os quais podem ser associados tanto à morte quanto à reprovação- esta última uma atitude superegoica. Entre o primeiro e o sétimo sonho, há a dissolução da angústia e a paciente se liberta da cena traumática, podendo retomar o fio da vida (FUENTES, 2006; MILLER et al., 2006).

1.3 NÃO HÁ EXÍLIO PARA A ANGÚSTIA, POREM... FANTASIA-SE

Queda dos semblantes que sustentavam o cotidiano dos seres falantes; ferida aberta no ordenamento social promovido pelo discurso da ciência; desarranjo no campo da fantasia que ordenava a vida dos sujeitos; um perigo mortal, imprevisível e desconhecido. O delineamento do cenário pandêmico, caracterizado pela irrupção do traumático e pelos efeitos de perturbação no campo da fantasia, configurou um momento privilegiado para a geração de angústia, esse afeto que indica a proximidade da invasão do real traumático, seja tal proximidade vinculada ao passado que ainda demanda elaboração, ao presente marcado pela incerteza ou ao futuro como tentativa de prevenir a ocorrência do trauma. No conto “ O outro outro”, Jacques Fux (2020), a partir de um narrador em primeira pessoa, escreve sobre a relação entre pandemia e angústia:

Essa sensação se deu quando, na outra ponta do Café, alguém havia acabado de se sentar. Meu primeiro impulso foi de me levantar e partir- preferia continuar sozinho com meus temores, já que, após mais de cinco meses de isolamento e sem nenhum contato social, meu coração disparava e ficava completamente sem ar quando cruzava com alguém. A pandemia desvelou o pânico que se ensaiava por anos dentro de mim (FUX, 2020, p. 104).

Esse cenário povoado pelo sofrimento demandou dos analistas manejar a urgência subjetiva que a eles se apresentou, propiciando um espaço em que a fala pudesse emergir e a angústia pudesse ser subjetivada, dissolvendo seu excesso pela palavra (ABREU et al, 2020; BASSOLS, 2020c; DA COSTA, 2020; KAUFMANNER, 2020). Essa disseminação viral da angústia, paralela à disseminação da pandemia, se articula às relações íntimas entre trauma e angústia. O trauma originário é produtor de angústia e a angústia sinal prepara o *falasser* para lidar com estímulos avaliados como perigos, evitando o advento de um acontecimento traumático (FREUD, 1926/2014; SOLER, 2021b). Cabe assinalar também, o papel de defesa da fantasia contra a angústia e o trauma, manifestações que assinalam a aproximação do real em sua crueza (LACAN, 1962-63/2005; 1964/1998)

Nesse tópico, abordaremos de forma pontual alguns elementos do conceito de angústia, considerando as ligações entre trauma e angústia no âmbito da pandemia. Trataremos das relações entre angústia e medo; o papel da angústia sinal e da angústia automática na pandemia; da relação entre angústia e fantasia e as relações entre angústia superegoica e interdições sanitárias. Também abordaremos a temática da morte, sua relação com o psiquismo, com a angústia de castração e com o trauma, assim como os efeitos da pandemia na relação dos seres

falantes com a morte. Também discorreremos sobre o conceito de fantasia nas obras de Freud e Lacan, seu papel estruturante no psiquismo, as relações da fantasia com o prazer e o gozo, a relação entre fantasia fundamental e a proliferação de fantasias, as dimensões imaginárias, simbólicas e reais da fantasia. Por fim, discorreremos sobre os sonhos, seus elementos constitutivos, sua relação com a angústia e o trauma.

O termo alemão *Angst* pode ser traduzido como medo ou como angústia (COUTINHO JORGE; MELLO; NUNES, 2020). Conquanto a tradução literal de *Angst* seja medo, o emprego do termo angústia foi consolidado no campo analítico (HANNIS, 1996), âmbito no qual medo e angústia são conceitos distintos. No campo analítico, o medo é articulado a determinado objeto, ainda que invisível, e ele é passível de cernir: o ser falante diz que tem medo de determinada coisa. O medo é um afeto como a maioria, o que significa que pode enganar devido ao fato de que o medo de determinado objeto pode ser efeito de um deslizamento na cadeia significante (SOLER, 2011a). É o caso da fobia, como é ilustrado pelo caso do pequeno Hanns: o cavalo, eleito seu objeto fóbico, suscita-lhe um medo intenso, porém as paixões suscitadas pelo objeto fóbico têm sua origem vinculada aos significantes do Édipo (FREUD, 1926/2014), ou seja, a origem desse afeto se distancia do seu objeto desencadeante (SOLER, 2011a). *A priori*, articulado à preservação da saúde e da vida, o medo do vírus SARS-Cov-2 envolve um objeto invisível e, portanto, manter esse objeto de temor à distância se defronta com limites, pois se torna impossível localizá-lo (COUTINHO JORGE; MELLO; NUNES, 2020). Torna-se difícil escapar daquilo que não é possível ver, ouvir, sentir ou cheirar.

A angústia é um afeto fulcral para a neurose, frente à qual são erigidos os sintomas como diques de contenção (FREUD, 1926/2014). A angústia está presente em inúmeras manifestações clínicas, exceto nas verdadeiras perversões (VIEIRA; BASTOS; TEIXEIRA, 2017). Freud (1920/2010; 1926/2014) relaciona a angústia à emergência de um perigo, real ou imaginado. O perigo está relacionado à situação primordial de desamparo, na qual o projeto de *fallasser* experimenta um excesso de desprazer que só será atenuado com a intervenção do Outro materno. Uma situação será experimentada como perigosa quando o sujeito avaliar que, com seus recursos presentes, está desamparado frente a essa situação. Portanto, mesmo os perigos externos têm uma relação importante com os perigos pulsionais, havendo uma relação íntima entre ambos os tipos de perigos. Outro elemento importante em relação à avaliação de uma situação como perigosa é o papel da fantasia, pois é ela que media as relações do ser falante com o mundo à serviço do princípio do prazer (e de sua versão modificada, o princípio de

realidade), alocando o ser falante em posições fixas, vinculadas a sentidos determinados (COUTINHO JORGE, 2010). Por esse motivo, a perda dos objetos de amor, objetos que remetem ao amparo primevo fornecido pelo Outro materno, constitui um perigo de primeira ordem para o psiquismo. Em suma, a angústia foi a primeira reação afetiva ao desamparo traumático e é acionada a cada vez que o desamparo assombra o ser falante (FREUD, 1926/2014). Há aqui dois elementos que facultam compreender o aumento de queixas relacionadas à angústia na pandemia. Primeiro, trata-se de um perigo novo, sorrateiro e em relação ao qual o discurso da ciência ainda não detém a ilusão de controle, favorecendo o desamparo dos seres falantes. Segundo, na pandemia há o risco perene e impreciso de perder os objetos de amor. Tal risco é impreciso, pois no decorrer da pandemia foi constatado que mesmo uma parcela dos seres falantes que não foram classificados dentro dos grupos de risco estava adoecendo gravemente e morrendo. Somente nesse sentido, ou seja, em relação ao saber ainda em construção sobre a COVID-19 pelo discurso da ciência, favorecendo a angústia e o desamparo ante essa margem de indefinição, a afecção COVID-19 não escolhe.²⁷

A angústia consiste em um afeto de caráter desprazeroso e, portanto, o lugar da angústia é o Eu, sede da percepção (FREUD, 1923/2011;1926/2014), consistindo, portanto, em uma instância imaginária. Soler (2012a) conclui que, portanto, a sede da angústia é o imaginário. Ademais, o Eu consiste em uma instância subjugada pelas pulsões, impotente em dominar o gozo que lhe invade e caracterizada pelo desconhecimento (COUTINHO JORGE, 2005; MOREL, 2012; HENRIQUES, 2014; SOLER, 2018b). A angústia está ligada ao gozo do corpo, sendo caracterizada por alterações no sistema cardiorrespiratório. Birman (2020) assinalou que muitos seres falantes angustiados, experimentando alterações respiratórias, procuraram hospitais, pensando se tratar de COVID-19 e se submeteram ao risco de contraí-la. Trata-se de um fato que ilustra o papel do corpo na angústia e como o arroubo de angústia subjugava o Eu do

²⁷ Discordamos da asserção de Coutinho Jorge, Mello e Nunes (2020) de que no reino do coronavírus não há diferença de condições financeiras, pois a pandemia ocorre em um Brasil marcado pela precarização do SUS, o que resultou numa maior mortalidade entre os pobres. Uma das questões eminentes da pandemia é que ela ressalta as fragilidades já existente na prática do SUS. Contudo, a precarização da saúde e a falta de acesso a serviços qualificados não se limita ao SUS como demonstram os casos dos inúmeros planos de saúde que adotaram o chamado “tratamento precoce” no combate à COVID-19. A Prevent Senior é um caso paradigmático: a operadora de planos de saúde especializada no público idoso foi denunciada por modificações em prontuários para disfarçar mortes por COVID-19, empreendimento de pesquisas sem anuência do paciente e oferta do tratamento precoce (SILVEIRA, 2021). Também se destaca a alta taxa de mortalidade nos hospitais da Prevent Senior em relação a outros hospitais, públicos e privados, na capital paulista, de acordo com dados preliminares de estudo multidisciplinar sobre mortes por COVID-19 em hospitais da cidade de São Paulo (MONTEIRO, 2022).

ser falante, nesse caso levando a uma ação que, ao mesmo tempo que representava uma busca de cuidado, expôs os *falasseres* ao risco elevado de contaminação.

A angústia com seu desprazer patente é um exemplo da invasão do Eu pelo gozo, assinalando uma irrupção do real, articulada à emergência do objeto *a* (LACAN, 1973/2003), que deveria permanecer escamoteado, e ao enigma, o furo no Outro simbólico (SOLER, 2011a; VIEIRA; BASTOS; TEIXEIRA, 2017). Em relação à aproximação do real, a angústia não engana. A irrupção da pandemia delinea um contexto favorável para angústia, articulada ao furo nos saberes reinantes e à quebra nas significações que estruturavam o laço social cotidiano, ambas apontadas como conjunturas para a angústia por Soler (2012a). É pertinente apontar que a pandemia traz significações atroztes produzindo, além da angústia que é favorecida pela indeterminação, a seguinte série de afetos: horror, pavor, protesto, rejeição e queixa. Por um lado, a indeterminação que cerca o novo coronavírus gera angústia; por outro lado, manifestam-se de forma evidente a catástrofe e suas horríveis significações, são as certezas da doença, da morte e da perda, produzindo os afetos acima listados (SOLER, 2012a).

Lacan (1962-63/2005) destacará a partir de sua releitura da obra freudiana que a angústia se trata, deveras, de um sinal que emerge diante de algo que assinala a aproximação do real. O que precipita a angústia é a emergência do objeto *a* desnudo, sem o revestimento simbólico e imaginário que a fantasia costuma tecer em relação a esse singular objeto (MILLER, 2005b). A angústia é um momento que decorre da falha no campo do significante e da significação, engendrando a extirpação do ser falante da sua condição de sujeito e lançando-o no turbilhão afetivo de assumir a posição de objeto que o constitui, mas que deveria permanecer escamoteada (SOLER, 2012a). A emergência da angústia na neurose decorre do desvelamento abrupto da posição de objeto *a* que aquele ser falante ocupa em sua fantasia e, portanto, determina suas relações com o Outro, malgrado desconheça essa tela que o estrutura. Na angústia, portanto, o sujeito está implicado naquilo que lhe é mais inerente (LACAN, 1962-63/2005).

Na angústia, o objeto que remete à falta comparece no campo do imaginário. É o caso dos olhos em Édipo Rei, mas também dos olhos que aparecem em distintos momentos de “O homem de areia”, de E. T. Hoffmann. Trata-se de algo do campo do imaginário que ameaça e lança o ser falante no turbilhão da proximidade com o real. A angústia é a aparição -ausência da falta- do objeto no campo imaginário, dificultando a simbolização da falta e favorecendo no

ser falante o surgimento do desamparo. É a falta da falta, para retomar a difundida asserção lacaniana: “A angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber em um nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta da falta” (LACAN, 1962-63/2005, p.64). Utilizando a metáfora do bebê de colo para captar a posição de angústia, Lacan (1962-63/2005) cerne a posição de objeto e de desamparo daquele que se angustia.

Freud (1926/2014) distinguiu dois tipos de angústia, a angústia automática e a angústia sinal, e, no que concerne ao trauma, há uma diferença importante com relação às duas modalidades de angústia. A angústia automática é indesejável, constituindo um efeito da pulsão de morte (FREUD, 1926/2014; SANTOS, 1994 apud ABREU et al., 2020). Por sua vez, a angústia sinal visa, sinalizando o perigo e a ameaça do desamparo, operar como uma repetição atenuada do trauma com o intuito de preveni-lo, à maneira de uma vacina (FREUD, 1926/2014; SOLER, 2011a). A angústia sinal, malgrado o desprazer que produz, permite ao ser falante assumir uma postura ativa frente a uma situação que remete ao trauma, favorecendo a autopreservação vinculada às pulsões eróticas e ao gozo fálico, viabilizando a ação em alguns casos, conquanto em outros, o aumento de intensidade da angústia leve à paralisia da ação e à petrificação do ser falante (FREUD, 1926/2014; SOLER, 2012a). A fácil transmissão do vírus SARS-CoV-2 constitui um perigo externo, contudo, tal perigo externo comparece no psiquismo associado a um perigo pulsional, atrelado à perda e à castração. Portanto, há angústia automática suscitada pela COVID-19 (ABREU et al. 2020), devido a seu caráter de perigo externo, o qual é indissociável da sua avaliação como perigo e dos perigos pulsionais que implica.

A manifestação da angústia sinal que não transbordou em excesso teve função de proteger o ser falante na fase de resposta da pandemia, favorecendo seu engajamento nos comportamentos profiláticos como uso de máscaras, higienização das mãos e distanciamento social, comportamentos cuja manutenção estava vinculada à abstenção de certos gozos e em gasto de libido com a profilaxia gerando, por conseguinte, cansaço ao longo do tempo. Naquele momento da pandemia, a angústia sinal dispôs o *falasser* para se armar ante o perigo invisível em relação ao qual se erigiu a metáfora da guerra, ao nosso ver uma tentativa de localizar um perigo difuso por significantes que personificam o vírus: um estranho animismo que indica a regressão experimentada em momentos de caos. Contudo, a exacerbação da angústia sinal pode gerar paralisia em momentos de perigo, como ante a aproximação excessiva de pessoas estranhas nos momentos mais críticos da pandemia. A ausência da angústia sinal está articulada a comportamentos de negação da gravidade da doença, os quais colocam em risco a

sobrevivência dos organismos biológicos e do corpo social. Também apontamos que a ausência de angústia sinal, a qual prepararia o *falasser* para o perigo da doença, da hospitalização e da morte de alguém de seu círculo social, pode favorecer posteriormente a irrupção de trauma ante essas perdas, pois esses *falasseres* não perceberam- ou renegaram o percebido- o perigo se aproximando, somente acordaram com o real lhes golpeando em cheio: nocaute do real traumático que se repetirá *ad nauseam* para aquele que não manteve sua guarda alta pela angústia sinal (DA COSTA, 2020).

A angústia de castração é a incômoda companheira de viagem do *falasser* neurótico durante toda sua existência, reconfigurando as formas de sua aparição ao longo do percurso (SCHERMANN, 2004; SOLER, 2012a). A angústia de castração está ligada ao perigo da perda, sendo uma modalidade da angústia de separação (LACAN, 1962-63/2005) que assume diferentes formas, as quais não são necessariamente sucessivas e podem se sobrepor no decorrer do tempo: desamparo psíquico do bebê; a perda do objeto que exerce função materna na primeira infância; o perigo de castração da fase fálica e a angústia do Super-Eu que emerge no período de latência e acompanhará o neurótico até sua morte (FREUD, 1926/2014). Em relação à pandemia, percebe-se que alguns *falasseres* têm posturas indicativas de que não internalizaram as interdições sanitárias e as renúncias pulsionais a elas relacionadas como elemento necessário à preservação da vida, relacionando-se com elas pela via do medo social, temendo somente a punição da autoridade externa (FREUD, 1930/2010): é o caso dos seres falantes que ostentaram a máscara no queixo em ambiente fechados no ápice da pandemia e fizeram questão de colocá-la no rosto somente quando adentravam em um recinto no qual era vedado entrar sem máscara. A ausência da internalização das interdições sanitárias pelo Super-eu implica perigos e conflitos para esses sujeitos no âmbito da civilização (FREUD, 1926/2014). Outra interpretação, a qual julgamos mais plausível, para o desrespeito às normas sanitárias é de que se trate de um desafio histórico às normas impostas pelo saber médico, o qual foi qualificado por Soler (2021a) como um sujeito suposto saber dos tempos atuais.

Por outro lado, há os *falasseres* que se relacionam com as interdições sanitárias através de seu Super-eu e poderão experimentar angústias superegoicas. O Super-eu é a instância psíquica responsável pela censura moral no âmbito psíquico, avaliando incessantemente o Eu a partir do crivo dos ideais, punindo-o quando o julga inferior a estes e que pode atuar de modo sádico sem razão aparente (FREUD, 1923/2011; SALAMONE, 2015). O sadismo do Super-eu em relação ao Eu advém de dois motivos: primeiro, se deve à defusão pulsional que torna o

Super-eu uma instância psíquica dominada pela destrutividade da pulsão de morte sem o tempero de Eros (FREUD, 1923/2011); segundo, o Super-eu é guloso (SOLER, 2012a) e não reconhece nem premia os comportamentos do Eu que o aproximam do ideal de Eu, pelo contrário, a cobrança e a culpa aumentarão *pari passu* à renúncia (FREUD, 1930/2010). Devido a essas características, as angústias superegoicas são as mais difíceis de minorar e as mais absurdas (SOLER, 2012a). Com a pandemia, que marcou uma ruptura nas práticas sociais, são introduzidas as medidas sanitárias como normas do Outro cultural que devem ser obedecidas em nome da vida. As medidas sanitárias são um novo fator a disparar a angústia superegoica e, segundo a teorização psicanalítica sobre o Super-eu, é possível conjecturar que a angústia superegoica comparecerá de modo mais acentuado entre os *falasseres* que mais renunciaram ao seu gozo, seguindo à risca os novos mandamentos superegoicos nesse contexto em que o coronavírus foi erigido ao lugar de novo significante-mestre (BASSOLS, 2020a). Para os neuróticos, vigiados por seu Super-eu, não há exílio definitivo para angústia, tão-somente os asilos temporários e precários dos sintomas e medidas paliativas. A pandemia amplifica esse fato de estrutura.

Teceremos algumas relações entre a angústia e o *troumatisme*, abordado no tópico anterior. O *troumatisme* consiste no furo constitutivo do ser falante ligado ao fato de que o Outro é sempre incompleto, $S(\bar{A})$, tanto no que concerne à linguagem, quanto no que concerne ao gozo. O Outro jamais fornecerá o sentido último relacionado à existência e ao sexo, legando ao ser falante o furo em relação ao qual este deverá construir sua resposta singular (SOLER, 2021). Tal resposta singular é a fantasia, que abarca a dimensão real através do objeto *a*, mas confere contornos a esse objeto perdido ao alocá-lo em um enquadre simbólico e imaginário (MILLER, 1987). A fantasia, que confere certa morada para o ser falante, na medida em que fixa seus modos de gozo, não é capaz de erradicar a angústia. A angústia, como afeto que marca uma brutal destituição subjetiva (SOLER, 2012a), continua a emergir porque a fantasia não é capaz de tapar o *troumatisme* que comparece nas relações com o Outro: o ser falante aí comparece como objeto de um Outro cujos desígnios são desconhecidos. Portanto, o inescapável real do *troumatisme* pode ser vivenciado como angústia (IANNINI et al., 2021).

O advento da pandemia obriga, como a guerra, a conviver com a morte de muitos no cotidiano e, por conseguinte, confronta os *falasseres* em sua relação com a morte (RAMON, 2020; DE SOUZA, 2020), escancarando a morte em sua iminência e confrontando os *falasseres* com o insuportável da finitude. De uma perspectiva psicanalítica, é impossível para o *falasser*

representar a própria morte. Na obra “A morte de Ivan Ilitch” (TOLSTÓI,1886/2009) há um excerto que ilustra tal impossibilidade psíquica de representar a própria morte:

O exemplo de um silogismo que aprendera na Lógica de Kiezewetter, “Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal”, parecera-lhe a vida toda muito lógico e natural se aplicado a Caio, mas certamente não quando aplicado a ele próprio. Que Caio, ser abstrato, fosse mortal estava absolutamente correto, mas ele não era Caio, nem um ser abstrato. Não: havia sido a vida toda um ser único, especial. Fora o pequeno Vanya, com mamãe e papai e Mita e Volodya, com brinquedos e um tutor e uma babá; e mais tarde com Kátia e todas as alegrias e prazeres da infância, da adolescência e da juventude. O que sabia Caio do cheiro da bola de couro de que Vanya tanto gostava? Por acaso era Caio quem beijava a mão de sua mãe e escutava o suave barulho da seda de suas saias? Foi por acaso Caio quem se envolveu em protestos quando estudante de Direito? Foi Caio quem se apaixonou? Quem presidiu sessões como ele? (TOLSTÓI, 1886/2009, p.48).

Outro argumento a favor da impossibilidade de representação psíquica da própria morte é que quando os seres falantes imaginam a própria morte estão como observadores²⁸ (FREUD, 1915b/2010). No inconsciente de todo ser falante, há um desejo (FREUD, 1916/2010) e uma crença de imortalidade, pois o inconsciente não concebe a própria morte. Na relação com a morte, os seres falantes enfocam o caráter casual, atrelando-a a algum mal exterior (KUBLER-ROSS, 1969/1996), repetindo em seu inconsciente a atitude dos povos primevos que atribuíam a morte à agência de um inimigo ou de um mau espírito (FREUD, 1915b/2010;1920/2010).

A morte é a figura última da castração (MORETTO, 2002), estando, por conseguinte, articulada ao *troumatismo* e ao possível advento do trauma (SOLER, 2021b). O tropeço no real, impossível de suportar, em que consiste o diagnóstico da doença terminal e a perspectiva de morte próxima significa esbarrar com o insuportável da falta e do desamparo (FAGUNDES; COPPUS NETO, 2016; MORETTO, 2002) do qual o neurótico busca se esquivar, através das defesas inconscientes, durante toda sua vida. A morte escancara a falta de sentido último para a existência que é um dos alicerces do incontornável *troumatisme* do ser falante (SOLER, 2021b) e, por isso, a morte do outro próximo costuma ser experimentada como traumática. O encontro com a doença grave, como é o caso de uma parcela das internações por COVID-19 que levam o *falasser* à UTI, é o encontro com o real como impossível de nomear, mobilizador de angústia e capaz de desestabilizar as referências do *falasser*, suscetível de percutir um golpe traumático no ordenamento fixo e prazeroso que a fantasia propiciava ao ser falante (SOLER, 2004). O adoecimento envolve a desestabilização do cotidiano e a geração de angústia, pois o

²⁸ Proliferam os exemplos na literatura e no cinema. Em “Morangos silvestres” de Ingmar Bergman, o dr. Isak Bork sonha que encontra a si próprio como cadáver na rua.

ser falante se confronta com suas limitações e vivencia inúmeras perdas concretas e psíquicas. A hospitalização, momento em que o adoecimento se encontra em seu ápice, é especialmente propícia para atualizar angústias ligadas às perdas constitutivas do *fallasser*. Esse encontro insuportável com o desamparo será vivenciado não só pelo paciente, mas pelos familiares e profissionais de saúde que o acompanham no contexto hospitalar (MORETTO, 2002; SILVA, 2017; SIMONETTI, 2004).

Nossa hipótese é de que as relações com a morte do outro são afetadas pelo axioma que é a fantasia fundamental, a qual é responsável por constituir a realidade psíquica e fornecer um anteparo contra o real traumático. A fantasia é a ferramenta psíquica que se articula ao real, ao simbólico e ao imaginário (MILLER, 1987), e que nos permite tocar indiretamente o real do trauma que comparece nas experiências de perda: acessar as estranhas pestilentas com a proteção desse artifício singular denominado de fantasia.

Ante o golpe real desferido pela pandemia, o analista possui um papel a cumprir. Esse papel, congruente com o discurso do analista, reside em trabalhar ofertando um espaço para que a singularidade possa se manifestar e tal feito passa pelo trabalho com a fantasia (SOLER, 2004), a qual é constitutiva da realidade psíquica e que se configura como a única janela através da qual neuróticos e perversos tem acesso à realidade (COUTINHO JORGE, 2010). Esse trabalho com a fantasia abarca também a escuta das associações atreladas ao relato do sonho. A fantasia é a realidade psíquica, mas possui estrutura de ficção (LACAN, 1971/2009), nunca atingindo, senão indiretamente e com distorções idiossincráticas, o mundo exterior. Detentora de uma estrutura de ficção, a fantasia subjaz às mais variadas falas, comportamentos e produções dos seres falantes (MILLER, 1987), sendo a fantasia a tela singular através da qual cada *fallasser* vivencia a pandemia (COSTA, 2020).

Em “Escritores criativos e devaneios”, a fantasia foi apresentada por Freud (1908/2006) como encenando, vocábulo articulado ao campo da imagem, um desejo que permaneceu insatisfeito. Essas fantasias produzem prazer para a consciência e são consideradas pelo ser falante como algo íntimo e precioso (FREUD, 1908/2006). Em um momento posterior, Freud (1919/2006) reiterou a caracterização da fantasia como produtora de prazer. Na publicação “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, Freud (1911/2010) articula a fantasia às pulsões sexuais e afirma que a fantasia se mantém regida pelo princípio do prazer, mesmo após a instauração do princípio de realidade (FREUD, 1911/2010). Na conferência

intitulada “O caminho da formação dos sintomas”, Freud (1916-17/2006) assinala o papel da fantasia na estruturação da realidade psíquica, a qual é preponderante no campo da neurose e delimita a fantasia como uma função psíquica que permaneceu autônoma em relação ao teste de realidade do Eu e compensa essa instância pelas inúmeras renúncias a ela impostas pela realidade na civilização, a qual é uma precária fonte de prazer para os seres falantes.

O segredo que envolve as fantasias dos neuróticos, em relação às quais o ser falante tende a ser lacônico, se deve ao fato de que tais fantasias trazem elementos da perversão (LACAN, 1962-63/2005), devido ao vínculo com os objetos parciais da pulsão. Lacan (1966-67/2003) indicou a relação de ocultamento que o neurótico possui com sua fantasia ao afirmar que o ser falante dessa estrutura psíquica não encara sua fantasia de frente, mas de modo oblíquo. Portanto, tais fantasias podem entrar em conflitos com os ideais e permanecer afastadas do resto do conteúdo da neurose (FREUD, 1919/2006). Contudo, como exploraremos adiante, tal afastamento não impede que tais fantasias sejam refletidas nos fenômenos mais corriqueiros e observáveis nos seres falantes (MILLER, 1987).

A fantasia é a coagulação de um desejo, o qual permaneceria completamente inefável sem a fantasia, e produz uma satisfação parcial devido à realização desse desejo (COUTINHO JORGE, 2010; SOLER, 2004). Portanto, a fantasia encena e dá consistência à perene exigência pulsional de satisfação, assim como confere materialidade ao desejo, que é fundado em torno da falta que emerge com o objeto *a*. O processo que engendra uma fantasia enlaça os três tempos cronológicos, pois a fantasia visa a satisfazer uma moção desejante pretérita- vinculada aos primórdios da constituição do ser falante- que restou insatisfeita e permaneceu pressionado por satisfação, mobilizada por uma impressão presente e concretizada no futuro. Também é importante assinalar que a cena fantasística, sua superfície, modifica-se em função da articulação com impressões atuais (FREUD, 1908/2006;1916-17/2006).

A atividade fantasística se manifesta de forma observável no brincar infantil. As crianças investem muita libido em suas brincadeiras, utilizando objetos do mundo externo para satisfazer sua imaginação (FREUD, 1908/2006). Em “Escritores criativos e devaneios”, anterior à teorização da pulsão de morte, a brincadeira será vinculada somente à satisfação do desejo. Todavia, em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/2010) comparece também a função de compulsão à repetição no jogo do Fort-Da do neto de Freud: trata-se da repetição de uma situação dolorosa na tentativa de dominá-la, saindo de uma posição passiva. O caso de

Ernst, o neto de Freud, é ilustrativo do brincar como tentativa de simbolizar a ausência da mãe, ou seja, trata-se da resposta singular à falta do Outro, ao desejo materno. Percebe-se no brincar uma função que é essencial à fantasia: sexualizar a pulsão de morte, em outras palavras, defender contra o real (COUTINHO JORGE, 2010; LACAN, 1964/1998; MILLER, 1987). No adulto, via de regra, cessa o brincar devido às exigências do princípio de realidade e a fantasia se torna internalizada, perdendo seu vínculo direto com o mundo externo (FREUD, 1908/2006; 1911/2010). Os escritores, contudo, conseguem transformar suas fantasias, que de outra forma suscitariam rejeição e emoções desagradáveis, em uma obra capaz de produzir satisfação em outrem (FREUD, 1908/2006), tornando possível que suas fantasias se vinculem à realidade a partir de uma obra que é partilhada socialmente (FREUD, 1916-17/2006). Essa capacidade dos artistas de veicular conteúdos que muitos neuróticos relegariam ao segredo engendra a admiração do público, fundada em uma suposição de saber de caráter transferencial.

A fantasia, na condição de defesa contra o real, segue o princípio do prazer e visa manter a homeostase psíquica, viabilizando ao ser falante repetir determinado modo de satisfação (LACAN, 1964/1998; SOLER, 2004). Tal produção de prazer é clara em determinadas fantasias conscientes, como alguns devaneios e certos romances familiares (COUTINHO JORGE, 2010; SOLER, 2004). Muitos devaneios satisfazem às pulsões eróticas, sejam tais devaneios de cunho ambicioso, satisfazendo ao narcisismo do ser falante, sejam eles de cunho amoroso (FREUD, 1908/2006; 1916-1917/ 2006; 1920/2010). Nos devaneios, são apresentadas cenas que concretizam o que é representado como felicidade para aquele ser falante (FREUD, 1916-17/2006). Os romances familiares são fantasias nas quais os pais reais, dotados de limitações que já foram percebidas pela criança, são substituídos por outros com maiores qualidades (FREUD, 1909/2006), envernizando assim a falta percebida no Outro. Por outro lado, algumas fantasias podem ser acompanhadas de sentimentos desagradáveis, produzir angústia e até mesmo assumir uma dimensão traumática por veicularem algo da ordem do excesso: “no nível das representações, dos *scripts* que se impõe ao sujeito apesar dele próprio, a despeito do desprazer ou da angústia, ela funciona, contudo, como condição de gozo e, notadamente, como condição de gozo sexual” (SOLER, 2004, p.53). Essas últimas apresentações da fantasia estão articuladas à satisfação paradoxal do gozo. Analisando as diferentes apresentações da fantasia é possível depreender sua função de sexualizar o gozo mortífero a qual, contudo, não é capaz de eliminar todo gozo (COUTINHO JORGE, 2010; MILLER, 1987).

Outra distinção importante é entre a miríade de fantasias que o ser falante produz e a fantasia fundamental. Miller (1987) utilizou a expressão “selva da fantasia” para descrever o grande número de fantasias, com variados personagens e cenários, que o ser falante apresenta. A selva da fantasia dos seres falantes foi influenciada pela pandemia, havendo uma multiplicação de fantasias imaginárias sobre a emergência sociosanitária (BASSOLS, 2020a), em um contexto de multiplicação desordenada de informações ante o furo engendrado por essa catástrofe nos discursos dominantes. Por outro lado, há somente uma fantasia fundamental, a qual constitui a matriz das demais fantasias e dos mais diversos fenômenos da neurose. A fantasia fundamental opera como uma tela que mediatiza as relações com o outro, o Outro e com o real (COUTINHO JORGE, 2010; LACAN, 1964/1998), determinando todas as relações do ser falante a partir de uma relação com o objeto faltoso (SOLER, 2021b) e conferindo alguma estabilidade ao ser falante, fixando seu gozo e evitando o vagar infinito do desejo (COUTINHO JORGE, 2010; LACAN, 1958/1998). Atravessada a miríade de fantasias, verifica-se o caráter repetitivo e estruturado como frase dessa fantasia fundamental. A fantasia fundamental não é passível de interpretação, não pode ser acessada pela consciência e nem sempre é alcançada, pois marca o limite da análise. Na verdade, a fantasia fundamental é objeto de construção em análise (MILLER, 1987). A construção em análise é uma tarefa do analista na direção do tratamento que consiste em reconstruir uma parte da história do analisante que não pôde ser por ele recordada a partir dos restos que se apresentam ao analista nas associações, nos atos e nas ações do analisante (FREUD, 1937/2006). Uma metáfora que auxilia a visualizar as relações entre as variadas fantasias e a fantasia fundamental é a do teatro. Miller (1987) relaciona a fantasia fundamental aos bastidores e assim aproximamos as diferentes fantasias às distintas peças em cartaz, dirigidas e produzidas pela mesma equipe.

A fantasia fundamental é fundada pelo recalque originário, estando presente na neurose e na perversão e ausente na psicose (COUTINHO JORGE, 2010; MILLER, 1987). O recalque originário determina a divisão psíquica entre consciente e inconsciente (FREUD, 1915d/2010), precedendo o recalque secundário cujo fracasso determina a formação dos sintomas (COUTINHO JORGE, 2005). O recalque originário é efetuado pelo significante nome-do-pai, o qual é foracluído na psicose. A estruturação urdida na primeira infância via recalque originário determina dois caminhos principais para os seres falantes a partir da presença ou ausência de fantasia fundamental: o da psicose, por um lado; o da neurose e da perversão, por outro. A psicose será marcada pelo espriar do gozo que invade o corpo do sujeito, sob a forma de gozo real, pois não há o anteparo da fantasia fundamental ao gozo mortífero (COUTINHO

JORGE, 2010; MOREL, 2012). Na psicose, o delírio comparece como tentativa de remendar a falta da fantasia fundamental, solução que possui uma dimensão de marcante invenção e maior instabilidade (COUTINHO JORGE, 2010; MILLER, 1987). O delírio é uma tentativa muito particular de barrar a invasão de gozo e ordenar as relações com o mundo cujo caráter insólito se articula com o afastamento do psicótico do laço social, o qual vive uma realidade afastada do que é partilhado através do enlaçamento discursivo (COUTINHO JORGE, 2010; QUINET, 2009; TEIXEIRA; SANTIAGO, 2017).

Não obstante a fantasia fundamental seja uma defesa mais estável contra o real que o delírio, ela também gera um ônus de sofrimento para o ser falante (SOLER, 2004) e sua estabilidade é análoga àquela de uma prisão. Acerca das relações entre sofrimento e fantasia, é a fantasia fundamental que tece as coordenadas do sofrimento do ser falante e em relação ao trauma na pandemia não seria diferente, pois no contexto pandêmico a ruptura traumática-quando presente- será vivenciada no *a posteriori* a partir do traçado da fantasia (COSTA, 2020), que opera como crivo para interpretar o real traumático (MILLER, 1987; SOLER, 2021). Coutinho Jorge (2010) tece uma comparação entre fantasia fundamental e prisão domiciliar: ao mesmo tempo em que a fantasia confere uma materialidade simbólica e imaginária ao desejo, também o aprisiona em determinadas relações tornadas coercitivas. A fantasia fundamental é análoga a uma “prisão domiciliar do sujeito: nela ele se encontra confortavelmente instalado, rodeado pelos objetos investidos por sua libido e pelos objetos que lhe são familiares, desfrutando de uma tranquilidade que beira a inércia- mas está preso!” (COUTINHO JORGE, 2010, p.79). A fantasia fundamental limita o ser falante nas suas relações com o mundo e os outros, pois só lhe permite enxergar o que é afim ao axioma específico de sua fantasia, fechando o ser falante sobre si mesmo e sobre sentidos já conhecidos, não obstante essa prisão defenda em alguma medida da angústia, ligada à indeterminação do que não é familiar e à manifestação do objeto *a* despido da tela fantasmática. A partir dessa comparação, também é possível refletir sobre a singularidade que constitui a fantasia como função de gozo (MOREL, 2012), pois, à maneira de um domicílio, a fantasia carrega as especificidades daquele que nela habita. A travessia da fantasia no final da análise marca essa saída da prisão domiciliar, sem, contudo, queimar essa referência fulcral para o ser falante, sem incendiar essa morada do desejo (COUTINHO JORGE, 2010). Ou seja, após a travessia da fantasia o ser falante conhecerá os bastidores que regem a peça na qual assumia determinado papel de modo repetitivo e impensado, pois governado pela pulsão, tendo agora uma margem de escolha ampliada em relação à posição que assume no inalterável da fantasia fundamental (MILLER, 1987). Que o

ser falante só se relacione com o real da pandemia, oriundo do mundo exterior, através de sua fantasia, sua prisão de desejo, e muitas vezes forçado a permanecer em casa devido ao isolamento social, aponta uma dupla limitação para o ser falante nos tempos da emergência sociosanitária: uma oriunda do discurso da ciência, que educa sobre a profilaxia da COVID-19 e reduz o ser falante a objeto depositário de suas admoestações, e outra oriunda da fantasia fundamental.

A fantasia abarca os três registros na sua resposta ao furo que funda o desejo, respondendo à falta com o objeto *a*, que possui vertentes reais, simbólicas e imaginárias (MILLER, 1987). Abordaremos primeiramente o registro imaginário na fantasia, articulado às imagens que comparecem na cena fantasística. O aspecto imaginário é o mais acessível, verificando-se na profusão de imagens. Trata-se de uma dimensão transparente da fantasia que vela a relação com o objeto, que permanece opaca. A função de beleza tem importância no apego que o ser falante mantém com suas fantasias e na dificuldade inerente a guiá-lo nessa travessia via análise. Tal função da beleza tem um papel ainda mais relevante no que concerne aos escritores criativos, que têm na fantasia a matéria-prima de sua obra (FREUD, 1908/2006; MILLER, 1987).

Versaremos agora sobre o registro simbólico da fantasia, vinculado à dimensão das leis que regem a estrutura de frase da fantasia. Freud (1919/2006), ao analisar as transformações pelas quais passa a fantasia “bate-se em uma criança”, desvendou uma gramática da fantasia. Lacan (1966-67/2003) ressalta que a estrutura fundamental da fantasia é a de uma frase, tal como se apresenta no texto freudiano “Bate-se em uma criança”. A dimensão simbólica é a mais velada, embora seja o alicerce de todas as fantasias que comparecem na dimensão imaginária. A dimensão simbólica da fantasia é como um axioma para a constituição do ser falante: é a base da qual deriva um sistema. Nessa frase estruturante são seguidas as leis da linguagem, a partir da qual é urdida uma história (COUTINHO JORGE, 2010; MILLER, 1987).

Há também a dimensão real da fantasia, que é a mais opaca, porém a mais relevante. Lacan (1964/1998; 1966-67) ressalta a dimensão de real da fantasia, considerando-a uma via de acesso ao real. A fantasia também está no registro real porque possui um impossível de modificar, o qual está articulado à repetição de um gozo que volta sempre ao mesmo ponto do furo no Outro (LACAN, 1964/1998; MILLER, 1987; SOLER, 2004). Trata-se de uma significação absoluta ligada à fixação do sujeito a um gozo e a um lugar idiossincrático

(SOLER, 2004). Essa dimensão da fantasia é estática (MILLER, 1987), contrapondo-se radicalmente à dinâmica das inúmeras fantasias imaginárias, que são modificáveis em sua interação com as impressões recentes que mobilizaram sua fabricação (FREUD, 1908/2006). Essa fixidez da fantasia demonstra que há uma intersecção entre real e simbólico. A estática da fantasia, que pode gerar uma inércia na análise, é passível de ser tomada como resistência do analisante (MILLER, 1987), não obstante Lacan (1971/2009) aponte que é a fantasia que resiste- e não o analisante.

A dimensão real da fantasia está ligada ao fato de que na fantasia prevalece uma relação com um objeto, que possui uma peculiaridade absoluta, de forma radicalmente oposta ao significante, que é definido pela sua oposição a outro significante. As dimensões simbólicas e imaginárias da fantasia têm a função de envelopar esse objeto *a* em seu estatuto real. A fantasia fornece a ilusão de que o *fallasser* pode encontrar o objeto de satisfação na realidade, constituída pelos registros simbólico e imaginário (COUTINHO JORGE, 2010). Contudo, o que se encontra são as vertentes simbólicas e imaginárias do objeto *a*. Há inúmeros semblantes de objeto *a*, que assumem feições imaginárias e cujo gozo parcial será orquestrado pelos significantes do Outro. Entretanto, a principal dimensão do objeto *a* é real, impossível de acessar por definição e que não é da ordem da imagem (FALBO, 2010), sendo sinônimo de *das Ding* (COUTINHO JORGE, 2005).

Na fórmula da fantasia, $\$ \blacklozenge a$, Lacan (1966-67/2003) destaca esse objeto de peculiaridade absoluta, que é o objeto *a* na relação com o sujeito dividido. O sujeito barrado, $\$,$ dividido, comparece como o outro termo da fórmula. O objeto *a* tem relação com o furo, funcionando como causa do desejo e atestando que não há objeto capaz de preencher: não há complementariedade sexual (COUTINHO JORGE, 2005; 2010). O objeto *a* também marca uma dimensão impossível de reduzir pelo significante (LACAN, 1962-63/2005). Outro elemento importante a destacar na fórmula da fantasia é que ela une elementos heterogêneos: a dimensão do sujeito, vinculado ao inconsciente e à linguagem, e a dimensão da sexualidade, vinculada ao real da insaciável exigência pulsional (COUTINHO JORGE, 2010). Tais elementos heterogêneos possuem uma relação que Lacan (1962-63/2005) definiu como polivalente e que é simbolizada por \blacklozenge .

A apresentação dos três registros da fantasia, com a delimitação do registro imaginário como o mais acessível à consciência e mais mutável, e da intersecção do simbólico e do real,

na qual a dimensão do imodificável predomina, como a dimensão mais relevante da fantasia (MILLER, 1987) permite identificar semelhanças com o processo de criação artística nela embasado. Falbo (2010) assinala que o processo de criação artística, tal qual a fantasia, não pode prescindir das elaborações imaginárias, conquanto vise à *das Ding* e isso explica porque na arte, embora o artista busque dar tratamento ao real, temas angustiantes, ligados ao horror e ao patológico também podem ser abordados. Os temas ligados ao horror e ao abjeto não somente podem ser abordados nesse campo, mas o cerne da arte se liga ao indizível. Na qualidade de atividade que se serve da fantasia para criar seus produtos, a arte possui no real inominável, que não pode ser completamente veiculado pela linguagem, o poder de engendrar afetos no público (LIGEIRO; COUTINHO JORGE, 2018). Em suma, visando tratar o real da pandemia, os escritores trazem em seus contos o angustiante e o traumático desse momento histórico. A fantasia também está presente nos contos selecionados que versam sobre a pandemia, haja vista que os escritores criativos partem do material de suas fantasias para elaborar sua obra (FREUD, 1908/2006). Nas referidas obras, buscaremos algo do testemunho do inconsciente coagulando nessas fantasias adornadas em conto (COUTINHO JORGE, 2010). Se o artista consegue antever questões e intuições que o analista tarda em formalizar teoricamente (FALBO 2010; LACAN, 1965/2003), buscaremos nas fantasias desses escritores janelas para a pandemia: janelas metafóricas que nos permitam ir além das janelas concretas que nos fecharam em casa devido ao imperativo de isolamento social.

Sonho e fantasia se articulam intimamente, pois ambos são ficções que protegem o sujeito contra a crueza do real, veiculando esse real de forma atenuada em alguma proporção pelos registros simbólico e imaginário. Freud (1908/2006) equipara os sonhos a fantasias noturnas de caráter distorcido, por portarem desejos que engendrariam conflitos com a censura caso não aparecessem disfarçados. A partilha de mecanismos entre sonho e fantasia também é assinalada por Laplanche e Pontalis (2022). No contexto da pandemia, houve um crescente interesse pelo mundo onírico, assim ocorreu um aumento no relato de sonhos de angústia e de caráter traumático (HENDERSON; BUCKER, 2022). Considerando a vereda privilegiada que são as ficções para acessar o inconsciente e também o papel fulcral destas ficções para elaborar rupturas sociais, conforme assinalado por Iannini et al. (2021), abordaremos alguns elementos da teoria dos sonhos, enfocando os sonhos de angústia e os sonhos traumáticos visando a embasar teoricamente a posterior análise dos sonhos coletados nos trabalhos de Iannini et al. (2021).

Na conferência XXIX das “Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise”, Freud (1933/2006) delimita que os sonhos são tentativas de realização de desejo, levando em consideração a exceção constituída pelos sonhos traumáticos e frisando que a realização do desejo nem sempre é concretizada na cena onírica, havendo não só as forças da censura que se opõe à realização integral do desejo, mas também os conteúdos vinculados ao trauma que subjagam a ordem do desejo- ou seja, o princípio do prazer- nos sonhos traumáticos. Outra característica dos sonhos é que neles a realização do desejo é feita de forma alucinatória, devido ao mecanismo de regressão, sendo a dimensão imagética central no mundo onírico (FREUD, 1916-17/2006). O sonho é norteado pela tentativa de resguardar o sono (FREUD, 1933/2006), mas no caso dos sonhos traumáticos e de angústia em que o sujeito acorda aterrorizado, o acordar é o último recurso da censura para defender o sujeito da aproximação do real que a superfície do sonho falhou em mascarar. O sujeito acorda para permanecer adormecido nas ficções que revestem o real, evitando dessa forma o verdadeiro despertar (FREUD, 1916-17/2006; LACAN, 1964/1998). Outra função do sonho que se destaca nos sonhos traumáticos e de angústia, agrupados na linguagem popular sob a denominação de ‘pesadelos’ (HENDERSON; BUCHER, 2022), é de constituírem um momento de olhar para questões que colocam um enigma ou que mobilizam a angústia, sendo tal função destacada nos sonhos produzidos durante a pandemia (IANNINI et al., 2021), momento no qual, segundo Brousse (2020b), não houve instante de olhar. Em uma sociedade marcada pelo imperativo de produtividade e pela pressa (IANNINI et al., 2021), haveria tempo para refletir sobre as mudanças trazidas ou acentuadas pela pandemia durante a vigília? Ademais, os ‘pesadelos’ propiciam esse instante de olhar para questões desprazerosas devido ao rebaixamento da censura, o qual não é possível no decorrer da vigília.

Abordaremos nesse momento os elementos do sonho tal como conceituados pela psicanálise. Justificamos tal passagem pelos conceitos de desejo, censura onírica, trabalho do sonho, conteúdo manifesto, pensamentos oníricos latentes e interpretação do sonho como passo necessário para a compreensão das análises de sonhos realizadas pelos autores Iannini et al. (2021) e o nosso revisitar dessa análise a partir da relação da angústia com o objeto *a*.

O que nos aparece como sonho não é em si inconsciente, sendo de fato inconsciente e, por conseguinte, objeto de interpretação da psicanálise, o que está nos bastidores dessa cena de tons surreais e que a determina, mesmo estando velado (LACAN, 1964/1998). Os bastidores da cena onírica que se apresenta à nossa percepção quando dormimos são os pensamentos

oníricos latentes. Os pensamentos oníricos latentes são responsáveis por conferir significado ao sonho e determinam sua realização. Os pensamentos oníricos latentes são compostos por dois conjuntos: os restos diurnos e um desejo recalçado. O principal responsável pela criação do sonho é o desejo recalçado, o qual possui força suficiente para mobilizar o trabalho onírico (FREUD, 1933/2006). Para mobilizar o recalque, um desejo precisa deter não só forte investimento libidinal, mas também se chocar contra os ideais do sujeito. Esse poderoso desejo recalçado é, portanto, um incômodo para o sujeito, o qual toma esse desejo como algo estranho a si (LACAN, 1958/1998). Lacan (1964/1998) pontua o caráter real envelopado pela forma do sonho: há algo inassimilável que, quando aparece sem disfarces, faz o sujeito acordar. Os restos diurnos são pensamentos, afetos e percepções de dias anteriores ao sonho aos quais o ser falante não conferiu maior atenção e os quais, portanto, não foram tornados conscientes (IANNINI et al., 2021). Os restos diurnos facilitam a aceitação do desejo recalçado pela censura, colaborando com a sua entrada, ainda que disfarçada, na cena onírica. Ressalte-se que os pensamentos oníricos latentes podem abarcar atos mentais complexos (FREUD, 1916-17/2006; 1933/2006).

O trabalho do sonho será responsável por coordenar os bastidores dos pensamentos oníricos latentes e criar o conteúdo manifesto que é objeto de nossa percepção. A interpretação percorrerá o caminho inverso do trabalho do sonho. O conteúdo manifesto se apresenta como lacunar e distorcido, revestindo-se de maior estranheza conforme aumenta a magnitude da censura, além de distanciar-se da lógica dos processos conscientes, embora seja acessível de forma cifrada a essa instância durante a experiência onírica e nas recordações dos sonhadores. No conteúdo manifesto, prevalece a dimensão pictórica, sendo os pensamentos oníricos latentes traduzidos, via de regra, em imagens (FREUD, 1916-17/2006; HENDERSON; BUCHER, 2022; LAPLANCHE; PONTALIS, 2022). Lacan (1953/1998) se refere ao sonho como um rébus. O termo rébus designa um enigma que veicula ideias e pensamentos através de imagens (COSTA, 2012), sendo tal vínculo determinado por homofonia. O rébus é, portanto, um enigma que segue as leis do inconsciente, instância na qual a materialidade do significante prevalece.

Conquanto haja um rebaixamento de censura no sono, será precisamente a censura a responsável pela deformação onírica. A censura é uma modalidade de defesa (LAPLANCHE; PONTALIS, 2022) e está vinculada aos “ideais éticos, estéticos e sociais da pessoa” e se insurge contra as exigências da pulsão (FREUD, 1916-17/2006, p.144-145), as quais podem ter caráter sexual, egoísta ou destrutivo. A censura aumenta conforme o caráter proibido do desejo e o rigor das suas próprias exigências. Contudo, a censura incide diferentemente nos distintos

significantes do sonho e pode lançar mão de variados mecanismos de realização: condensação, deslocamento, figuração e substituição em algo oposto/ reversão de significado.

A condensação consiste na fusão de elementos que têm relação entre si e se aproxima da metáfora entre significantes (FREUD, 1933/2006; LACAN, 1958/1998). Operando pela omissão, a condensação reduz o número de elementos do conteúdo manifesto em relação aos pensamentos oníricos latentes (FREUD, 1900/2001). Por sua vez, o deslocamento, o qual é apontado como principal recurso para a distorção onírica, opera ou mediante alusão (FREUD, 1916-17/2006) ou transmutando os valores afetivos dos elementos que comparecem no conteúdo manifesto: pensamentos oníricos latentes de alto valor afetivo podem ser traduzidos como meros detalhes no conteúdo manifesto do sonho e os afetos mais intensos podem ser deslocados para significantes vinculados a pensamentos oníricos desimportantes (FREUD, 1900/2001; 1933/2006). O deslocamento pode ser equiparado à metonímia, na qual há um deslizamento de significado entre significantes (LACAN, 1958/1998). A figuração consiste na transmutação de pensamentos em imagens visuais. A transformação no oposto engendra no conteúdo manifesto elementos contrários aos pensamentos oníricos latentes (FREUD, 1916-17/2006).

A interpretação do sonho consistirá no caminho inverso ao trabalho do sonho. Reinoso (2021) saliente a importância de apontar na leitura dos sonhos do analisante, feita a partir de suas associações, a dimensão do equívoco. Tal orientação é congruente com a ênfase dada por Lacan (1964/1998) ao tropeço no sonho. A interpretação do sonho feita pelo psicanalista é uma leitura (MAROTTA, 2021) de um texto apresentado pelo analisante, o qual já possui duas camadas de interpretação. Esse texto é composto de significantes que possuem um elo associativo com a história do sujeito (LACAN, 1964/1998) e, conforme Iannini et al. (2021), terão um número finito de sentidos. Ademais, é um texto redigido em um idioma primevo que apresenta significantes com sentido antitético e no qual a figurabilidade ainda se acha presente (FREUD, 1916-17/2006). As associações do analisante sobre o sonho são uma interpretação do analisante já deturpada pela resistência e o sonho, por sua vez, já é uma interpretação distorcida pela censura onírica. A bússola da interpretação onírica serão os significantes produzidos pelo analisante em suas associações (LACAN, 1964/1998). Ressalte-se que a interpretação do sonho não pode, por estrutura, ser exaustiva, pois o umbigo do sonho não é passível de ser acessado.

Os sonhos de angústia estão relacionados a um desejo que entra em forte conflito com a instância censora, mas tal desejo vence a contenda, engendrando o sonho. Também são acompanhados de afetos penosos os sonhos de punição, os quais são uma resposta onírica da censura à realização de um desejo proibido em um sonho anterior (FREUD, 1916-17/2006). O desejo inconsciente, nesses casos, é experimentado como alteridade pelas instâncias censoras e engendra angústia no sonhador, que não reconhece aquele estranho em si: trata-se do gozo do Outro (LACAN, 1962-63/2005). Nesses casos, trata-se do saber inconsciente, que deveria permanecer escondido e no qual o sujeito não se reconhece, não obstante emergindo e causando tal desprazer que o despertar do sono é vivenciado como alívio.

Por sua vez, os sonhos de repetição nas neuroses traumáticas retornam à situação do trauma, o qual foi na sua eclosão e continua sendo produtor de desprazer para todas as instâncias psíquicas. O traumatismo é um advento do real, no qual a dimensão do acaso traumático instaura a compulsão à repetição, princípio mais elementar e que subjuga de forma patente o princípio do prazer nesses sonhos. O desprazer é tamanho que o despertar do sono é uma forma de adormecer para o encontro com o real que jaz por trás da representação (FREUD, 1920/2010; LACAN, 1962-63/2005).

2 MÉTODO

A tese desenvolvida visou responder à seguinte questão de pesquisa: de que maneira foram tratadas as dimensões do trauma, da angústia e da fantasia nos contos e sonhos produzidos no contexto da pandemia? Elegemos os conceitos psicanalíticos de trauma, angústia e fantasia para abordar o momento de erosão dos semblantes e irrupção do real em que consiste a pandemia por dois motivos. Primeiro, devido à consideração de que no campo psicanalítico o trauma se apresenta para os seres falantes representado e determinado pela fantasia (BERTA, 2010; LA SAGNA, 2015; SOLER, 2021b) e que a manifestação de angústia é recorrente depois da eclosão do trauma. Segundo, porque utilizaremos como material para análise contos ficcionais e sonhos, os quais possuem relações significativas com a fantasia. Nosso objetivo geral é investigar de que forma as dimensões da fantasia, da angústia e do trauma foram abordadas nos escritos literários sobre a pandemia da COVID-19 presentes nas coletâneas *20 contos sobre a pandemia de 2020* e *O projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia* e nos relatos de sonho contidos na obra *Sonhos Confinados*. Nossos objetivos específicos são: (1) explorar o que o campo lacaniano produziu sobre a temática da pandemia; (2) abordar os conceitos de trauma e de angústia no campo psicanalítico, em suas articulações com o real e a pulsão de morte; (3) versar sobre o conceito de fantasia no campo psicanalítico, em suas articulações com o trauma, a escrita literária e o sonho; (4) abordar as relações entre psicanálise e literatura; (5) pesquisar a dimensão do trauma, da angústia e da fantasia mediante a leitura dos contos e sonhos selecionados.

A justificativa para o estudo psicanalítico da dimensão do trauma, da angústia e da fantasia nos escritos literários e relatos de sonho produzidos no contexto da pandemia da COVID-19 se embasa nos seguintes fatores: (1) impactos significativos na saúde mental e aumento do sofrimento psíquico na pandemia da COVID-19; (2) efeitos significativos da irrupção da pandemia nos modos de vida dos *falasseres*, especificamente nas relações entre seres falantes no espaço público; (3) importância da psicanálise se voltar para as questões que marcam uma época, como é o caso da atual pandemia, pois o *falasser* e seu inconsciente são afetados pelas mutações no Outro cultural.

A primeira justificativa está relacionada ao aumento do sofrimento psíquico relatado e das queixas relacionadas à saúde mental na pandemia (BIRMAN, 2020), assim como ao aumento das demandas de análise (COUTINHO JORGE; MELLO; NUNES, 2020). É

importante ressaltar que a pandemia por si só já traz impactos psíquicos, devido à dimensão de incerteza que carrega, além das repercussões psíquicas dos riscos ampliados de adoecimento e morte. A esses impactos psíquicos da pandemia são acrescidos os efeitos psíquicos do isolamento social, medida necessária para a contenção da pandemia e para a preservação da saúde, mas que pode ter gerado repercussões na saúde mental dos que vivenciaram esse isolamento e tais repercussões podem persistir após o término do isolamento. Ademais, as políticas públicas de saúde coordenadas e executadas pelos governos influem de forma significativa na saúde mental (SCHMIDT et al., 2020), o que constituiu outro agravante para a saúde mental no contexto da resposta à pandemia da COVID-19 no Brasil. É importante ressaltar, no contexto dessa primeira justificativa de pesquisa, que a psicanálise e a saúde mental são campos de saber heterogêneos (DURÃES, 2020), mas que podem se tocar em alguns pontos (BIRMAN, 2020). O sofrimento psíquico experimentado na pandemia e enunciado pelo analisante, ainda que este já o traga codificado de acordo com o Outro da saúde mental das nosografias do DSM- *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*- e da CID- Classificação Internacional das doenças (DURÃES, 2020), será escutado pelo analista sem predefinições quanto ao seu significado (MILLER, 1997) e a partir do entendimento de que o ser falante é marcado constitutivamente pela desarmonia e pelo mal-estar. Ou seja: para a psicanálise as fronteiras entre normal e patológico são diluídas, pois o *falasser* é considerado em sua singularidade e a partir do incurável de seu gozo devido à inexistência de relação sexual (MILLER, 2008b). Portanto, a psicanálise critica a noção de saúde mental, denunciando seu caráter de ideal. Dito isso, o ponto de contato entre os campos da psicanálise e da saúde mental é a escuta do sofrimento dos sujeitos e a atenção conferida a seus sintomas.

A segunda justificativa está relacionada aos efeitos significativos da pandemia no modo de vida dos *falasseres*. Ocorreram mudanças bruscas e significativas, drásticas em alguns casos, no cotidiano, pois, não obstante a existência dos boletins epidemiológicos que noticiavam a chegada da pandemia, estes não podiam prever o impacto que essa experiência inaudita de confinamento generalizado poderia ter na experiência dos seres falantes. A catástrofe pandêmica se iniciou com um súbito excesso de estímulos avaliados como perigosos (GALLANO, 2020), passíveis de engendrar efeitos traumáticos e que transformaram a realidade cotidiana, a qual possui relações íntimas com a fantasia (BERTA, 2010; 2015). Há efeitos subjetivos da pandemia da COVID-19, a primeira da história a gerar um confinamento simultâneo e global dos sujeitos (SOLER, 2021a), que ainda não são passíveis de delimitação. Castello Branco e Sobral (2022) destacam como um dos riscos trazidos pela pandemia a ameaça

à circulação da palavra em âmbito público. Ante tal risco da pandemia, a literatura é uma prática que pode fornecer novos modos de escuta (CASTELLO BRANCO; SOBRAL, 2022). Os sonhos também revelam sua importância nesse momento pela ilustração que fornecem dos processos inconscientes e por sua capacidade de captar mudanças sociais (DUNKER et al., 2021).

A terceira justificativa- que certamente não é nova, mas cuja relevância persiste- que embasa a pesquisa em consecução é a da indissociabilidade entre o sujeito e o social no qual está imerso, decorrendo dessa constatação a importância de que o analista se debruce sobre as questões de seu tempo (FREUD, 1921/2011; LACAN, 1953/1998).

2.1 O MÉTODO PSICANALÍTICO DE PESQUISA

A princípio, cabe pontuar o que traz Ferreira (2018) sobre o campo psicanalítico de pesquisa. A autora refere que se trata de um campo ainda em formação, do que se conclui que as questões referentes ao estatuto da pesquisa psicanalítica ainda fulguram neste campo do saber e justificam a importância de dedicar um tópico da presente tese ao mesmo. Indagamo-nos se tal incipiência não se deve às relações por vezes conflituosas e decerto paradoxais da psicanálise com as ciências. Lacan (1953/1998) assinalou tal conflito entre a ciência, que a partir da objetivação exclui a subjetividade, e a psicanálise, que visa recriar o sentido humano nos tempos em que domina o discurso da ciência. Tal conflito é patente no que concerne ao tema “psicanálise e pandemia” e ainda mais destacado nos seus objetos “contos literários que versam sobre a pandemia” e “sonhos produzidos durante a pandemia”: ante o furo gerado pela pandemia, a arte fornece leituras que não visam tamponar o furo, como tenta, sem cessar, o discurso da ciência, mas produz algo a partir dele, sem qualquer obrigação com o campo da utilidade, testemunhando algo da ordem do gozo veiculado na fantasia que sustenta o escrito literário (CALDAS, 2007) e traçando um percurso de construção de sentido. No sonho, momento em que o Eu do sujeito está fechado para suas interações com o mundo externo (FREUD, 1933/2006), também se destacam a ausência de utilidade e a centralidade assumida pela fantasia.

A psicanálise possui relações complexas e ambivalentes com as ciências, interações estas que podem ser entendidas a partir do neologismo *extimidade* (IANNINI, 2013), formulado na obra lacaniana, e que designa, segundo Ratti e Estevão (2015), o oxímoro de uma relação

caracterizada pela intimidade e pela estranheza (SALIM, 2019). Consideraremos neste tópico as relações entre psicanálise e ciências humanas, campo no qual a invenção freudiana se insere devido à importância conferida à discursividade (AMORIM, 2018) - mas não sem possuir as dissonâncias que a consideração do real pela pesquisa psicanalítica engendra em relação às demais ciências humanas (MAIA, 2018; PINTO, 2018; SALIM, 2019).

Considerando seus atravessamentos com o campo das ciências humanas, é possível afirmar, conforme assinala Amorim (2018), que na pesquisa em psicanálise tanto o pesquisador quanto o pesquisado são seres falantes. Para a psicanálise lacaniana, os sujeitos portam também gozo, do registro real, dimensão que não pode ser completamente esquadrihada pela compreensão, de ordem imaginária e simbólica. É tal consideração pela dimensão real que singulariza a pesquisa psicanalítica de orientação lacaniana (MAIA, 2018). A interpretação também é um dos recursos mais importantes da pesquisa psicanalítica seja ela no *setting* clássico ou em outras searas (COELHO; SANTOS, 2012), mas se trata de uma interpretação detentora da especificidade de se nortear pela prevalência do significante sobre o significado e por considerar o real (SOLER, 2012b). O primeiro aspecto da interpretação considera a pluralidade de significados que um significante pode assumir, sendo o significado um resultado *a posteriori* da relação entre significantes (LACAN, 1953/1998). O segundo aspecto da interpretação se serve do uso do equívoco e das ressonâncias do dito para abarcar o real da *lalangue*²⁹, fazendo emergir a dimensão do sem-sentido (FERNANDES, 2012; GUEGUÉN, 2009; SOLER, 2021b). A interpretação da pesquisa psicanalítica não visa, portanto, a um sentido último, haja vista que não existe Outro do Outro e, por conseguinte, não haveria verdade última para uma pesquisa psicanalítica e não haverá tal verdade última em uma pesquisa que tem por objeto um escrito literário ou um sonho, mas tão somente uma relação entre o enigma suscitado pelo objeto falado e o pesquisador, um enigma que não pode ser completamente respondido pelo saber. Na pesquisa psicanalítica a neutralidade não é visada como alicerce e neste método de pesquisa a busca do rigor passará principalmente pelos seguintes critérios: pela elucidação dos elementos transferenciais; pela atenção conferida ao detalhe (pois os derivados do inconsciente por vezes comparecem no que é aparentemente anódino) e pela consideração

²⁹ *Lalangue* é um termo criado por Lacan (1972-73/2008) para designar a dimensão real da língua- vocábulo que foi traduzido como *lalíngua* por Haroldo de Campos (MILLER, 2012). A *lalíngua* é a dimensão não toda da língua que comporta o equívoco e o gozo (MILNER, 2012), que abarca o significante desgarrado, fora da cadeia (FERNANDES, 2012). A *lalíngua* emerge como efeito de gozo na relação com o Outro que exerce a função materna (SOLER, 2021b). A dimensão da *lalíngua* é prevalente no inconsciente, sendo a linguagem uma estrutura posterior que busca ordenar o real da *lalíngua* (FERNANDES, 2012; MILNER, 2012).

do real, evitando tamponá-lo com o adensamento interpretativo do simbólico. Quanto ao modo de trabalhar com o material significante dos sonhos, trata-se da interpretação pelo significante e pelo equívoco inaugurada por Sigmund Freud.

2. 2 PSICANÁLISE E LITERATURA: ENTRE *MAL-DITOS* E OS LIMITES DO SABER

Psicanálise e literatura possuem uma relação privilegiada desde os primórdios da psicanálise e tal relação continua profícua. Trata-se, cabe ressaltar, de uma relação entre campos heterogêneos e irreduzíveis um ao outro, permeados por relações tanto de tensão quanto de convergência (PIGLIA, 1986). Podemos elencar os seguintes motivos para tal interlocução recorrente. Um primeiro motivo consiste em ambas terem como alicerce o trabalho com a linguagem (CALDAS, 2007; EDLER, 2009; ROSENBAUM, 2012). Trata-se de uma relação com a linguagem que não é permeada pela função denotativa de transmitir uma informação, mas pelo contrário, articula-se ao manejo dos efeitos de gozo que a materialidade dos significantes empregados produz. Um segundo motivo está nas relações que ambas detêm com o inconsciente e, portanto, com um saber sobre o âmago dos seres falantes. Decerto, como enfatiza Soler (1998), a literatura não é uma réplica bruta dos processos inconscientes do autor. Há aí um saber-fazer e uma técnica empregados, mas a literatura não deixa de “carregar nos seus flancos o não consciente” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p.13). Um terceiro motivo reside na importância que ambos conferem à ficção (PIGLIA, 1986) e, portanto, à fantasia (LACAN, 1958/1998), sendo o recurso fundador de Sigmund Freud à literatura não só um resultado de sua erudição, mas da busca por um saber para dialogar com a nascente psicanálise, pois tendo percutido um furo no saber científico da época, a psicanálise se distanciara dos cânones da ciência, conquanto para Freud a cientificidade permanecesse no zênite de seus ideais (PINTO, 2018). Passemos, primeiramente, à abordagem da relação entre os trabalhos freudianos e a literatura, seguida da abordagem da relação de Lacan com Poe em “O seminário sobre a carta roubada”, metodologia que adotaremos em relação aos contos selecionados. Logo depois, abordaremos os aspectos da relação entre psicanálise e literatura que embasam nossa escolha da literatura como parte do nosso material de pesquisa e também apresentaremos a modalidade de leitura que utilizaremos na interlocução com esse saber.

Freud foi um ávido leitor dos clássicos, dentre os quais podemos citar a título de ilustração Dostoiévski, Heine, Sófocles, servindo-se das obras literárias para enriquecer o

corpus teórico da psicanálise. Rey (1998) destaca que o recurso de Freud à literatura ocorria em momentos nos quais o médico vienense se deparava com incógnitas para o saber que gestara. A análise do conto o “Homem de Areia” de Hoffman é centrada no *Unheimliche* sob a forma de temor vivido por Natanael ante a representação do homem de areia, a qual primeiramente aparece em uma lenda, sendo posteriormente atualizada na figura do advogado Coppélius. O temor estava relacionado a ter os próprios olhos extirpados, temor que remete à castração e ao desamparo (FREUD, 1919/2006). O conceito *Unheimliche* pode ser traduzido como estranho, como consta nas obras completas da editora Imago (FREUD, 1919/2006) ou como infamiliar (FREITAS; CHAVES; TAVARES, 2019). Esse conceito possui dois sentidos importantes (BARTIJOTTO, 2021). O primeiro deles se relaciona ao que é ao mesmo tempo familiar e recalcado, provocando um afeto significativo e enigmático devido à ruptura com o significante a ele vinculado, divisão esta produzida pelo recalque. O segundo deles está articulado ao desamparo e ao trauma, vinculando-se a situações nas quais o sujeito, ou o personagem com o qual o sujeito se identifica em sua leitura, encontra-se subjugado pela compulsão à repetição (FREUD, 1919/2006). Destaque-se o colorido afetivo de desprazer vinculado ao *Unheimliche*. O efeito de *Unheimliche* é frequentemente alcançado quando há diluição das fronteiras entre fantasia e realidade. Tal diluição de fronteiras comparece na pandemia em suas semelhanças com representações distópicas- especialmente nos períodos mais críticos. Como seara na qual a fantasia do escritor pode se revestir de semblante de realidade mediante sua técnica de escrita- conhecida como verossimilhança, a literatura favorece e catalisa a produção do sentimento de *Unheimliche* (FREUD, 1919/2006), o qual possui relações importantes com o trauma e a fantasia

Advindo da leitura freudiana de “Édipo Rei”, o conceito de “Complexo de Édipo” é central para a psicanálise por assinalar os atravessamentos ambivalentes que constituem as relações familiares. Por sua vez, a análise freudiana da *Gradiva*, de Jensen (FREUD, 1907), malgrado restrinja a obra a uma ilustração de seus pressupostos teóricos (BELLEMIN-NOËL, 1978) propicia a abordagem dos conceitos de fantasia, delírio e sonho. Freud (1908/2006, p. 20) assinala a riqueza da interlocução da psicanálise com a literatura: “E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa vã filosofia ainda não nos deixou sonhar”. Em “Escritores criativos e devaneios” (FREUD, 1908/2006) é apontada a verdade trazida pela ficção literária, a qual está vinculada à satisfação pulsional e à identificação. Na mesma linha argumentativa de Freud, Bellemin-Noël (1978)

afirma que o potencial da literatura reside em propiciar elementos privilegiados para refletir sobre a condição humana.

Lacan (1953/1998; 1956/1998), ao se apropriar dos saberes da linguística- a sua maneira- e agregar o princípio da primazia do significante às leis de funcionamento do inconsciente, retoma os passos freudianos de valorização do diálogo entre psicanálise e literatura. Em “O seminário sobre ‘A carta roubada’” (LACAN, 1956/1998) comparecem elementos que julgamos significativos para as relações metodológicas entre psicanálise e literatura. O primeiro deles é de que a ficção é portadora de uma verdade que decorre da determinação significante. O que é contado em uma história abarca uma verdade, seja ela factual ou não, como assinala Bellemin-Noël (1978). A estrutura ficcional da verdade é central tanto na literatura quanto na teoria psicanalítica (CALDAS, 2007): é a verdade apresentada sob forma de fantasia.

O segundo elemento salientado por Lacan (1956/1998) é que ao longo do conto a responsabilidade do autor sobre a carta extraviada (*The purloined letter*) se torna secundária, estando a responsabilidade sobre quem a detém. Por conseguinte, o método empregado por Lacan opera colocando a obra em primeiro plano, e não o autor, enterrando a possibilidade de uma psicobiografia do autor através de sua obra, prática que consiste em uma utilização selvagem da psicanálise, empregando a interpretação de maneira equivocada como se o enunciado literário partisse da associação livre. Tal crítica à psicobiografia é feita de forma taxativa por Lacan (1975) em “Homenagem à Marguerite Duras” ao apontar tal prática como grosseira.

Ainda sobre o segundo elemento, sobre a responsabilidade do leitor, comparece a importância da leitura como recurso da psicanálise para abordar o texto literário. O risco de viés na leitura de textos literários não é maior do que aquele que comporta a pesquisa psicanalítica em geral referente à impossibilidade estrutural de tamponar o furo no saber, da ordem do real (GAZZOLA, 2002) e à impossibilidade de responder de forma completa ao enigma suscitado pela pesquisa (CANABARRO, 2011). Castello Branco e Sobral (2022) afirmam que a psicanálise opera como saber em fracasso e que também as relações entre psicanálise e literatura só funcionarão como um saber em fracasso. Sobre a psicanálise operar como saber em fracasso isso se articula à própria ideia de que o saber teórico da psicanálise não pode anular o real e esquadrihar todos os fenômenos pela compreensão, de ordem simbólica e imaginária (SALIM,

2019). Castello Branco e Sobral (2022) aproximam o saber em fracasso de uma estrutura de abismo, análoga ao quadro “As meninas” de Velásquez. Neste icônico quadro, a tela se multiplica, revelando que determinada imagem só existirá conforme o enquadre. Depreende-se da analogia que o saber em fracasso que rege as relações entre psicanálise e literatura é da ordem de um saber parcial e que só existe sob determinado ângulo: é um método sem garantia de univocidade e refutabilidade.

Bellemin-Noël (1978) aponta que, em “O seminário sobre ‘A carta roubada’”, Jacques Lacan norteia sua leitura do conto de Poe pela teoria psicanalítica, aprendendo com o texto e assim enriquecendo a própria psicanálise. Por sua vez, Caldas (2007) assinala que Lacan aplicou a literatura à psicanálise, robustecendo a doutrina freudiana com os saberes da literatura, atentando-se aos elementos da obra. Assim, o método lacaniano em “A carta roubada” (1956/1998) transmite uma modalidade de leitura que enfoca o texto através da atenção ao detalhe e nos ensina que a utilização de materiais externos ao *setting* decorre da consideração de que determinados fatos estruturais, inerentes ao *fallasser* e atravessados pelo inconsciente, são testemunhados por diversas expressões humanas, como é o caso da literatura. Ressalte-se que cada expressão é dotada de suas particularidades e abordaremos adiante as especificidades da literatura (BELLEMIN-NOËL, 1978; GAZZOLA, 2002).

Cabe reiterar que o método psicanalítico de pesquisa considera que a dominância do inconsciente ocorre não só no *setting* analítico sob associação livre, mas em diversas produções do *fallasser* e na vida social (AGUIAR, 2006; ROSA, 2004). A psicanálise é um sistema de leitura dos seres falantes e suas diversas produções (BAYARD, 2004; BELLEMIN-NOËL, 1978). Na literatura e no *setting* clínico, a materialidade da linguagem é patente, caracterizada pelo endereçamento ao Outro, pelo deslizamento entre significante e significado e pelo gozo produzido pelo significante (LACAN, 1972-73/2008). Especificamente sobre a relação com o gozo, psicanálise e literatura tentam paradoxalmente fisgar nas redes do simbólico o que é por ele inassimilável: o real (CALDAS, 2007; ROSENBAUM, 2012).

Contudo, faz-se mister ressaltar que a literatura e a psicanálise possuem uma relação de alteridade que não deve ser suprimida em sua colaboração com o intento de se debruçar sobre a subjetividade (ROSENBAUM, 2012). Enquanto no *setting* analítico há um convite à associação livre (ainda que interrompida pelas resistências) cuja regra é precisamente não escolher as palavras, o escritor escolhe com diligência suas palavras (FERREIRA, N., 2007).

Logicamente, nem o narrador nem os personagens de uma obra estão seguindo a regra da associação livre (GAZZOLA, 2002), mas o escrito ficcional é um *locus* privilegiado de interrogação da verdade (LACAN, 1971/2009) na qualidade de produção humana que tem como valor o gozo (CALDAS, 2007) e como semente a fantasia, a partir da qual a obra poderá brotar com o recurso a refinadas ações conscientes, que envolvem o verniz do trabalho estético (FREUD, 1908/2006).

Sobre o cuidado vinculado ao trabalho da consciência na escolha das palavras pelo escritor, somos ensinados pelo poema de João Cabral de Mello Neto (1997, p.17): “Catar feijão se limita com escrever:/joga-se os grãos na água do alguidar/e as palavras na folha de papel;/e depois, joga-se fora o que boiar”. Não se psicanalisa uma obra (LACAN, 1971/2009) porque na obra os processos secundários, vinculados à consciência, decorrentes de habilidades adquiridas vinculadas à erudição, às habilidades artísticas, ao esforço e à inteligência, são essenciais para envernizar os processos primários vinculados à fantasia. Algumas palavras serão jogadas fora, como os grãos de feijão que boiam na água, pois há uma laboriosa e calculada seleção de cada significante (BELLEMIN-NOËL, 1978). Esse verniz é o prazer preliminar que constitui a arte literária e, embora traga satisfação, como transparece em sua nomenclatura, é apenas a antessala para o verdadeiro prazer da obra: permitir que o leitor entre em contato e se satisfaça com fantasias e afetos, por vezes de caráter desprazeroso e até *Unheimliche*, que tendem a ser silenciados no cotidiano devido às exigências civilizatórias (BELLEMIN-NOËL, 1978; FREUD, 1908/2006; 1919/2006).

Considerando a dimensão de inaudito trazida pela pandemia, recorreremos à literatura por considerar o papel dos escritores em antever o que só depois a teoria psicanalítica conseguirá cernir (LACAN, 1965/2003; RINALDI, 2007). Também consideramos a dimensão de invenção de sentido no trabalho literário, dimensão que redobra sua importância em um momento no qual o furo, o *trou*, apareceu destituído ou com parcos envoltórios como ocorreu na fase de resposta da pandemia. Na nossa investigação dos contos guiaremos nossa leitura pela dimensão do não saber e do impossível presentes nessas obras literárias (MANDIL, 2005; TROCOLI; AIRES, 2012). A relação com o não saber é de grande importância para a pesquisa em psicanálise, devido à consideração dos limites no próprio saber decorrentes da existência do inconsciente. Em relação ao contexto da fase de resposta da pandemia, a relação com o não saber se ampliou. Não é a primeira pandemia a devastar a humanidade e não será a última, contudo se trata de uma experiência radical de isolamento social, do qual ainda pouco se conhece acerca dos seus

efeitos sobre os seres falantes. Ou seja: avulta-se a dimensão do não saber em relação aos efeitos da atual pandemia sobre o trauma, a angústia e a fantasia. A literatura poderá nos ensinar algo sobre esse momento marcado pelo *trou* no saber. O método psicanalítico de pesquisa que utilizaremos abarca assumir o próprio desconhecimento sobre o objeto como relevante na interrogação pelo saber (DUNKER et al., 2002; FERREIRA, T.,2018).

2.3 A FORMA CONTO

Passemos agora à elucidação dos motivos da escolha da forma literária do conto. Para tal, embasamo-nos em “Alguns aspectos do Conto” do escritor argentino Júlio Cortázar (2021) e “Teses sobre o conto” do também escritor argentino e crítico Ricardo Piglia (1986). Não é por acaso que se tratem de dois escritores argentinos, pois a forma conto teve ampla difusão na América Latina (CORTÁZAR, 2021). Primeiramente faremos uma caracterização dessa forma literária para, então, abordar os motivos da sua eleição.

O gênero conto é caracterizado pela pluralidade e, logo, pela dificuldade de classificação, não obstante possam ser apontadas algumas convergências entre os diferentes contos, as quais facultam alguma caracterização desse gênero literário. O primeiro aspecto a destacar é que o conto é marcado pelo caráter limitado de suas dimensões, sendo possível compará-lo à fotografia, na qual prevalece a importância do enquadre de determinado elemento. O segundo aspecto é paradoxal, mas é determinante nos efeitos de relevância do conto: o tema eleito deve ser significativo, detentor da capacidade de remeter a questões que o transcendem, referentes à condição humana e ao contexto social no qual está imersa. A potência do conto reside na sua capacidade de levar o leitor a refletir sobre uma realidade muito mais abrangente a partir do impacto gerado por esse diminuto, não obstante intenso texto. Tal impacto precisa ser célere e intenso, como um golpe desferido por *knock-out*, conforme a analogia apresentada em “Alguns aspectos do conto” com o boxe. Outra característica do conto é a eleição do tema, a qual pode se impor ao autor, de forma independente da sua vontade consciente, impelindo-o ao trabalho. Tal traço da escrita do conto remete ao impulso, à *Drang* pulsional. Por fim, o último aspecto do conto é o ofício do escritor, necessário para que os efeitos do tema sobre o escritor, que motivaram o trabalho de escrita, possam ser transmitidos ao leitor. Tal ofício arquiteta o clima através do qual o leitor será captado no mundo criado pelo escritor (CORTÁZAR, 2021). Cabe apontar no que Cortázar denomina de “ofício do escritor” a

aproximação com o prazer preliminar descrito por Freud (1908/2006), o qual favorece a imersão do leitor no mundo de fantasia construído na literatura.

O motivo que embasou nossa eleição do conto foi sua divisão constitutiva. Para Piglia (1986), em “Teses sobre o conto”, os fatores que especificam a forma literária do conto são possuir duas histórias e uma delas ser secreta. A primeira tese é de que o conto possui duas histórias, uma delas secreta, conferindo uma dimensão enigmática ao conto (PIGLIA, 1986). A segunda tese é de que a história secreta do conto é a determinante para a forma conto, pois a construção do conto visa desvelar uma verdade oculta por trás da banalidade do cotidiano. Nesse sentido, a referida história oculta pode ser articulada à capacidade do conto, assinalada por Cortázar (2021), de remeter o leitor a questões que transcendem a própria narrativa. Pensamos que as teses de Piglia (1986) sobre o conto permitem estabelecer um diálogo entre o conto e a psicanálise, porquanto ambos apresentem uma história oculta que é a determinante na narrativa. Para a psicanálise, o inconsciente é o capítulo que sumiu da história do ser falante por efeito de uma censura e cuja ausência permanece ou como lacuna ou é preenchida por um capítulo distorcido (LACAN, 1953/1998), sendo tal capítulo oculto o principal determinante para o ser falante.

2.4 DA ESCRITA

A escrita da presente tese assumiu o caráter de ensaio, estilo este que, amplamente utilizado na obra freudiana, parece-nos se adequar melhor à pesquisa psicanalítica, a qual enfoca os efeitos do inconsciente no ser falante (HENRIQUES, 2023). No caso desta pesquisa, que se debruça sobre a literatura e os sonhos, produções nas quais o inconsciente se manifesta em suas roupagens mais subversivas à lógica aristotélica, adensa-se a importância da forma ensaio. O ensaio difere da escrita científica positivista, na qual a forma é indiferente; mas, por outro lado, distingue-se da arte por operar com conceitos. No ensaio, o estilo- a forma com a qual são trabalhados e transmitidos os conceitos- é cultivado. Delineia-se, assim, outro ponto de convergência entre pesquisa psicanalítica e ensaio, pois o estilo também é valioso em uma pesquisa que se utiliza do método interpretativo da psicanálise (MRECH, 2018). O ensaio faculta um uso da linguagem menos rígido que aquele da ciência positivista, haja vista que, como ressalta Iannini (2013), a psicanálise está no litoral entre a arte e a ciência, residindo o ensaio também em uma zona intermediária entre arte e ciência (ADORNO, 2003). Na forma ensaio, confere-se atenção não só ao conteúdo, como o faria o positivismo (ADORNO, 2003),

mas também se atenta aos significantes empregados, cuidado que é congruente com a centralidade conferida ao significante como forma desde Lacan (1953/1998).

Outro elemento importante da forma ensaio é a consideração de que o saber produzido está relacionado a uma experiência, não se tratando de um saber acabado (ADORNO, 2003). O ensaio é mobilizado por um objeto transitório, da ordem do singular e, portanto, o saber produzido a partir do ensaio não visa à universalidade (HENRIQUES, 2023). O ensaio trabalha com o caráter fragmentário da realidade, utilizando-se de um pensar também fragmentário nas suas elaborações, sem procurar tamponar essa dimensão constitutiva da realidade (HENRIQUES, 2023), reconhecendo o resto que o saber não pode anular (ADORNO, 2003). É pertinente assinalar a pertinência do ensaio, que valoriza na escrita as fraturas constitutivas da realidade, em um momento em que tais fraturas foram desnudadas pela pandemia. Henriques (2023) também destaca a importância da deriva do olhar no ensaio, forma que permite uma leitura marcada pela constante indagação e pela consideração do caráter provisório do saber produzido, além de abarcar a dimensão da enunciação, aquilo que subjaz e influi no enunciado.

2.5 SELEÇÃO DO MATERIAL

Selecionamos cinco contos para análise. O organizador de *20 contos sobre a pandemia de 2020*, Rogério Tavares, relacionou o isolamento social a um reencontro consigo que, para alguns, resultou em texto. Ele aponta o papel da literatura na lida com o real e com o imaginário e revela que convidou vinte escritores mineiros para que escrevessem sobre a pandemia da COVID-19 no calor do acontecimento, ou nas palavras dele próprio, “para que fabulassem ‘a quente’ sobre a peste” (TAVARES, 2020, p.28). Desta coletânea, selecionamos os contos “Duas irmãs”, de Cristiane Agostinho (2020), “47 segundos”, de Cris Guerra (2020) e “Solstício de Inferno”, de Luis Giffoni (2020). No conto “Duas irmãs” a narrativa orbita em torno da relação entre duas irmãs bastante diferentes que se reaproximam durante a pandemia e, a partir dessa diferença, apresentam posicionamentos diferentes face às incertezas, às mortes e ao desamparo generalizado na pandemia. No conto “47 segundos” são narradas as dificuldades da protagonista para sair do seu apartamento até o corredor durante a pandemia, sua preocupação e confusão quando se depara com seu vizinho, o senhor 906, sem máscara no corredor. Nesse conto há elementos como a relação com o gozo do pequeno outro que mora ao lado; despersonalização do outro, a partir da nomeação das personagens pelo seu apartamento e a relação com a angústia ante o impossível de controlar na pandemia. No conto “Solstício de

inferno”, de Luis Giffoni, é narrado o isolamento do protagonista no quarto por estar infectado e apresentando sintomas leves da COVID-19. No isolamento, acompanhamos as fantasias de Zeca e o clímax do conto ocorre com a inesperada manifestação de falta de ar na esposa e a ida desesperada ao hospital.

Em seu prefácio da coletânea de contos *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*, a editora da revista New York Times, Caitlin Roper, conta os percalços e surpresas envolvidos na organização do livro. No início, alguns escritores recusaram o convite, dentre estes dois apontaram questões relativas à pandemia: um estava cuidando de crianças pequenas e outro alegou falta de inspiração no contexto pandêmico. Mas as histórias chegaram e, no âmbito da pandemia, a editora constatou que esses escritores estavam produzindo arte:

Não estávamos preparados para a intensidade com que seriam capazes de transformar o horror do momento atual em algo tão poderoso. Foi um lembrete de que as melhores obras de ficção podem nos transportar para longe de nós mesmos e, ao mesmo tempo, de certa forma, nos ajudar a compreender exatamente onde estamos (ROPER, 2021, p.9).

Seguindo o princípio de não utilizar o método psicanalítico para dizer a verdade última sobre o texto (BAYARD, 2004 apud PETERSON, 2004), haja vista que na sua relação com a literatura a psicanálise também valoriza a dimensão de enigma (LACAN, 1971/2009) e que é na valorização do enigma que a leitura do texto pode enriquecer a psicanálise, selecionamos os seguintes contos da coletânea *Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia* para análise: (1) No conto “Um gentil ladrão”, da autoria de Mia Couto (2021), um idoso viúvo e solitário recebe a visita de um profissional de saúde durante a pandemia, mas interpreta este como ladrão. Nesse conto cada personagem trará uma fantasia distinta sobre os motivos do encontro. Nessa narrativa, estão presentes elementos ligados ao desamparo e à fantasia do idoso, que o permite acolher aquele que representa como “gentil ladrão”; e (2) No conto “No tempo da morte, a morte do tempo”, de Julián Fuks (2021), o protagonista vivencia as alterações na relação com o tempo propiciadas pelos traumatismos e angústias da pandemia. Enclausurado no seu apartamento, um dia o protagonista sente uma forte vontade de sair, sem destino, e quando percebe está na casa dos pais.

Explicitaremos nesse momento os critérios de exclusão de contos que haviam sido pré-selecionados, mas cuja leitura mais aprofundada e revisitada de seu texto revelou que nessas narrativas as dimensões do trauma, da angústia e da fantasia em relação à pandemia assumiram

um lugar secundário. Do livro *Projeto Decamerão: 29 histórias da pandemia* excluimos os seguintes contos: (1) “Do lado de fora”, de Etgar Keret (2021), o qual é constituído por uma narrativa centrada em como os seres falantes se acostumaram com a quarentena a tal ponto que o governo precisou intervir com uso da força policial para tirar as pessoas de casa. Um desses seres falantes, que o narrador nomeia de “você”, passado o aturdimento inicial de estar na rua, logo retoma a indiferença com relação ao outro. Esse conto ilustra, através do recurso à apresentação do cenário inverso daquele do início da pandemia, o caráter violento das mudanças no *automathon* ocasionadas pela pandemia e pelas medidas sanitárias necessárias à sua contenção. Conquanto esse conto apresente a força do *automathon* no psiquismo, dada a celeridade com que é retomada essa modalidade de repetição, e apresente uma situação de desconfinamento na qual a angústia está presente ante a situação de ruptura, a angústia comparece muito brevemente e o retorno do *automathon* demonstra que a fantasia permanece sem abalo por algum trauma e fornecendo exatamente as coordenadas que determinam a indiferença daquele sujeito em relação ao outro, como comparece na narrativa do encontro do personagem com alguém que lhe pedira uma esmola:

[...] Perto do caixa automático, há um homem sentado com roupas sujas, e ao lado dele há uma caneca de alumínio. Você se lembra do que deve fazer numa situação como essa. Você rapidamente passa por ele, e, quando ele diz numa voz rachada que não come faz dois dias, você olha para o outro lado, evitando contato visual com ele como um profissional. Não tem por que ter medo. É como andar de bicicleta: o corpo se lembra de tudo, e o coração que amoleceu enquanto você estava sozinho vai endurecer rapidinho (KERET, 2020, p. 93).

Também excluimos: (2) No conto “Uma coisa”, de Edwige Danticat (2021), a protagonista navega em recordações e devaneios sobre cavernas, rochas e minerais os quais constituem objetos de interesse do marido, enquanto aguarda sozinha em casa notícias do marido hospitalizado com sintomas respiratórios, “suas frases foram se encurtando e se abreviando antes mesmo de se mostrar visivelmente doente” (DANTICAT, 2021, p.304). Ante a impossibilidade de visitá-lo no hospital e a incerteza sobre seu estado, a personagem recorre à fantasia. Conquanto a personagem Marie-Jeanne qualifique a situação como “hierarquia recente de horrores” (DANTICAT, 2021, p.304), as suas fantasias e recordações colocam em segundo plano a angústia e não comparece a dimensão traumática. O conto é finalizado com um devaneio de Marie-Jeanne, no qual ela está em uma caverna com o marido, sendo tal devaneio mobilizado pela leitura de um bilhete deste e por uma experiência prazerosa do passado. Nesse conto, a dimensão da fantasia se sobrepõe em grande medida àquela da angústia.

Do livro *20 contos sobre a pandemia de 2020* excluímos os seguintes contos que haviam sido pré-selecionados: (1) “A sinfonia”, de Ana Cecília de Carvalho, apresenta, em um primeiro movimento (o conto está dividido em cinco movimentos) a relação de um profissional de saúde com a paciente em reabilitação física. Bem-humorado e atencioso na relação com a paciente, a qual possui uma postura marcada predominantemente pela raiva como forma de reação ao real do acidente, raiva que dirige transferencialmente ao profissional: “Eu o odiava com todas as minhas forças, certa de que tanta demonstração de cuidado era apenas para lembrar minha própria dependência” (CARVALHO, 2020, p.224). Aquele profissional de saúde é substituído por outros, os quais são vistos pela paciente como “todos parecidos em suas expressões de desinteresse” (CARVALHO, 2020, p.224), indicando que não houve transferência com os “todos parecidos”. Posteriormente, eclode a pandemia. O conto se centra na dor da paciente decorrente das sequelas do acidente que a impedem de tocar piano e na transfiguração do ódio do primeiro cuidador em amor. Excluímos esse conto da análise pois a pandemia é abordada muito brevemente, sobretudo como pano de fundo, e não assume caráter angustiante ou traumático para a protagonista. Mediante nossa leitura, o trauma em questão para a pianista do conto parece ter sido o acidente de carro (anterior ao momento histórico da pandemia) o qual constitui um marco histórico na sua vida, pois modificou sua relação com o teclado, devido ao impedimento temporário de tocar e tal impossibilidade foi vivida pela paciente através da dor e da raiva; (2) O conto “O outro outro” de Jacques Fux narra o encontro do protagonista com sua versão mais jovem em um Café durante a pandemia. Este conto foi excluído da análise porque a angústia comparece restrita ao momento de aproximação do outro e não há elementos que remetam à questão do trauma. Ao descobrir que se trata de seu duplo, o personagem mais velho não demonstra angústia, mas fornece ensinamentos à sua versão passada, a qual reage inicialmente com arrogância a essa tentativa. O conto também se debruça sobre a temática do papel dos algoritmos no atual cenário político; (3) O conto “Dois pontos” de Ana Elisa Ribeiro narra o preparo da protagonista para visitar o pai durante a quarentena, sendo tal preparo acompanhado pela reflexão da protagonista acerca das relações com este Outro familiar. Este conto foi excluído da análise porque não comparecem elementos significativos vinculados à angústia na pandemia, sendo o cerne do conto o pensamento da protagonista sobre a relação com o pai, marcada pelo afastamento.

Foram selecionados dois sonhos para leitura. Tais sonhos foram coletados e analisados por Iannini et al. (2021) durante os primeiros meses da pandemia da COVID-19. Selecionamos os dois sonhos a partir da leitura que empreendemos das cenas e relatos oníricos contidos na

obra *Sonhos Confinados*. Na leitura dos sonhos selecionados, vislumbramos o desvelamento do objeto *a* como elemento importante para compor a dimensão traumática e angustiante presente nesses sonhos.

3 LEITURAS DE MATERIAL SIGNIFICANTE

Passemos à leitura do material significativo composto dos contos e sonhos selecionados, de acordo com as balizas metodológicas apontadas no capítulo 2.

3.1 DUAS IRMÃS, DE CRISTIANE AGOSTINHO

O conto “Duas Irmãs”, de Cristiane Agostinho (2021), narra o reencontro e a reconstrução da intimidade entre duas irmãs durante a pandemia, seres falantes que possuem muitas dessemelhanças entre si e que haviam se afastado no percurso de suas vidas. Neste conto, questões relacionadas à angústia e ao *troumatisme* mobilizados pela pandemia na personagem “irmã mais nova” entram em cena. A dimensão da fantasia comparece nas diferenças entre as visões das irmãs acerca da morte e sobre o Outro materno.

O medo em relação à pandemia é o afeto apontado na narrativa como aquele que determina a decisão da mais nova de realizar o isolamento social no interior junto à irmã mais velha. O isolamento conjunto é inicialmente motivado pelo medo da irmã mais nova em relação à pandemia, medo que a direciona para a busca de refúgio junto ao Outro familiar, instância primeva de constituição do sujeito e que tem como uma de suas dimensões constitutivas promover amparo, protegendo da angústia: “No entanto, o que a levou a fazer isolamento social no sítio da irmã mais velha foi o medo. Um medo difuso impalpável. Medo do presente, medo do futuro. Medo de ter medo. De não ter tempo suficiente para se reaproximar dessa irmã tão distante e tão desconhecida” (AGOSTINHO, 2020, p.29). Pontuamos a articulação desse trecho do conto com as teorizações de Lacan (1938/2008), Fernandes (2004), Morel (2012) e Sinatra (2010) sobre o papel da família em refrear o gozo: quando a pandemia, de repente, faz a irmã mais nova se defrontar com a ruptura pandêmica e seus riscos, é na família que lhe resta que ela busca amparo. Contudo, cabe destacar que a família também pode ser produtora de gozo (MOREL, 2012) e lugar de *troumatismo* (2021b), favorecendo o sofrimento subjetivo e a angústia no contexto do confinamento. O papel de produzir ou refrear o gozo do Outro familiar deve ser considerado na singularidade de cada caso.

Esse texto traz uma abordagem esclarecedora sobre a diluição das fronteiras entre o medo e a angústia na pandemia. A leitura do trecho acima permite apreender a dimensão do medo generalizado na pandemia e um tempo de suspensão em que o medo parece se tornar

indistinguível da angústia. O mundo se torna um lugar de incerteza e não é possível localizar os objetos que oferecem perigo, pois é como se eles estivessem por toda parte. Tal trecho dialoga com a diluição entre medo e angústia apontada por Coutinho Jorge, Mello e Nunes (2020) e dele extraímos a expressão “medo de ter medo”, que capta a difusão viral do medo e a impossibilidade de excluir esse significante da relação com o mundo- até mesmo para os negacionistas, que protestam precisamente contra o medo.

No trecho supracitado também se destaca a relação paradoxal com o outro familiar que é a irmã mais velha. É uma relação marcada pela surpresa, que, contudo, não configura uma relação angustiante, mas que, pelo contrário, ampara através dos laços entre elas a ponto da narradora dizer sobre a personagem da irmã mais nova: “A mais nova se surpreendeu. Havia três meses que estava ali, e mal se lembrava da pandemia. Sua decisão tinha sido a mais acertada” (AGOSTINHO, 2020, p. 29). O desvelamento da alteridade da irmã mais velha, desse Outro familiar, propiciada pela convivência durante o confinamento motivado pela pandemia se torna central na narrativa. Tal alteridade é condensada no trecho: “As duas irmãs teriam um destino diferente” (AGOSTINHO, 2020, p.33). O encontro com a alteridade familiar neste conto dialoga com a teorização de Kaufmanner (2020), não obstante esteja destituída dos elementos angustiantes e seja marcada pela abertura à alteridade. Nesse conto, a angústia parece ser desencadeada por questões relacionadas ao significante “pandemia”.

Com o advento da pandemia, a irmã mais nova, professora universitária e residente na capital, é retirada das garantias simbólicas e imaginárias do seu cotidiano e confrontada com o risco de morte e com a angústia suscitada por esse risco:

Tudo corria bem. Até que um vírus microscópico, com aspecto de brinquedo infantil, a transformara numa idosa pertencente a um vulnerável grupo de risco. Impedida de sair de casa, dar aulas, de fazer qualquer exercício ao ar livre, de encontrar amigos, viajar, ir ao teatro, ao cinema, até mesmo de entrar numa livraria para folhear um livro. Enfim, impedida de viver para não correr o risco de morrer. Memento Mori. A morte espreitando a qualquer momento, em qualquer lugar (AGOSTINHO, 2020, p.30-31).

Esse trecho delimita o golpe percutido nos semblantes pela pandemia. Contudo, logo comparece o discurso do mestre sanitário buscando ordenar o real da pandemia, suposição de saber esta assinalada por Soler (2021a), e fornecendo novos semblantes: de repente, o semblante de “idosa” é colocado em primeiro plano. Narra-se um contexto em que emerge um evento traumatogênico (LA SAGNA, 2016), mas que não parece afetar de forma traumática a irmã mais nova do conto, nem a mais velha. Há, sim, geração de angústia para a irmã mais nova. Tal

angústia é desencadeada pela emergência da morte no cotidiano, a qual em tempos que não de catástrofe tende a ser escamoteada em seu caráter necessário e constitutivo da existência (FREUD, 1915b/2010; RAMON, 2020; SOUZA, 2020). Ante o risco de morte, a irmã mais nova abre mão dos prazeres imediatos do cotidiano e consente com o restritivo princípio de realidade do confinamento cuja dureza é abrandada pelo laço com a irmã. Segundo a leitura empreendida nessa pesquisa, será essa onipresença da morte na pandemia que leva a professora universitária a questionar os limites do próprio saber, haja vista que a morte assinala a falta de um sentido pré-fabricado e definitivo para a existência, confrontado o sujeito com o próprio *troumatismo* (SOLER, 2021b). Por sua vez, quando indagada sobre o medo da morte, a irmã mais velha responde que não teme mais a morte e apresenta uma história de vida para explicar essa perda do temor: “Deixei de ter quando papai morreu. Nos seus últimos momentos, ele apertou minha mão levemente, pediu para me aproximar e sussurrou no meu ouvido, abre a porta da gaiola que o passarinho quer voar” (AGOSTINHO, 2020, p.36).

As duas personagens têm trajetórias de vida bastante discrepantes e posições também distintas em relação aos ideais maternos. São destinos diversos determinados por fantasias distintas e, portanto, configuram lugares discrepantes em relação ao objeto *a*, recorte do Outro materno urdido na primeira infância (COUTINHO JORGE, 2010; LACAN, 1962-63/2005).

A mais nova lembrou o quanto seguia à risca os desejos maternos, e pensou na inutilidade do seu instrumento de trabalho nas circunstâncias atuais. Algumas cenas da infância voltavam à memória e doíam. A mãe, que a havia ensinado a ler e escrever aos quatro anos, dizendo orgulhosa para as visitas que a caçula era a mais inteligente do que a mais velha [...] E se parecia com ela. Minha cópia nova! A outra era o patinho feio da família [...] Num canto da sala, a irmã se encolhia, enquanto ela, o macaquinho amestrado, soletrava palavras, fazia contas de cabeça ou dizia o nome das capitais dos estados brasileiros (AGOSTINHO, 2020, p.33).

Uma é identificada ao ideal materno, “macaquinho amestrado” são os significantes que compõem no texto; enquanto a outra ocupa um lugar diferente, “o de patinho feio”. São fantasias que determinam visões do Outro materno, dos outros e da vida distintos (COUTINHO JORGE, 2010), mas que viabilizam o encontro com a alteridade, marcado pela surpresa, embora não pela angústia, pois há um importante vínculo afetivo fraterno no qual predomina a pulsão de vida. As recordações da irmã mais nova acerca da própria infância são marcadas pela dor, recordações às quais esta personagem associa os significantes “asfixiante” e “tácão autoritário da mãe”, revelando em um momento posterior para a irmã: “Eu não tenho boas lembranças da nossa infância” (AGOSTINHO, 2020, p.36). Por sua vez, a irmã mais velha se espanta com os afetos penosos que a mais nova refere sentir em relação à infância e responde: “Como não, se

vivemos tantas coisas lindas juntas? ” (AGOSTINHO, 2020, p.36). A postura da irmã mais velha também é marcada pelo enfoque conferido ao outro, que está presente desde a infância: “Todas as vezes que recebíamos visitas, e ela queria que você exibisse seus conhecimentos, eu ficava escondida atrás da porta para soprar a resposta, caso você titubeasse” (AGOSTINHO, 2020, p.36). Nesse conto, a fantasia que determina a alteridade entre as duas irmãs, as quais ocuparam lugares distintos no desejo dessa genitora e que tais especificidades estruturaram diferentemente suas relações com o outro, é abordada com riqueza de detalhes. Tal alteridade fantástica urdida na primeira infância reverbera na atualidade dos modos de pensar e agir distintos de cada irmã em relação a questões fulgurantes na pandemia como o desamparo generalizado e a morte.

Ao longo da narrativa, apresenta-se o recurso ao saber da irmã mais nova como forma de lidar com a angústia mobilizada pela incerteza da pandemia. Trata-se de uma modalidade de recurso ao saber que é avaliada pela irmã mais nova como limitada na situação pandêmica. Por outro lado, a irmã mais nova julga os recursos da irmã mais velha como de maior valia. Na postura da irmã mais velha, destaca-se a ação direcionada a intervir de forma concreta no mundo externo e a relação com o saber também está presente, mas é um saber voltado para o outro e não centrando no apaziguamento das próprias angústias.

Pensou no que fizera para mudar aquela situação, além das dezenas de manifestos inócuos que assinara e da doação de algumas cestas básicas. Mais havia feito a irmã para os moradores da vizinhança, distribuindo víveres, máscaras, material de limpeza e higiene, dando-lhe noções básicas de prevenção (AGOSTINHO, 2020, p.30).

A irmã mais nova reage ao real da pandemia sobretudo através do campo da palavra voltada para o próprio gozo e, conquanto aposte na importância dessa modalidade de saber, aponta também a limitação do mesmo ante a pandemia e o real da morte que apresenta:

De nada serviam os muitos anos de estudo [...] Em meio a tanta ansiedade, indagava-se sobre a possibilidade de a filosofia ajudá-la a contemplar o abismo que se aproximava, essa estranha incerteza de tudo. Na dúvida, selecionará alguns livros para reler na quarentena [...] estoicismo e humanismo poderiam ser eficazes para produzir anticorpos emocionais (AGOSTINHO, 2020, p.31)

3.2 47 SEGUNDOS, DE CRIS GUERRA

A narrativa deste conto se inicia com uma cena que deveria ser cotidiana: a saída da protagonista de seu apartamento. Porém a superfície cotidiana, geralmente acompanhada pelo

ritmo do *automathon* vinculado ao princípio do prazer (LACAN, 1964/1998), não tarda a ser subvertida por elementos do contexto pandêmico. E assim se inicia o conto- e não poderíamos deixar de assinalar o contraste e o desvelamento que tão logo se operam entre o banal dos sentidos fixos e a emergência da angústia que aproxima o sujeito do real:

A porta do apartamento se abre para um corredor comprido e escuro. A senhora 907 usa máscara tapando do alto do nariz até abaixo do queixo, um par de óculos de lentes grossas e sobre tudo uma proteção de acetato transparente que se assemelha a um parabrisa (GUERRA, 2020, p.59).

Essa cena transmite com grande capacidade figurativa as alterações na relação com a imagem do próprio corpo no âmbito da catástrofe pandêmica. Na pandemia, o peso do imaginário do corpo do Eu e do outro foi amplificado (BARROS, 2020) por dois fatores que se entrelaçam: o risco alto de contágio na relação com o outro e as medidas sanitárias necessárias à contenção do vírus. Se o Eu é vinculado intimamente ao imaginário (SOLER, 2012), à projeção psíquica de uma superfície corporal (FREUD, 1923/2011), a injunção de vestir o rosto com EPIs não seria sem efeitos psíquicos precisamente no campo do imaginário. No conto, destaca-se o uso da máscara e de outros EPIs, assumindo tais equipamentos o caráter de apêndices necessários e sem os quais o corpo alheio se torna ameaçador, pauperizando as possibilidades de satisfação pulsional erótica com o outro e, por conseguinte, fragilizando as relações sociais. A protagonista, senhora 907, está despersonalizada pelo véu/ máscara sobre o rosto e pelo próprio nome: por um lado, seu corpo é objeto das recomendações sanitárias da ordem de um imperativo para a manutenção da vida; por outro lado, a protagonista é reduzida a um número, a alguém que habita um apartamento.

Não obstante despersonalizada para o exterior, o mundo interior da paciente pulsa em fantasias que passeiam das teorias conspiratórias sobre a fabricação do vírus pela China, “E da China nunca se sabe, ela é capaz de industrializar tudo, até mesmo um vírus” (GUERRA, 2020, p. 59) até o devaneio de se fantasiar no Carnaval de *Jeannie é um Gênio*. Percebe-se que tanto no caso da aproximação das teorias conspiratórias quanto no caso do devaneio há uma tentativa de conferir sentido à realidade pandêmica, na qual o real parece estar constantemente prestes a emboscar o sujeito. Contudo, os modos de atribuição de sentido são diferentes. A senhora 907 é atravessada por um devaneio, o qual é definido como uma fantasia que se apresenta de forma indisfarçada à consciência em sua visada ao prazer (FREUD, 1908/2006). Neste devaneio, a protagonista se encontra “distráida em sua saudade de um Carnaval que nunca aconteceu, mas

no qual teria se fantasiado de *Jeannie*, o gênio, a roupa de odalisca ornando com o saltitante rabo de cavalo loiro (o rabo, não o cavalo) ” (GUERRA, 2020, p.61). No referido devaneio, há prazer consciente vinculado à realização de um desejo e tal busca do prazer na fantasia é vinculada à frustração do desejo de fruir um carnaval. Destacamos em nossa leitura a expressão “saltitante rabo de cavalo loiro (o rabo, não o cavalo) ”. Há no primeiro trecho da expressão, “saltitante rabo de cavalo loiro”, uma metonímia que se refere ao corpo da senhora 907 no carnaval: saltitante em seu gozo erótico. E também assinalamos os parênteses utilizados, os quais são indicativos da dimensão prevalentemente ambígua da linguagem, caracterizada pelo duplo sentido.

Segundo nossa leitura, em relação às teorias conspiratórias, a senhora 906 não adota exatamente uma posição delirante, pois não há uma crença irrefutável nessas narrativas, condição *sine qua non* para a configuração de um delírio (COUTINHO JORGE, 2010), mas sim uma aproximação desse discurso delirante pautado pela via da suspeição com relação ao Outro chinês, representado como onipotente: “E da China nunca se sabe”. Há uma prevalência do imaginário na relação com o significante ‘China’, com a presença de fantasias de caráter pseudocientífico, e um esmaecimento do simbólico por vincular a China, ainda que sob o signo da dúvida, a uma maligna engenhosidade: “[...] ela é capaz de industrializar tudo até mesmo um vírus, imagine se não poderá fabricar acetatos que o tragam [o vírus] congelados para acordar do sono profundo tão logo desembarque em solo ocidental com esse calor todo” (GUERRA, 2020, p.59-60). Esse pensamento da senhora 907 pode ser associado às Fake News, articulação que pode ser pensada a partir da fórmula laciana de que o sujeito é determinado pelo discurso do Outro. As Fake News são narrativas de caráter inverossimilhante e destituídas de comprovação que promovem sentido e gozo para aqueles que as autorizam como narrativas válidas, tamponando a dimensão do enigma e da busca pelo saber, trazendo “respostas prontas” (NUNES, 2020) articuladas em uma narrativa profusa em detalhes, que faz consistir um Outro gozador, o qual condensa de forma maniqueísta a origem de todos os males. A proliferação das Fake News são uma das manifestações do adensamento do imaginário sobre a pandemia (BARROS, 2020). Ante o real tão pulsante na pandemia, a estrutura de Fake News fornece um sentido *prêt-a-porter* para a senhora 907, a qual vivencia esse real na carne via angústia, como veremos adiante.

De repente, a senhora 907 é interrompida em seus devaneios pelo real do corpo do outro, o senhor 906. Arrancada de seus devaneios e especulações de traços delirantes, assaltada pelo

real da presença do outro e distanciada da previsibilidade e do sentido fornecido pela fantasia, prazerosa no caso do devaneio e persecutória no que se refere ao pensamento que se serve das Fake News. Um retrato cotidiano dessa estrutura que se repete na pandemia: o real que corre o risco de invadir o Eu do ser falante em seu enquadre fantasmático. Escutemos o texto:

Nesse calor todo, o vizinho do 906 surge no final do corredor trazendo as compras- e *ele vem sem máscara*, abarrotado de sacolas, lento e arrastando os chinelos pela *reta comprida que se torna mais longa ao acompanhar os pensamentos da senhora 907*.

O calor percorre a cabeça da senhora 907, mais por dentro do que por fora, e a temperatura aumenta com a proximidade cada vez maior do senhor 907, que arrasta seus chinelos *displicentemente* pelo corredor imundo em direção ao seu *apartamento cruelmente vizinho*. A senhora 907 tenta trancar a porta rapidamente, mas o faz lentamente porque se *atrapalha com as luvas e os pensamentos lentos acerca do corredor* (que sob seu ponto de vista se torna curto na iminência da chegada do senhor 906) e a preocupação específica com tubo de álcool em gel setenta por cento debaixo do braço pois tão logo ela termine de trancar a porta com a chave de metal ela limpará os dedos com álcool gel, sem saber depois como fará para lidar com a tampa depois de fechado o tubo” (GUERRA, 2020, p.60, grifo nosso).

A expressão “pensamentos longos sobre o corredor” e o trancar lento da porta podem ser articulados aos efeitos da angústia sobre a percepção temporal, os quais são da ordem do congelamento do instante e do tempo que se abre em abismo (SOLER, 2012). É pertinente marcar que o título do conto, 47 segundos, se refere à contabilização de um curto período de tempo, o qual se distende de forma paradoxal na narrativa. Esse conto mostra os efeitos da emergência sociosanitária sobre os gestos cotidianos, como sair de casa e interagir com os pequenos outros do laço social, transmutados em comportamentos de uma complexidade de vida ou morte para os seres falantes que seguiram, e, portanto, acreditaram, nas interdições sanitárias. Se o mais banal toma ares de imprevisível, há um enfraquecimento dos semblantes e está criado um contexto propício à generalização da angústia, agravando em difusão e em virulência os acessos de angústia que já se destacavam nos seres falantes da atualidade pré-pandêmica (FINGERMAN, 2012).

A alteridade da posição assumida pelo senhor 906 no que concerne à pandemia em relação àquela adotada pela protagonista exacerbam a angústia desta. A “displicência” percebida no outro, vinculada à falta de utilização de máscara, marca um contraste entre a senhora 907 e o senhor 906 nas posições assumidas em relação às recomendações sanitárias, em outras palavras, em relação à interdição de gozo no contexto da emergência sociosanitária. O distanciamento social foi alçado ao lugar de significante-mestre no discurso sanitário gestor da pandemia (BASSOLS, 2020b) e gozos do pequeno outro que antes eram situados como gozo

fálico se transmutaram em gozos mortíferos, pois se vincularam a uma visada de satisfação que desconsiderou suas consequências para si e para o outro. O outro se torna “cruelmente vizinho” a partir da ótica fantasística da senhora 907, engendrando angústia em tudo aquilo que a angústia implica o corpo: “a cabeça da senhora 907 lateja ansiosa à medida que o som do senhor 906 se torna mais nítido” (GUERRA, 2020, p.61). É o outro que, despido de máscara, não só arranca a senhora 907 do seu devaneio, mas, como perigo amplificado, atrapalha os cálculos da senhora 907, vinculados aos rituais de limpeza, e promove um acesso de angústia ao obstaculizar provisoriamente a execução desses rituais. O destaque conferido ao vizinho estar sem máscara se articula ao aumento não somente do peso do imaginário do corpo do outro, mas também do peso real desse corpo: os corpos precisam ser vestidos por EPIs, última camada que protege do outro como possível fonte de contágio.

Porém, a senhora 907 consiste em uma personagem que apresenta nuances, um caráter multifacetado que caracteriza as personagens redondas/ esféricas (ROSENFELD, 1976), pois há um conflito entre o incômodo gerado pelo gozo do senhor 906 e a busca do gozo das interações cotidianas com o outro, vinculado ao gozo fálico antes da pandemia. Há, portanto, mais de um sentido atravessando sua relação com o senhor 906:

[...] a senhora 907 se atrapalha nos cálculos sobre qual mão ela limpará primeiro, enquanto o senhor 906 vem se aproximando sem máscara, terrivelmente sem máscara e sem luvas, sem pudor e sem bom senso, com seus dedos sujos prestes a alcançar a maçaneta contaminada de seu apartamento imundo.

Enquanto a Senhora 907 tenta higienizar seus pensamentos e atenuar seu semblante, distrai-se abrindo ligeiramente um dos braços e o tubo de álcool em gel lhe escapa das axilas em direção ao chão, no qual se enterrará a esperança de qualquer possibilidade de controle sobre as *coisas sujas por mais que limpas*.

No trajeto do tubo a senhora 907 tenta checar mentalmente o pagamento mensal do seu seguro-funeral, mas só consegue contabilizar os beijos não dados, as palavras não ditas, o amor não expresso, o perdão não concedido, os anos de silêncio e o remorso. Sente na boca um gosto de ferrugem do tempo que não volta. E o tempo não volta mesmo, porque a essa altura o senhor 906, na ilusão solícita de evitar a queda do tubo, acelera o passo a fim de se aproximar mais rapidamente, sorrindo ameaçador. *A política da boa vizinhança jamais se mostrou tão ameaçadora* (GUERRA, 2020, p.61, grifos nossos).

Destaca-se a inversão do outrora gozo fálico: “a política da boa vizinhança jamais se mostrou tão ameaçadora” (GUERRA, 2020, p. 61). A postura amistosa do senhor 906, exercendo a política da boa vizinhança não impede que a senhora 907 se angustie, pois a senhora 907 age como se estivesse sendo encurralada pelo senhor 906 em um corredor que se torna mais curto para a percepção da protagonista ante a aproximação de um corpo que, desnudo das

recomendações sanitárias, angustia por configurar uma aproximação do real da doença e da morte. É uma conjuntura para a angústia quando o sujeito se sente à mercê do outro (SOLER, 2012), nesse caso um outro “imundo”, significante vinculado ao real de um gozo que se traduz em insulto. O senhor 906, “imundo” e “terrivelmente sem máscara”, angustia, pois, constitui a visão de um objeto que ameaça, porque desnudo das dimensões imaginárias e simbólicas (LACAN, 1962-63/2005) vinculadas à obediência às recomendações sanitárias.

Os cálculos da senhora 907 assumem a feição de sintomas obsessivos. Não afirmamos taxativamente que seus cálculos e precauções consistam em sintomas, pois a narrativa se dá em curto espaço temporal e considerando que sintomas consistem em fixações de gozo que se repetem (SOLER, 2018a), elegemos falar de atos e pensamentos que se assemelham aos sintomas obsessivos. A comparação dos cálculos e precauções da senhora 907 não deixa de ser proveitosa: como um sintoma, tais atos e pensamentos geram entraves para ela (FREUD, 1916-17/2006), pois a senhora 907 sequer consegue sair do próprio apartamento para o corredor. Porém cabe assinalar a dupla função do sintoma para a psicanálise a fim de compreender a difusão dos rituais de limpeza na pandemia: todo sintoma é, ao mesmo tempo, empecilho e solução (SILVA, 2009; SOLER, 2018). Ademais, a limpeza das mãos assume um caráter coercitivo, também característico do sintoma (FREUD, 1926/2014). Não obstante, essa preocupação acentuada com a limpeza possui uma vinculação com a própria autopreservação e, portanto, com componentes da pulsão de vida.

O trecho “o tubo de álcool em gel lhe escapa das axilas em direção ao chão, no qual se enterrará a esperança de qualquer possibilidade de controle sobre as coisas sujas por mais que limpas” apresenta uma questão relevante no contexto pandêmico vinculada ao temor de contaminação, às proibições e rituais vinculados. No ápice da pandemia, os rituais transmutaram-se em regras (COUTINHO JORGE; MELLO; NUNES, 2020). Ante o vírus, perigo impossível de localizar com a pulsão escópica, os rituais de limpeza e proibição de tocar são tentativas de reordenar o mundo (SOLER, 2019) e assim procede a senhora 907. Precisamente, é com a aproximação da mão do senhor 906 que a personagem se angustia a ponto de inibir seu comportamento de sair de casa: “é então que a senhora 907 decide fazer de sua saída uma entrada” (GUERRA, 2020, p.61). A proibição de tocar, marcante nos sintomas obsessivos (FREUD, 1926/2014) e tão presente na pandemia vinculada ao temor de contaminação, configura uma forma de evitar a realizar as pulsões, de vida e de morte, mediante o toque. O mergulho do álcool em gel é significado como a impossibilidade de manejar o perigo

da situação e, assim, a dimensão do real da pandemia comparece em todo seu excesso. Essa dimensão do real da pandemia em relação a qual, como assinalaram Coutinho Jorge, Melo e Nunes (2020, p.587) “nenhum ritual parece ser suficiente para o sujeito se assegurar de suas medidas protetoras” e como Guerra (2020) transmite com o uso do paradoxo “as coisas sujas por mais que limpas”. Nesta última expressão, apreende-se um excesso, pois a preocupação com a profilaxia não é mais somente uma angústia-sinal que visa preparar o sujeito para o perigo (FREUD, 1926/2014), mas uma angústia que invade e paralisa:

É então que a senhora 907 decide fazer de sua saída uma entrada. Tenta abrir a porta que já se encontrava destrancada e se atrapalha com a chave, que roda no sentido anti-horário quando deveria fazê-lo no sentido oposto (GUERRA, 2020, p. 61).

Há um abismo entre às óticas fantasística dos vizinhos a respeito da pandemia e o corredor se transmuta em um espaço de mal-entendido. Enquanto “a senhora se desespera com os cálculos sobre seu próximo ritual de limpeza” (GUERRA, 2020, p.62), o senhor 906 “agora tem uma interrogação no rosto fazendo as vezes de máscara” (GUERRA, 2020, p.62), o qual percebe sua vizinha como alguém irritante, “irritantemente vizinha”, após olhar com desprezo para o álcool em gel, objeto que representa nesse momento da pandemia a obediência às medidas sanitárias, não obstante suspeitemos que para o senhor 906 tenha um significado diferente. Percebe-se no personagem do 906 que a contabilização de cada comportamento visando evitar a contaminação não está em jogo. Faz-se mister ressaltar que a contabilização do gozo feita pela senhora 907 se desloca do ritual de limpeza, quando este é temporariamente impossibilitado pela queda do álcool em gel, para contabilização de outras perdas de gozo: “tenta checar mentalmente o pagamento mensal do seu seguro-funeral, mas só consegue contabilizar os beijos não dados, as palavras não ditas, o amor não expresso, o perdão não concedido” (GUERRA, 2020, p.61). De forma contrária, o senhor 906 demonstra seu gozo despreocupado com as interdições sanitárias. Há um paradoxo nessa não relação entre vizinhos, pois a senhora 907, que obedece às interdições sanitárias é a que mais se angustia. Esse paradoxo pode ser pensando a partir da relação entre angústia e superego, na qual quanto mais determinados sujeitos neuróticos cedem às interdições civilizatórias, ao superego cultural das medidas sanitárias, no caso do período mais agudo pandemia, mais o superego pede. Tal paradoxo do Super-Eu e as relações usualmente de convergência entre Super-Eu individual e Super-Eu cultural são apontadas por Freud (1930/2010) em “O mal-estar na civilização”. Por outro lado, sujeitos que visam somente ao próprio gozo tendem a não se angustiar (SOLER, 2012a).

3.3. UM GENTIL LADRÃO, DE MIA COUTO

Neste conto, a trama é centrada em um idoso, a quem não é atribuído um nome próprio nem genérico, que vive solitário em uma região erma. Chamaremos o personagem de idoso para identificá-lo, devido à utilização das expressões “certa idade” e “velho solitário” para se referir a ele. A solidão é interrompida pela chegada de um estranho, o qual, segundo a ótica fantástica do idoso, é um ladrão. Contudo, a descrição feita das vestes, equipamentos e comportamentos do suposto ladrão permitem-nos inferir que se trata de um trabalhador da saúde. Há duas histórias no conto: a do narrador em primeira pessoa, que interpreta o trabalhador da saúde como ladrão a partir de suas experiências anteriores de desamparo generalizado e a do leitor, que capta esse mal-entendido fundamental ao conto.

Batem à porta. Bater é uma maneira de dizer. Moro longe de tudo, só a fome e a guerra me vêm visitar. E agora, na eternidade de mais uma tarde, alguém fuzila com os pés a porta de minha casa. Vou a correr. Correr é uma maneira de dizer. Arrasto os pés, o chinelo rangendo no soalho. Com minha idade, é tudo o que posso. A gente começa a ficar velho quando olha o chão e vê um abismo (COUTO, 2020, p. 213).

Nas primeiras linhas do conto, destaca-se o desamparo do personagem em um contexto permeado por situações com potencial traumático, despido de recursos do Outro social, e que possui uma vivência marcada pela solidão: “Só a fome e a guerra me vêm visitar”. A solidão do idoso é interrompida pela violência, de acordo com as palavras deste: depois da fome e da peste, alguém fuzila a porta. Considerando que a fantasia é a tela que protege contra o real (LACAN, 1964/1998), que real traumático não terá encontrado esse idoso para tecer tal fantasia? São a fome e a guerra que não deixam de sitiar sua memória fixada no instante traumático que se eterniza (BERTA, 2015)? O real do corpo que envelhece a despeito do desejo e da fantasia (MACHADO, I., 2020) também é colocado em cena, real marcado por perdas nos exercícios das funções egoicas, como é o caso da locomoção, que é dita pelo idoso como diminuída, transmutada em algo tão difícil quanto percorrer um abismo: “A gente começa a ficar velho quando olha o chão e vê um abismo”. Destacamos também como o idoso sempre está atento às limitações da linguagem, à sua impossibilidade de designar completamente as coisas, ao reiterar a expressão “é maneira de dizer”.

Ao abrir a porta, o idoso se depara com um pequeno outro mascarado que lhe parece com medo:

Abro a porta. É um homem mascarado. Ao notar minha presença, ele grita: -Dois metros, fique a dois metros! Se é um assaltante, está com medo. Esse temor inquieta-me. Ladrões medrosos são os mais perigosos. Retira da bolsa uma pistola. Aponta-a

na minha direção. É estranha aquela arma: de plástico branco, emitindo um raio de luz verde. Aponta a pistola para meu rosto e eu fecho os olhos, obediente. É quase uma carícia aquele raio de luz sobre o meu rosto. Morrer assim é um sinal de que Deus respondeu às minhas preces (COUTO, 2020, P.213)

Em um primeiro momento, o sentido é dúbio no que concerne à identidade do ladrão. Poderia ser um assaltante que, temeroso da infecção pela COVID-19, obedece às recomendações sanitárias de manter distância do outro, não obstante desobedeça às leis criminais. Contudo, a descrição da pistola aponta para outra vereda de sentido: trata-se, provavelmente, de um termômetro infravermelho. O termômetro é um objeto criado pela ciência, efeito desta no laço social, e que nos permite situar esse visitante como alguém que trabalha em convergência com esse discurso.

O visitante se apresenta com medo daquele de quem veio cuidar, comunicando essa exacerbação do medo sobretudo através de uma enunciação via grito. Em outras palavras, há no conto um profissional de saúde que não consegue colocar sua subjetividade fora de cena, como preconiza o discurso da ciência. Tal impossibilidade de excluir a própria subjetividade ante o real da doença não é prerrogativa desse personagem, mas uma questão que perpassa todo cuidado em saúde, especialmente em tempos da pandemia da COVID-19, afecção vinculada ao risco de doença grave e morte. O profissional que cuida expressa esses afetos no modo como enuncia o universal das recomendações sanitárias, através do grito.

O engano do idoso em relação ao profissional de saúde revela não só que, sob sua ótica fantasística precipitada de suas vivências de desamparo, de cunho potencialmente traumático, o pequeno outro só pode ofertar violência, mas também esse mal-entendido testemunha a existência de uma fantasia consciente e sem maiores disfarces de morrer. Para esse idoso, o devaneio é de morte, como uma forma de diminuir o desprazer e o desamparo de sua existência. Assim, a inquietação inicial é diluída com a proximidade de concretizar seu desejo de morrer e a *proximidade*³⁰ da morte é fantasiada como carícia. Aqui emerge uma singularidade do personagem “idoso”, pois se para muitos a iminência da morte está ligada ao possível advento do trauma (SOLER, 2021b), para esse idoso é sua história de vida que é marcada pelo real e o morrer talvez fosse um adormecimento para evitar tal repetição do real (LACAN, 1964/1998), um desligamento, por fim, da solidão, da fome e da guerra.

³⁰ A morte é impossível de representar, mas o contexto de sua ocorrência, o que imediatamente a precede, não é.

O idoso passa a enfocar o gozo da companhia do assim chamado gentil ladrão:

Peço ao visitante que baixe a pistola e tome lugar na única cadeira que me resta. Só então reparo que traz uns sacos de plástico envolvendo os sapatos. É óbvia a intenção: não quer deixar pegadas. Peço-lhe para baixar a máscara, asseguro-lhe que pode ter toda confiança em mim. O homem sorri com tristeza e murmura: nestes dias, não se pode confiar, as pessoas não sabem o que trazem dentro delas. Entendo a enigmática mensagem, o homem pensa que, sob a minha aparência desvalida, se esconde um valioso tesouro (COUTO, 2020, p. 214).

O profissional enfoca a dimensão mortífera do outro em tempos de pandemia, demonstrando-se temeroso quanto ao real do vírus ignorado em seu potencial mortífero pelo idoso. Dominado ante a incerteza decorrente de um risco de contaminação que parece onipresente, o profissional se aferra aos protocolos como defesa contra a angústia, a qual lhe confere certeza de que o vírus, esse objeto que não deveria estar presente, esconde-se no idoso. Na tentativa de afastar a contaminação, o profissional de saúde é atravessado pela angústia de um perigo que, sendo difícil de localizar, inviabiliza a confiança. Não obstante interprete o visitante como ladrão, a solidão é de tal forma insuportável para o idoso que o outro invasor, primeiramente representado como perigo, é transmutado no agridoce gentil ladrão. Destacamos também a experiência de pobreza material do idoso, o qual só possui uma cadeira como mobiliário.

Olha em redor, como não encontra nada para roubar, o homem acaba por se explicar. Diz que vem dos serviços de saúde. E eu sorrio. É um jovem ladrão, não sabe mentir. Diz que os seus chefes estão preocupados com uma doença grave que se espalha rapidamente. Faço de conta que acredito.

Sessenta anos atrás quase morri de varíola. Alguém me veio visitar? A minha esposa morreu de tuberculose, alguém nos veio ver? A malária roubou-me o meu único filho, fui eu que o enterrei sozinho. Os meus vizinhos morreram de AIDS, nunca ninguém quis saber. A minha falecida mulher dizia que a culpa era nossa porque escolhemos viver longe dos lugares onde há hospitais. Ela, coitada, não sabia que era o inverso: os hospitais é que se instalam longe dos pobres (COUTO, 2020, p.214).

A partir de sua fantasia, o idoso enxerga o profissional de saúde como ladrão e taxa este de mentiroso. Para o idoso, não é possível representar em sua fantasia que alguém poderia ter vindo cuidar de sua saúde, alguém que pudesse protegê-lo do excesso de real traumático. Na aridez de uma experiência de desamparo generalizado, sua fantasia é de um outro que só pode lhe tirar algo. Como esperar cuidado em saúde para alguém que teve a vida marcada por perdas vividas na solidão, de um Outro que se retirou sob a forma das instituições que sequer podia acessar em sua experiência de pobreza?

[o visitante] coloca sobre a mesa um documento com instruções de higiene e uma caixa com barras de sabão, um frasco com aquilo que ele chama de “solução alcoólica”. Coitado deve imaginar que, como todos os velhos solitários, ando metido na bebida. À despedida, o intruso diz:

-Daqui a uma semana, passo por aqui a visitá-lo.

Então me vem à cabeça a doença de que fala o visitante. Conheço bem essa doença. Chama-se indiferença. Era preciso de um hospital do tamanho do mundo para tratar essa epidemia (COUTO, 2020, p. 215)

Há duas óticas fantasísticas completamente diferentes a respeito da mazela que se difunde tão rapidamente. Enquanto o profissional de saúde representa a mazela como a COVID-19, o idoso tipifica a mazela como a indiferença. Para o profissional de saúde, o álcool é uma proteção contra a infecção da COVID-19; para o velho, o álcool é associado a um remédio contra a solidão, do qual muitos velhos solitários fazem uso. Não consideramos tais óticas mutuamente excludentes, mas complementares pois a pandemia é um fenômeno multidimensional e pensá-la somente pelo viés biomédico apaga sua significativa contribuição para agravar e difundir mazelas sociais, como a fragilidade do laço com o outro que se traduz em indiferença. A pandemia possui como uma de suas mais importantes dimensões catastróficas o aprofundamento da desigualdade social e amplificação do número de seres falantes que vivenciam a pobreza.

Contrariando suas instruções, avanço sobre ele e abraço-o. O homem resiste com vigor e escapa-me dos meus braços. No carro, despe-se apressadamente. Livra-se da roupa como se despisse as vestes da própria peste. Dessa peste chamada miséria. (COUTO, 2020, p.215-216)

O idoso abraça o “gentil ladrão” como demonstração de vínculo amistoso, mas tal demonstração de afeto desperta no profissional de saúde uma grande angústia. O inesperado do abraço rompe os protocolos sanitários nos quais o profissional tentava se sustentar, ainda que sem a assepsia da angústia. Com o furo cavado no que o profissional ordenava via fantasia para guiar aquele atendimento, o profissional é tomado pela angústia de contaminação. Ambos, intruso e idoso, são assaltados pelo real: o senhor idoso na sua fantasia pensa se tratar do roubo de seus exíguos bens materiais e o profissional de saúde é assaltado pela angústia de contaminação ante a aproximação física do outro.

3.4 SOLSTÍCIO DE INFERNO, DE LUÍS GIFFONI

O conto “Solstício de inferno” tem como protagonista Zeca, homem que se encontra isolado no quarto há dez dias por estar com sintomas gripais resultantes da infecção por COVID-19. Apartado da própria família, Zeca é por vezes acossado pela angústia frente às

incertezas da doença, defendendo-se de tal irrupção através das fantasias sobre a vida dos vizinhos que habitam a comunidade à frente de sua residência e também através de racionalizações. Há também nesse conto a dimensão de estranheza por estar infectado e poder contaminar a própria família e, por fim, um acontecimento que atualiza a dimensão traumática da vivência da pandemia por esse personagem. Também comparece a iminência da morte, real que nas fases mais agudas da pandemia não esteve suficientemente vestido pelo simbólico dos rituais funerários. Passemos ao texto.

Todos estamos encurralados. Sei que, enquanto se divertem, meus vizinhos da favela pensam que este pode ser o último mês de suas vidas. Todos pensam nisso, pelo menos durante os telejornais. Também penso. Toda hora, toda meia hora, de cinco em cinco minutos. Estou em pior situação (GIFFONI, 2020, p. 149-150).

Nesse trecho, destaca-se o sentimento de estar encurralado. Zeca se sente encurralado com o risco de morte: confrontado com o *troumatismo* constitutivo da morte, impossível de contornar (SOLER, 2021b). A morte é um fato estrutural, mas catástrofes como a pandemia suspendem muitos dos arranjos civilizatórios que visam preparar o sujeito para lidar com esse real. Nos primeiros meses da pandemia da COVID-19, os discursos, que tentaram ordenar o gozo mortífero, encontravam-se de tal forma fragilizados que o protagonista pensa “na explosão de contágio na cidade, que levará os médicos à macabra escolha de quem deve ou não viver” (GIFFONI, 2020, p.150). A fragilização dos discursos, que comparecem no conto nas menções à falta de vagas em UTIs e em cemitérios, acentuam a falha constitutiva do Outro em amparar o ser falante e a dimensão do *troumatisme* comparece como impossível que deveria permanecer velado. O protagonista assevera estar em pior situação que seus vizinhos, pois como veremos adiante, está com sintomas leves da COVID-19 e tal asserção revela questões sobre sua fantasia.

Nos períodos iniciais da pandemia, quando não existiam vacinas e pouco se conhecia sobre o tratamento da COVID-19, a infecção gerava não só mal-estar físico, mas estranhamento das pessoas próximas e distantes. Em alguns casos, tal estranhamento se radicalizou ao ponto de gerar estigmatização. O personagem Zeca, o qual está isolado no quarto devido à infecção pela COVID-19, afirma sobre a doença que “Virei o monstro, o cavaleiro do Apocalipse, o caído, o contaminado” (GIFFONI, 2020, p.150), mas que em relação a si próprio permanece com as identidades sociais que caracterizam sua subjetividade³¹: esposo, pai, pedagogo e

³¹ O conceito de subjetividade está vinculado à dimensão consciente do ser enquanto inserido no laço social e, portanto, que sofre influência das contingências históricas nas quais está inserido, ligado aos rótulos e costumes provenientes do Outro (SALIM, 2019; SOLER, 2018b).

funcionário público. É interessante notar que será somente nessa segunda página do conto, quando Zeca fala consigo e depois de passear com as fantasias do personagem sobre os vizinhos da favela, que descobrimos mais sobre esse ser falante, inclusive seu nome e alguns elementos de sua história como o fato de que passou sua infância morando em uma comunidade e que o acaso de um bilhete de loteria mudou o seu destino. Na sua residência atual, permanece isolado em um quarto com o intuito de evitar a contaminação da esposa e dos filhos. O estranhamento provocado por esse corpo familiar, agora infectado e transmutado em perigo, é narrado no conto:

Tornei-me um estranho dentro da minha própria casa, alguém que não pode infestar qualquer canto que não seja o quarto de confinamento, alguém que não pode ser visto pela família, a não ser pelo celular, como se estivesse a milhares de quilômetros de distância. Ou talvez eu seja um presidiário perigoso, um serial-killer incontrolável, metido numa cela que só abre uma frestinha para passar água, comida e os rejeitos (GIFFONI, 2020, p.152-153).

O protagonista narra o paradoxo de sua situação, estando infectado pelo vírus da COVID-19 durante a pandemia: tornou-se um estranho e um perigo no seio da própria família. Comparece aqui a dimensão do estranho, em que o que era familiar passa a gerar estranhamento, por remeter à castração, à falta do Outro (BARTIJOTTO, 2021; FREUD, 1919/2006). A alteridade do gozo do Outro familiar fica exposta e o corpo passa a ser um potencial vetor de contaminação e morte (BONNAUD, 2020; KAUFMANNER, 2020): é o corpo adoecido de Zeca, gerando todo um remanejamento nas vidas dos outros habitantes da casa e mobilizando angústia ante o risco de contaminação. Comparece a ambivalência em relação a esse corpo tão próximo e, ao mesmo tempo, tornado estranho: durante seu adoecimento, Zeca é cuidado, mas se instaura um distanciamento com relação aos familiares que não é só físico, como se cada um estivesse isolado com seu próprio gozo, familiares os quais tentam precariamente “uma conversa econômica. O assunto logo se esgota, percebo que querem prolongar o papo, não conseguimos” (GIFFONI, 2020, p.157). Zeca também pontua o estranho da situação ao se comparar a um criminoso. É uma situação que Zeca comparará a um pesadelo, uma situação em que a fragilização pela doença é acompanhada pelo afastamento temeroso do Outro e por restrições à própria liberdade e na qual Zeca se identifica ao “monstro que pode matar sem querer” (GIFFONI, 2020, p.156).

O conto também narra as posturas tomadas pelos vizinhos do prédio ao saberem que Zeca testara positivo para COVID-19, sendo possível pensar tais posturas de exagero e tentativa de segregação como uma defesa para tentar localizar o perigo da COVID-19 (BASSOLS,

2020a), o qual é difícil localizar por se tratar de um vírus de fácil transmissão e o qual também é transmitido por sujeitos assintomáticos.

Alguém lhe contou que fiquei doente. Espalhou no grupo do zap. Sugeriu que eu fosse embora, para proteger os demais moradores. O síndico me ligou. Perguntou, em nome de todos, se tínhamos a casa de algum parente que nos pudesse receber, havia idosos no segundo, terceiro, oitavo e décimo andares [...] o pânico estava espalhado, era obrigação dele me consultar para ver se podíamos chegar a um acordo, sem recorrer à justiça. Fiquei à raiva. Muita raiva. Eu nessa merda, preso entre as paredes e as janelas, sem família, com medo de morrer, vítima dessa porra de vírus, e o filho da puta querendo me expulsar (GIFFONI, 2020, p.158).

A hipertrofia do imaginário nesse momento de ignorância sobre o vírus também favoreceu a agressividade: os vizinhos, movidos pelo temor, pedem pela segregação de toda a família de Zeca. O protagonista, por sua vez, sente raiva em uma situação na qual há uma tentativa de fazê-lo submisso ao Outro (SOLER, 2011a), ou seja, à vontade dos vizinhos. Já “na merda”, identificado ao dejetivo e privado de sua saúde e da convivência com a família, essa outra frustração ao princípio do prazer extrapola o que aquele ser falante pode suportar: aí irrompem os xingamentos no ápice de sua raiva, dos quais depois se arrepende.

Impedido de concretizar seus desejos na realidade devido ao isolamento, Zeca é a testemunha de que os seres falantes jamais abdicam de uma satisfação e o desejo que não pode ser concretizado em atos, prolifera na fantasia. Assim é que Zeca passa o seu isolamento que já dura dez dias a observar os outros em suas janelas, satisfazendo a pulsão escópica e tecendo fantasias: “Ficar na janela bisbilhotando a vida virou meu passatempo predileto. É minha maneira de sair de casa” (GIFFONI, 2020, p.151). Apresentando o seu sinuoso fluxo de consciência, Zeca relata diversos afetos penosos, raiva, culpa, vontade de chorar e angústia. A reação de Zeca a esses afetos é o retorno às fantasias, que podem ser sobre a vida alheia, a qual representa como menos sofrida que a sua. Destacamos também a dimensão de angústia entrelaçada à incerteza presente no pensamento “Não sei se voltaremos a ser felizes” (GIFFONI, 2020, p.153).

Me canso do descanso, me irrita, me culpo por ter chegado a esse estado, ter posto em risco minha família, ter acabado com nossa felicidade que pedia tão pouco, ter feito do passado recente, uma lembrança distante, vinda de outra vida. Me emocionou, fico com vontade de chorar, volto para minha janela, assalto o dia a dia da vizinhança. A felicidade alheia me incomoda, quer dizer, me aborrece a felicidade que imagino existir nas pessoas que não ficaram doentes. Não sei se voltaremos a ser felizes (GIFFONI, 2020, p.153).

É pertinente notar a culpa que atravessa o personagem, o qual acaba internalizando o lugar que o Outro familiar e social lhe imputa de perigoso. Tal culpa contrasta com os cuidados que o protagonista relata ter tomado, revelando como as medidas sanitárias se converteram em mandamentos superegoicos para alguns sujeitos, os quais foram afetados pela angústia superegoica na mesma proporção em que obedeceram às recomendações sanitárias (BASSOLS, 2020a), atualizando desse modo um paradoxo constitutivo da neurose que consiste em que quanto mais o sujeito cede de sua satisfação, mas o superego lhe cobra (FREUD, 1930/2010; SOLER, 2012), indiferente à exaustiva lista de comportamentos profiláticos nos quais o personagem Zeca se engajou.

Me cuidei desde março. Com exagero. Evitei sair de casa. Só supermercado, farmácia e a corridinha para desanuviar a tempestade anunciada. Suspendi as peladas de sábado. Lavei as mãos várias vezes ao dia. Passei álcool até debaixo das unhas. Usei máscara quando poucos usavam. Subi a escada do prédio para evitar o elevador. E também fazer exercício. No trabalho, na hora do cafezinho, fiquei pelos cantos, resguardado. Até sofri crítica (GIFFONI, 2020, p.159).

Zeca tenta se defender do real do adoecimento através do devaneio. Esses devaneios constituem uma tentativa de fuga da atual situação vivida pelo protagonista:

Nos piores momentos, sozinho de madrugada, quando a febre sobe e a esperança acaba, quando sonho que uma sombra me persegue até me estrangular. Com seus dedos de ar, nessas horas, sem hesitação, eu trocaria essa vida por a de um beija-flor. Mesmo se vivesse apenas uns meses valeria a pena (GIFFONI, 2020, p. 154)

O adoecimento e o isolamento vividos por Zeca se aproximam tanto da crueza do real que sua situação atual é equiparada a um pesadelo, da qual o protagonista poderia acordar para retomar o curso do *automathon*, do princípio do prazer: “imaginar que tudo é um simples pesadelo, que vai passar daqui a pouco, quando eu acordar comentarei com eles o sonho pavoroso que tive, todos ficarão curiosos, pedirão detalhes” (GIFFONI, 2020, p.155). Nesse devaneio, é retomada a relação com o outro, que está presente e que o escuta, pedindo detalhes, o que contrasta com suas atuais “conversas econômicas”. Ainda sobre a fantasia de que a pandemia da COVID-19 fosse um sonho, mesmo que terrível, Zeca pensa:

Direi que sonhei que estava com uma doença que nunca havia aparecido antes, ninguém sabia direito como tratar, parecia gripe, tinha sintomas de gripe, mas matava. Matava no mundo inteiro, sem poupar rico ou pobre. Claro, tinha uma queda por pobre (GIFFONI, 2020, p. 155).

Nesses pensamentos do personagem, destacamos a irrealidade experimentada em relação à pandemia, que remete ao mundo onírico e à distopia, vinculados ao sentimento de

estranheza que é favorecido por um contexto no qual realidade e ficção se aproximam (FREUD, 1919/2006). A estranheza não deixa de se vincular ao que é há muito conhecido, como assim o é o fato de que as privações de objetos, de acesso a serviços e recursos na pobreza favorecem o adoecimento³² e não seria diferente com “uma doença que nunca havia aparecido antes” a qual terá “Claro, uma queda por pobre”.

Na fantasia de Zeca, o personagem se representa em uma condição pior que as outras pessoas que não contraíram COVID-19, atribuindo-lhes uma felicidade que não sabe se irá recuperar. É com a notícia da morte por acidente do amigo, acompanhada pela “crise de tosse de cachorro” (GIFFONI, 2020, p. 161) da esposa Denise, que o personagem é arrancado do fechamento narcísico em que se instalara decorrente da dor e do mal-estar físico, sendo tal processo de retirada do interesse do mundo externo e fechamento sobre si decorrente da dor assinalados por Freud (1914/2010). Sob a influência da notícia da morte acidental do amigo, ocorre à memória de Zeca uma morte também motivada por falta de ar, ocorrida antes da pandemia, a do seu tio Eudóxio, por enfisema: “O corpo não espera, busca ar a cada minuto, e não consegue. Morrer sufocado é meu pesadelo. Tio Eudóxio teve enfisema de tanto cigarro. Testemunhei. Espero nunca mais passar por isso. Nem minha família” (GIFFONI, 2020, p.162). Tem-se aí um evento que pode ser vinculado ao traumatismo, como marca de um excesso inesperado de desprazer, que invade o sujeito (SOLER, 2004). Percebe-se a marca deixada no personagem quando este afirma “espero nunca mais passar por isso”. Tal fala parece assumir um lugar de dito importante na vida do sujeito, uma tentativa de ordenar o real. Cabe assinalar que o mesmo significante “pesadelo” comparece em referência à morte do tio sufocado e em referência ao atual adoecimento de Zeca.

A saúde de Denise passa a ser uma preocupação concreta para Zeca devido à tosse apresentada por ela após a notícia do falecimento do amigo. Confrontado com o resmungo da mulher, Zeca atenta ao gozo vinculado à sobrecarga de tarefas que a esposa estava vivenciando: “Toda a casa, os meninos e eu caímos nos ombros dela, não sabia onde arrumava forças para aguentar tanto peso” (GIFFONI, 2020, p. 163). Rodrigues et al. (2021) destacaram como as

³² Essa relação entre a pobreza e o processo saúde-doença é um dos corolários do conceito de determinantes sociais da saúde (DSSs). Buss e Pelegrini Filho (1997) apontam como conceito mais difundido dos determinantes sociais de saúde a relação entre as condições de vida e trabalho e as situações de saúde, sendo estes determinantes sociais de saúde responsáveis por engendrar, em uma causalidade complexa e mediada, iniquidades em saúde que são evitáveis e injustas e afetam desproporcionalmente as camadas mais precarizadas na população, as quais estão sujeitas a piores condições de moradia, menor acesso a serviços essenciais e condições de maior risco no trabalho.

atividades domésticas recaíram desproporcionalmente sobre as mulheres, questão que comparece no sofrimento apresentado pela personagem Denise. Ao ser perguntada pelo marido sobre a respiração, Denise se irrita e fala com convicção que não está com o vírus: “Se você acha que estou com o vírus, Zeca, está muito enganado” (GIFFONI, 2020, p.163). Vemos aqui mais uma manifestação da raiva quando é frustrado o princípio do prazer de um ser falante (LACAN, 1959-60/2008) que, voltado para o cuidado de todos, acaba excluindo da sua rotina o prazer, o qual colaboraria com a construção da felicidade.

Zeca estava isolado com sintomas leves e Denise negava, com afeto de raiva, qualquer sinal de adoecimento. Sem maiores alterações no dia-a-dia pandêmico. É quando o interfone toca e recebem a visita da vizinha, a Sra. Filomena que, com saudade da convivência social e referindo o insuportável da solidão do isolamento social, “prefere morrer do que continuar na solidão sem fim” (GIFFONI, 2020, p.164), abraça Denise de repente e diz assustada:

-Filha você está ardendo de febre. Precisa ir para o hospital e cuidar disso! Estremeço. Não sei o que fazer. A Dê tem febre, mas eu também. Fecho a porta, olho para o chão. Começa o pânico contra o presidente [...] Ando de um lado para outro. Fecho a janela. Ligo a tevê. Analistas comentam a superlotação nas UTIs [...] Começa a previsão do tempo [...], a repórter anuncia que o solstício de inverno aconteceu hoje. Solstício de inferno [...]. Diz [Denise] que não consegue respirar direito faz umas horas, está ficando desesperada. Sua pele, sempre perolada, está vermelha. Sua muito. Põe as mãos sobre o peito, comprime as costelas. Pois somos dois em desespero. Preciso procurar ajuda imediatamente. Não há tempo para aguardar uma ambulância. Penso nos meninos. Não posso deixá-los em casa, mas não tenho com quem fiquem. Saímos os quatro, descemos pelo elevador até a garagem, ligo o carro, Dê começa a ficar com os lábios roxos, parece que vai desmaiar, acelero pelas ruas, chego ao hospital, há umas cinco ambulâncias na rampa de acesso com as luzes girando, uma balbúrdia de vozes e protestos, furo a fila, chego à recepção, o atendente não me deixa falar e responde ao que não perguntei:
-Quantas vezes vou ter que repetir que não tem mais vaga porra? (GIFFONI, 2020, p. 164-165).

O clímax da narrativa ocorre no ápice do desespero: é o solstício de inferno, que marca o início de uma estação, de uma temporada no inferno. O trocadilho intencional destaca a dimensão infernal daquele dia e se articula aos afetos que atravessam o protagonista de forma acentuada nesse momento da narrativa, haja vista que mesmo os trocadilhos intencionais expressam uma verdade que se impõe através da alteração no significante. É o inesperado da febre ardente que se faz acompanhar por toda a sorte de estímulos externos, como se o mal-estar oriundo do Outro social viesse inoportunamente se somar ao mal-estar da família, amplificando-o: é o pânico expressando a insatisfação com o governo federal da época e o noticiário apontando a falta de leitos nas UTIs. É o desamparo decorrente da falência do Outro das instituições que, somando-se ao desamparo vivido pelos personagens ante o adoecimento

de Zeca e Denise, que em nossa leitura é transmitido com o engendramento de um efeito de confusão e no protagonista se manifesta na agitação psicomotora de alguém tomado por esse excesso de estímulos externos acrescidos aos pulsionais: Zeca deambula pela casa, abre a janela, liga a tevê.

O trauma contingente, atrelado às agressões ao corpo vivo (SOLER, 2021b), comparece na dificuldade de respirar de Denise como ruptura: é a concretização dos temores de contágio da família, temor contra o qual Denise reagiu pela via da raiva e da negação. Para Zeca, é o impossível acontecendo sob a forma de acidente traumático: o dito de que não queria que o pesadelo de morrer por sufocamento se repetisse com alguém de sua família é violado frontalmente pelo real sem lei da afecção violenta de Denise cuja contaminação permanece misteriosa. Eis a confluência de fatores necessária à eclosão do trauma (MILLER et al., 2006). O real da agressão ao corpo biológico de Denise só piora: os lábios agora estão roxos. Ao final, ao buscar cuidados no hospital, instituição que deveria amparar no agravo à doença, o protagonista se encontra, mais uma vez, com a agressividade do outro e com o Outro que falha em amparar, favorecendo a fixação do traumático: não só o hospital carece de vagas, como o funcionário destrata o protagonista.

3.5 NO TEMPO DA MORTE, A MORTE DO TEMPO, DE JÚLIAN FUKS

A mensuração e a percepção do tempo são elementos fundamentais na historicidade, Outro que constitui os seres falantes (IANNINI et al., 2021). O tempo é um fator de ordenamento da realidade e o confronto cotidiano com a finitude escancara o *troumatisme* constitutivo dos seres falantes. Percorreremos agora esse conto que entrelaça o trauma da pandemia às alterações na vivência do tempo. Destacamos também, antes de passar ao corpo do texto, o título que enfatiza “O tempo da morte”, ou seja, um período de catástrofe, que revira a ordem das coisas e favorece a irrupção do trauma. Como consequência a esse período de “Tempo da morte”, as relações com o tempo são profundamente afetadas.

Então, num momento indefinível entre os primeiros raios do amanhecer e a luz ofuscante do meio-dia, o tempo deixou de fazer sentido. Não houve alarde, não houve ruído, nenhum estrondo que anunciasse algo tão atípico [...] Não provocava mais que um torpor, uma indiferença, um tipo peculiar e profundo de desalento (FUKS, 2021, p.253).

A mensuração do tempo é um dos elementos que ordena a realidade partilhada socialmente. Quando o tempo deixa de fazer sentido, é como se o Outro se estilhaçasse e a tal ponto se estilhaça que o protagonista reage com indiferença a essa mudança. Tal indiferença mostra o afastamento do Eu da personagem em relação ao mundo, pois o inverso do investimento libidinal nos objetos do mundo externo é a indiferença (FREUD, 1915a/2010). Também destacamos a referência ao acontecimento que é, paradoxalmente, coletivo e íntimo: a catástrofe pandêmica, o tempo da morte, irá afetar os seres falantes de forma singular.

Podemos situar esse “momento indefinível entre os primeiros raios do amanhecer e a luz ofuscante do meio-dia” no qual “o tempo deixou de fazer sentido” em relação ao instante de ver. O instante de ver, o primeiro dos três tempos lógicos de Lacan, está ligado a uma evidência vinculada à percepção e que pode ser resumida em “sabe-se que”. Nesse momento do conto, a experiência pandêmica do protagonista é vinculada à constatação, ao instante de ver a perda de sentido na relação com o tempo (LACAN, 1945/1998).

Difícil conceber a variedade de maneiras como a inexistência do tempo afetou cada casa, cada indivíduo detido numa hora infinita. Uns aumentaram o ritmo de suas tarefas corriqueiras, cobrindo o silêncio com um automatismo de gestos, lavando as mãos incessantemente, limpando com obsessão salas, cozinhas, banheiros. Outros não conseguiram impedir que o torpor tomasse conta dos seus corpos, e assim se mantiveram atirados nos sofás, inertes e impotentes [...] Era possível que algum resquício do tempo ainda se deixasse mensurar, não por minutos, horas, dias, mas por acumulação de mortos nos gráficos televisivos (FUKS, 2021, p. 253-254).

Ante o desbussolamento gerado pelo tempo de morte, haverá diferentes respostas, tão distintas quanto são as fantasias dos seres falantes. No escrito, comparecem duas posições opostas: a pressa e a paralisia. Alguns foram tomados pela aceleração, marcada pelo predomínio da ação realizada em sentido de urgência frente às incertezas, enquanto outros reagiram à ruptura do tempo com um torpor paralisante, produtor de hipobulia e cansaço (IANNINI et al., 2021). Com a perda do norte fornecido pelo tempo, o ordenamento da experiência passou a ser dado pela macabra contagem de mortes, “a matemática da tragédia” (FUKS, 2021, p. 253).

Tudo eu observava pela janela, passeando o olhar entre os apartamentos vizinhos, me distraíndo com aquela vida em frestas que a paisagem me oferecia. No exato momento da morte do tempo, se bem me lembro, eu estava deitado na rede contemplando apenas as ruas vazias. Senti que aquele instante se desgarrava do anterior e do seguinte, eternizava-se em sua insignificância, ganhava peso. O que se produzia era um inchaço do presente, como se seu vulto engordasse tanto que ocultasse o passado e bloqueasse a vista do futuro inteiro. Mesmo dos dias próximos, dias ensolarados e de inocência, já me restavam apenas lembranças remotas, carregadas de nostalgia, à beira do esquecimento. Quanto ao futuro, era tão incerto que se cancelava completamente, tornando insensato todo plano que eu concebesse, todo livro que almejasse escrever. A paralisia do tempo, eu percebia, tomava de uma vez as casas e os corpos,

condenando também à imobilidade as pernas, os braços, as mãos, a existência (FUKS, 2021, p. 254).

À percepção da morte do tempo, instante de ver, sucede um momento de estagnação, no qual a ação do protagonista é protelada, ganhando centralidade a contemplação. O protagonista contempla os diferentes polos de respostas dos sujeitos face à desestabilização propiciada pela pandemia: é o tempo lógico de compreender, no qual se sucedem as diferentes atribuições de sentido e são tecidas hipóteses (LACAN, 1945/1998). Parece-nos que o personagem se situa no tempo de compreender, mas não podemos afirmar o mesmo sobre aqueles acerca de quem o protagonista reflete, os quais ou foram tomados pela paralisia ou pela aceleração. Quanto aos sujeitos tomados pelo torpor em seus corpos, nossa hipótese é que estão presos no momento de ver, o qual teve efeito traumático, engendrando a fragilização do enquadre fantasmático que lhes permitia dar movimento às suas vidas (BERTA, 2015), determinando sua permanência em fitar o pior, assim como os sentimentos de impotência e inércia. Quanto aos seres falantes que, de forma inversa, precipitaram-se na aceleração e multiplicação de suas tarefas cotidianas, nossa hipótese é que houve uma supressão do tempo de compreender e uma precipitação do momento de concluir, motivada pela aceleração em direção ao futuro. Parece-nos que tal aceleração se articula a uma tentativa de controlar a dimensão de incerteza dos tempos pandêmicos.

No confinamento, o sujeito é confrontado não só com a prisão da fantasia fundamental (COUTINHO JORGE, 2010), mas também com a restrição promovida pela injunção sanitária de permanecer em domicílio: “a vida em frestas que a paisagem me oferecia” (FUKS, 2021, p. 254). No momento preciso em que o protagonista está deitado na rede, ocorre a morte do tempo. É nesse momento que o tempo da morte se confronta com o trauma, o qual modifica a relação com a temporalidade, ao gerar um marco histórico entre o antes e o depois (BERTA, 2015). Há uma ruptura e congelamento do instante traumático (SOLER, 2004), “instante que se desgarrava do anterior e do seguinte”, engendrando “um inchaço do presente”, o qual subjuga a relação com passado e futuro. Reveste-se de importância pontuar que o tempo costuma ser representado espacialmente, sendo vinculado nas tentativas de representá-lo à ideia de movimento e, por conseguinte, o confinamento, ao reduzir drasticamente os deslocamentos do sujeito, altera sua relação com o tempo (IANNINI et al., 2021).

No texto também comparece a obstacularização do investimento psíquico no futuro como resultante do trauma. Percebe-se que, nesse momento, o protagonista responde através

do torpor à ruptura traumática, como que congelado em um instante de ver com a terrível percepção da morte do tempo, ofuscado temporariamente quanto à possibilidade de atribuição de sentido. Há também um enfraquecimento da dimensão desejante enquanto motora da ação a partir da falta, não há o movimento metonímico a partir da falta (LACAN, 1958/1998). A relação com a morte invade a vida e subverte as relações temporais não só do protagonista, embora enfoquemos sua ótica singular: “Uma população inteira descobria, num mesmo interminável instante, que era capaz de experimentar em vida o caráter extemporâneo da morte” (FUKS, 2021, p.254-255).

O personagem sairá de modo súbito da morosidade:

Naquele dia, ou em outro qualquer, o que se produziu em mim foi um princípio de claustrofobia e a necessidade irreprimível de partir, subitamente. Deixar para trás o apartamento no qual me encerrei, deixar para trás aquela inércia coletiva na qual eu me subsumia com passividade e inconsciência. Lembro que percorri a rua a passos rápidos, e que os passos pareciam fabricar segundos, devolver à existência o compasso do tempo [...] Foi sem surpresa que cheguei à casa dos meus pais, embora aquele não tivesse sido um destino consciente [...] Não lembro o que conversamos, mas é vívida a lembrança da imagem que compunham diante dos meus olhos, seus rostos pálidos vincados pelas décadas, ao fundo da casa da minha infância, suas paredes manchadas pelos anos de desatenção alegre, acima do telhado a copa da árvore que plantamos juntos, num dia remoto que se fazia presente. Naquela casa, morava o tempo, e só de estar ali, pude sentir que ele seguia correndo, numa cadeia incontível de acontecimentos (FUKS, 2021, p. 256-257).

O protagonista sai, de repente, da morosidade, mobilizado por uma “claustrofobia”. Nesse momento, ele adquire distanciamento do instante de ver, da obediência às percepções e afetos vinculados à morte do tempo; assim como das digressões do tempo de compreender. A “necessidade irreprimível” de sair de casa leva o sujeito, sob a forma de uma descontinuidade, ao momento de concluir, rompendo com “a passividade” que o tomara durante o confinamento e levando-o a uma ação que faz uma aposta, assumindo o risco (LACAN, 1945/1998). O sujeito se precipita na ação de sair de casa, sem destino consciente, e ao desbravar o espaço público, ambiente do qual estava privado, há alterações na relação com o tempo, como se esses passos ressuscitassem o compasso temporal. Tal como não há fala livre, não há exatamente, ausência de destino: as falas e ações são determinadas pelos significantes prevalentes da história do sujeito. O sujeito é levado, pelo poder do seu inconsciente, à casa dos pais para ter contato com seu passado e assim retomar o fio da sua história, haja vista que a historicização do passado é importante na recomposição da história do sujeito (IANNINI et al., 2021). O tempo confere sentido à existência do protagonista e é retomando o contato com o Outro parental que o sujeito redescobre que a relação com o tempo anterior ao instante traumático será retomada.

3.6 O SONHO DA PRESENÇA MALIGNA

Este sonho foi coletado por Iannini et al. (2021) em uma pesquisa realizada durante os meses iniciais da pandemia. Partiremos de alguns elementos já trazidos pela interpretação dos autores, a qual se serviu do relato do sonho e das associações do sonhador, identificado com o nome fictício de Lucas, de 22 anos de idade. Visamos destacar alguns elementos na interpretação dos autores, associando-os ao conceito de objeto *a* e ao lugar assumido diante do Outro, ambas questões centrais para a angústia (LACAN, 1962-63/2005; SOLER, 2012). Apresentamos o sonho na íntegra, e seguindo a prática lacaniana de revisitar sonhos relatados em casos clínicos ou em obras de outros autores, revisitaremos a análise do sonho realizada por Iannini et al. (2021). Eis o sonho na íntegra:

[...] várias cenas cotidianas acontecendo até que eu percebi que uma presença maligna aparecia e desaparecia no campo da visão. Ela apareceu primeiro como uma entidade disforme e preta, depois como um ser com características de cobra, porém com torso de mamífero, quando no sonho tentei fugir e pedir ajuda à vizinha daqui do meu prédio com quem tenho mais afinidade, ela também se revelou como ajudante dessa entidade que queria me fazer mal [...] Depois ele voltou como um humanoide, tivemos uma breve conversa sobre vidas e linhas do tempo, ele disse que no passado havia reencarnado de forma muito mais bestial e cruel, e também muito mais dócil, e estava sem o ápice do desejo de matar ultimamente, eu tentei barganhar para que ele me deixasse em paz usando isso como argumento, mas mesmo que ele tenha concordado, foi uma segunda traição, pois ele mudou de ideia, apareceu de novo, desta vez como uma imagem de sua forma humanoide na tela do celular, e me atacou [...] a criatura era um predador mortal e eu nada mais que um inseto em comparação. O mundo ficou uma sequência de preto e luzes enquanto minha cabeça era aberta pelos dentes da criatura não conseguindo gritar, até que acordei [...] depois disso, em sonho, na mesma noite, me vi em um campo florido enquanto a criatura diminuía de tamanho até se reduzir a uma pequena máscara com dois olhos de mamífero e sumir. A segunda criatura que apareceu, uma semana depois, era feminina, deformada não atacava, só estava semimorta nas proximidades dos eventos dos sonhos (IANNINI et al., 2021, p.53-54).

Os autores da pesquisa destacam na análise dos sonhos de Lucas, todos ocorridos na mesma noite, a pequenez sentida pelo sonhador ante o perigo mortal, a dimensão de infamiliaridade e a angústia suscitada pelo pequeno outro representado pela vizinha e a possibilidade de elaboração através do sonho (IANNINI et al., 2021). Os autores apontam que os sonhos compõem uma série que vai da repetição traumática à elaboração. Destacamos no nosso comentário que tal série apontada pelos autores possui relação com o assinalado por Freud (1933/2006) de que sonhos produzidos na mesma noite possuem um elo de ligação, estando vinculados a um mesmo contexto.

Os autores apontam a dimensão de infamiliar nessa presença maligna que irrompe e evade do campo de visão. O sonhador descreve a figura com detalhes. Um ponto que cernimos e agregamos à interpretação do referido sonho é a relação dessa imagem tão pavorosa com aquilo que Lacan (1962-63/2005) descreve como constitutivo do momento de angústia: trata-se de uma visão que ameaça, vinculada a um semblante do objeto *a*. Pensamos que essa entidade disforme e preta pode ser pensada como um objeto *a*, condensador de gozo portanto, ligado à pulsão oral, pois essa criatura abre a cabeça do sonhador com os dentes. Portanto, a angústia comparece ante o perigo que esse objeto *a* veicula e o sonhador tenta buscar amparo junto à vizinha, pessoa com quem relata possuir afinidade.

Os autores destacam o hiato entre os recursos do sujeito e a grandeza do perigo. Ante o objeto que angustia, o sonhador busca ajuda com a vizinha, que se revela em conluio com a entidade maligna, presentificando a dimensão do infamiliar (IANNINI et al., 2021). A dimensão infamiliar tomada por uma pessoa com quem antes o sonhador entretinha afetos positivos pode ser pensada também como um dos efeitos da pandemia, contexto no qual o perigo parece ubíquo, passível de ser alocado em qualquer pessoa- e por isso, nas últimas cenas do sonho, em que a dimensão de excesso já foi elaborada, a entidade comparece com máscara (IANNINI et al., 2021). Nesse primeiro momento, como apontado por Iannini et al. (2021), a tentativa de defesa contra a dimensão mortífera fracassa. Em um segundo momento, o perigo vinculado à criatura parece ter abrandado, pois a entidade assume forma humanoide e conversa com o sonhador, mas eis que o perigo reaparece (IANNINI et al., 2021). Em relação ao terceiro momento, em que a criatura se transmuta em um predador imortal e devora a cabeça do sonhador, que não conseguia gritar e então acorda, os autores assinalam que “As defesas que erguemos diante da força da pulsão se tornam meros fiapos diante do trauma” (IANNINI et al., 2021, p.55). Nesse ponto comparece uma conjuntura tão significativa para a angústia que faz o sonhador acordar: é quando o sujeito se vê subjugado pelo Outro, ocupando um lugar de objeto, e, portanto, anulado na sua condição de sujeito (SOLER, 2012). Também destacamos a passividade assumida pelo sujeito na cena em que sua cabeça é devorada. O acordar nesse momento configura uma defesa contra o real traumático, o qual naquele momento ainda não pôde ser transmutado em desejo pela elaboração onírica (FREUD, 1933/2006). No final dessa série de sonhos, a simbolização é atingida e o sujeito retorna ao domínio do desejo, no qual há um campo florido e a entidade maligna já não oferece perigo.

3.7 O SONHO DAS ESCADAS

Esse sonho traz elementos importantes sobre a relação entre o trauma desencadeado pela pandemia e o abalo fantasmático. Trata-se do relato de sonho, seguido das associações, de uma sonhadora de nome fictício Anna, de 38 anos, residente em uma metrópole. Passemos ao texto do sonho:

Estava num prédio muito alto, imagino que no vigésimo andar. Não era um prédio luxuoso, mas era aparentemente sólido e com estrutura bacana, além de visualmente bem decorado. Por algum motivo que não sei exatamente qual, tive que sair de forma urgente, poderia ser um incêndio, poderia ser um curto-circuito apenas..., mas o fato é que não poderia usar o elevador. Então corri para a escada e quando a encontrei fiquei muito chocada, pois o prédio havia “se virado em seu eixo”... tipo, invertido dos lados... e a escada ficou virada para a parede, além de ter aberto um buraco, um vão da altura dos andares. Além de a escada ficar aparentemente inacessível por “começar na parede”, a fenda muito larga que se abriu me impedia de sequer tentar chegar até a parede das escadas. Olhava o tamanho do buraco e a altura em que estava e sabia que seria impossível. Fiquei muito desesperada por estar encurralada ali e tive clareza de que não conseguiria me salvar, meu sentimento era de pânico, muito real e até físico, tanto que acordei muito assustada e impressionada com tantos detalhes e a clareza com que via minha morte (IANNINI et al., 2021, p. 35).

Esse sonho apresenta a fragilização de uma estrutura que parecia sólida. Na entrevista feita com a sonhadora, os pesquisadores identificaram um hiperinvestimento na vida profissional, estando os outros setores da vida secundarizados. Para a sonhadora, a pandemia reativa questões relacionadas à solidez de sua colocação profissional, pois em anos anteriores possuía uma boa situação profissional em uma empresa de grande porte e esta, de repente, fechou, ficando a sonhadora confrontada com a falta de emprego, descrevendo o período como de incerteza e turbulência. Posteriormente, consegue novamente uma “posição sólida” no mercado. Então advém a pandemia, traumatismo que traz efeitos psíquicos para a sonhadora. O sonho é uma tentativa de retratar e, portanto, ligar o excesso vinculado ao impossível do traumatismo na pandemia, mas que falha nessa tentativa de simbolização e a sonhadora acorda para escapar do real.

Nossa contribuição no entendimento desse sonho é aventar a hipótese de que esse sonho traumático foi gerado porque a pandemia trouxe um abalo à fantasia da sonhadora, a qual centraliza a vida psíquica em torno das questões profissionais. Iannini et al. (2021) apontam que com a irrupção da pandemia “nossos quadros referenciais tipicamente empregados para interpretar a realidade parecem falhar, parecem se desmantelar” (IANNINI et al., 2021, p.37). Tal apontamento parece assinalar, precisamente, o abalo da fantasia pelo trauma que pode advir ante a catástrofe pandêmica, mas o termo fantasia não comparece na análise desse sonho em particular, não obstante haja uma menção ao surrealismo pela sonhadora, movimento que como

Iannini et al. (2021) destacam, denuncia a arbitrariedade do que é descrito como realidade, o que diz muito sobre a estruturação fantasística da realidade. Contudo, a tessitura da relação entre fantasia e pandemia é feita no capítulo posterior no qual a análise desse sonho não será abordada. O elemento que causa maior perplexidade à sonhadora no relato são as escadas, que se esbarram com a parede, e o prédio que gira em torno do próprio eixo e a sonhadora associa tais elementos ao desmoronamento brutal de sua carreira, a qual estava ascendente até então. Quanto à impossibilidade de escapar retratada no sonho, a sonhadora assinala impotência. Ainda pensando esse sonho traumático- o qual fez a sonhadora acordar assustada- através da fantasia, assinalamos a repetição dos significantes “sólido”, “consolidado” e “ascensão”, os quais são seguidos pelos significantes “brutalmente”, “dissolução” e “impossibilidade”. Esses dois grupos de significantes se articulam à apresentação fálica do objeto *a*, o qual é marcado pela instabilidade: apresenta transitoriamente a potência, mas tal potência está sempre sob risco de perda (LACAN, 1962-63/2005).

“Por um motivo que não sei exatamente qual, tive que sair de forma urgente, poderia ser um incêndio, poderia ser um curto-circuito apenas”. Essa expressão pode ser remetida ao trauma, à lesão na continuidade da vida da sonhadora. Os autores retomam a importância conferida por Freud (1920/2010;1926/2014) ao fator susto, vinculado à ausência de angústia antecipatória, na eclosão do trauma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a investigar de que forma as dimensões da fantasia, do trauma e da angústia estão presentes nos escritos literários sobre a pandemia da COVID-19 e em sonhos relatados no período. Foram selecionados para tal empreitada cinco contos de duas coletâneas, “20 contos sobre a pandemia de 2020” e “O projeto Decamerão”; assim como foram selecionados dois sonhos do livro “Sonhos Confinados”. A pandemia, caracterizada como fenômeno complexo e multidimensional, afetou os seres falantes em vários aspectos de suas vidas. Elegemos os contos e sonhos por serem produções humanas que privilegiam a fantasia, naquilo que ela possui de mais específico sobre cada um e, por vezes, de caráter absurdo. Apostamos nessas produções humanas que ressaltam o surreal da existência para tentar captar algo das especificidades da experiência pandêmica, a qual, em um primeiro momento de confinamento generalizado e sem a garantia do controle sobre o vírus posteriormente fornecida pela vacinação, remetia ao campo literário, mais especificamente às narrativas distópicas de ficção científica. Quem, da população em geral, malgrado os alertas sanitários, imaginou que a pandemia irromperia assim, dessa forma? Quem previu o confinamento em massa e a migração repentina da absoluta maioria de suas relações sociais para a rede informatizada? Quem previu que o naturalizado cotidiano do frenesi pelo campo tridimensional das cidades, regido pelo falso discurso do capitalista, fosse substituído pelo âmbito informacional? Delineou-se um cenário de incerteza e risco generalizados, os quais favoreciam a irrupção do trauma e disseminação da angústia. Tal disseminação afetou uma quantidade significativa dos sujeitos, inclusive aqueles que norteiam sua prática clínica e de pesquisa pelo discurso analítico.

Tal incerteza incidiu sobre nós e passamos a situar a pandemia da COVID-19 em sua dimensão enigmática e, como enigma, mobilizou-nos o exercício de pensamento que se faz necessário ante uma questão delineada. A teoria psicanalítica e a literatura nos forneceram alguma direção nesse estranho momento de desbussolamento. Então, fomos buscar elementos para entender esses estranhos tempos no campo da fantasia, que, alicerce da realidade psíquica, abarca também todas as quimeras que nutrem a literatura e são o próprio conteúdo manifesto dos sonhos. A orientação fornecida por esse percurso metodológico nos fez chegar, não em um destino final de respostas definitivas, mas em um ponto no qual se apreenderam alguns elementos sobre esta pandemia, através das produções fantasísticas da arte literária e dos sonhos.

Passemos agora aos precipitados daquilo que aprendemos sobre trauma, fantasia e a angústia no contexto da pandemia da COVID-19 com as obras e relatos de sonhos analisados. Reiteramos que essa aprendizagem é mediada pela dimensão interpretativa, constitutiva da pesquisa em psicanálise: trata-se de uma leitura de material significativo. No conto “Duas Irmãs” é abordada a alteridade do Outro familiar na pandemia, diferença esta que, determinada pela singularidade da fantasia de cada um, repercute nos posicionamentos frente ao real pandêmico, o qual se apresenta no confronto reiterado com a morte e no questionamento dos limites do próprio saber. Tais limites do saber são enfocados na experiência da irmã mais nova, professora de filosofia que tinha no campo da palavra respostas prontas que lhe propiciavam gozo e que, na pandemia, tais respostas são confrontadas com os limites de sua utilidade no âmbito dessa vivência. Por sua vez, a irmã mais velha, a partir de sua fantasia, responde à pandemia através da ação concreta no mundo externo voltada ao outro: distribuição de insumos e orientações sanitárias. O conto também apresenta a vivência da diluição de fronteiras entre medo e angústia na pandemia. No conto, não se apresenta a dimensão traumática, configurando um caso em que o Outro familiar representado pela irmã confere proteção contra a ruptura traumática.

O conto “47 segundos” constitui um retrato dos efeitos da pandemia sobre o cotidiano da protagonista, narrando como o real passou a assomar ações cotidianas, como sair do próprio apartamento até o corredor. Nesse retrato, apresenta-se a proliferação fantasística da senhora 907. Tais fantasias passeiam dos devaneios às Fake News, as quais configuram uma das manifestações mais deletérias do adensamento imaginário sobre a pandemia, conferindo um sentido pronto (a despeito de sua falta de fidedignidade), capaz de tamponar a angústia. Outro elemento deste retrato da pandemia, captada em seus elementos-chave nesse conto, é o efeito da pandemia nas relações com o pequeno outro. As relações de gozo fálico com o vizinho, senhor 906, são fragilizadas e o corpo deste passa a ter o peso real de um vetor de contaminação e de disparador de angústia, por estar despido do imaginário dos EPIs. O uso desses objetos é orientado pelo mestre sanitário como essencial para a preservação da vida (e que deveras foi no ápice da pandemia, mas, quando afirmarmos isso o fazemos dentro do discurso da ciência e não a partir de uma idealizada e inexistente neutralidade). Também são narrados os efeitos da exacerbação da angústia ante a aproximação do corpo do Outro, como ela afeta a percepção temporal, engendrando uma vivência de distensão paradoxal do tempo; como ela enfraquece os semblantes; e os seus efeitos corporais, de uma “cabeça que lateja”. Nesse conto, também comparece, enquadrada, uma dimensão estrutural das relações humanas e que se fez presente em carne viva durante as fases mais críticas da pandemia: as incompreensões que decorrem dos

abismos entre as óticas fantasísticas. Esse encontro será para a senhora 907 fonte de angústia, enquanto para o senhor 906, fonte de irritação.

O conto “Um gentil ladrão” parte de um mal-entendido fundamental no encontro entre um idoso e o profissional de saúde que o visita. O idoso interpreta o profissional de saúde como assaltante. Para o profissional de saúde, o mal que desencadeia a angústia é a COVID-19, enquanto para o idoso o mal advém das relações com o outro, marcadas pela violência e pela indiferença vivenciadas anteriormente no decorrer de sua vida. É delineado o desamparo do idoso, que se articula à solidão e à carência de suporte do Outro social das instituições. O desamparo generalizado desse idoso comparece como determinante para sua fantasia, a qual não pode conceber a visita de alguém para cuidar de sua saúde e que pudesse ampará-lo contra o real traumático da indiferença. Tão profundo é o desamparo do idoso que este devaneia justamente com a morte e ao fantasiar que o “assaltante” está prestes a matá-lo, sente alívio, comparecendo a proximidade da morte como um adormecimento ante a terrível repetição do real na sua vida marcada por perdas decorrentes da doença, pela guerra e pela fome, sem o amparo do Outro das instituições em geral. Corolário da solidão, que é uma manifestação do desamparo, o idoso deseja que o “assaltante” retorne. Do lado do profissional de saúde, destaca-se o assalto de angústia após o abraço do idoso, afeto que comparece vinculado ao temor de contaminação. A angústia do profissional está presente desde o início do conto, mas é com a aproximação do real do corpo do paciente que ela chega ao seu clímax. Esse conto aponta que, para sujeitos como esse idoso, o principal efeito traumático da pandemia está articulado ao desamparo decorrente da negligência do Outro estatal.

O conto “Solstício de Inferno” parte de um trocadilho que remete ao marco de mudança de estação, que, no âmbito do conto, é a transição de um adoecimento que está contido para um adoecimento que devassa e demanda cuidados urgentes em um cenário no qual não há vagas nos hospitais. Desde o início do conto, o personagem principal se defende das angústias frente à incerteza da doença com o recurso à fantasia em sua forma de devaneio, a qual possui, no seu caso, uma relação importante com a satisfação da pulsão escópica que tem por objeto os vizinhos. A infecção pela COVID-19, embora se apresente com sintomas leves, confronta o protagonista com o *troumatismo* constitutivo da morte. A narrativa apresenta o estranhamento ante a doença desconhecida e a estigmatização dos que foram por ela infectados. Zeca, o protagonista, sofre também por assumir o lugar de estranho em relação ao Outro familiar e também por sua segregação no quarto, decorrente das medidas sanitárias, sendo tais medidas

relacionadas à tentativa de localizar o perigo do vírus- agente invisível e de fácil transmissão. O convite do síndico de que se afastassem por um tempo do prédio devido a Zeca estar com COVID-19 apresenta a hipertrofia do imaginário ante o desconhecimento sobre a doença, engendrando um aumento da agressividade. O protagonista representa a irrealidade da pandemia remetendo-a ao mundo onírico, desejando que fosse um pesadelo do qual pudesse escapar e rapidamente retomar o princípio do prazer. O inferno do protagonista chega com a repetição, pela falta de ar de sua esposa, de uma marca traumática deixada por haver testemunhado- outra vez a pulsão escópica- a morte por falta de ar de um tio, experiência que fez o protagonista enunciar que não desejaria esse tipo de morte para si ou para sua família. De modo inesperado, a esposa lhe comunica que está, exatamente, com faltar de ar. O trauma contingente da agressão ao corpo vivo de Denise pelo vírus constitui o impossível ocorrendo sob forma inesperada, violando o dito anterior de Zeca que não queria ver ninguém de sua família morrendo sufocado e instaurado um real sem lei, o real do trauma, que é agravado pela falta de leitos e pela agressividade do trabalhador de saúde que o atende.

No conto “No tempo da morte, a morte do tempo” é focado um momento de percepção de estilhaçamento do Outro, sob a forma de perda de sentido do tempo. Lemos a referida morte do tempo como a ruptura e o congelamento engendrado pelo instante traumático. São situadas duas posições predominantes em relação a tal quebra: de um lado a aceleração, de outro o torpor. O protagonista vivencia o tempo de ver ao constatar a perda de sentido do tempo, ao que se segue seu tempo de compreender marcado pela estagnação e contemplação da “vida em frestas”, refletindo sobre as diferentes posturas dos sujeitos frente à pandemia. O tempo de concluir se dá com a ruptura da passividade que o tomou no confinamento, levando-o à ação repentina de sair de casa, sem destino consciente, mas inconscientemente impulsionado à casa dos pais.

Nos sonhos coletados por Iannini et al. (2021) comparece o abalo à fantasia, com o desvelamento do objeto *a* no “sonho da presença maligna” e com a presença de significantes contrários à solidez profissional na qual se sustentava a sonhadora no “sonho das escadas”.

E o que essas inúmeras cenas enquadradas nos contos e sonhos têm em comum, como faces da pandemia? Quais são as convergências entre os elementos desse mosaico cujas fraturas não visamos tamponar? E quais são as fraturas, que sublinham as diferenças inerentes à experiência humana? Nos contos “47 segundos”, “Solstício de Inferno” e “Um gentil ladrão”

são retratados os efeitos de desenlace social com os pequenos outros, acelerados pela pandemia, os quais acentuam o *troumatismo* estrutural da não-relação sexual, do abismo entre um sujeito e outro sujeito: paradoxalmente, cada um está em alguma medida sozinho com sua fantasia durante as interações sociais. A relação com o outro é atravessada pelo temor de contaminação, conferindo pujança à dimensão real do corpo do outro, corpo que passa a engendrar acentuada angústia, sendo a aproximação vivenciada como algo com potencial traumático: um assalto do real. Em relação ao contato com o corpo do outro serão adensadas as defesas imaginárias de afastamento e segregação.

Os contos “Duas irmãs”, “Solstício do inferno”, “Um gentil ladrão” e “No tempo da morte, a morte do tempo” apontam a fragilização do Outro estatal, que falhou em amparar adequadamente os seres falantes na pandemia, acentuando a inexistência do Outro- que decorre da fragmentação do laço social- e o desamparo do sujeito, favorecendo a irrupção do trauma. Nos contos “Duas irmãs” e “No tempo da morte, a morte do tempo”, o Outro familiar comparece como anteparo ao traumático da pandemia, fornecendo amparo e auxiliando na invenção de sentido. Nos contos “47 segundos”, “Um gentil ladrão” e “Solstício de inferno” testemunhamos a proliferação de fantasias, por mais atozes que sejam, como forma de defesa contra o real. Todos os contos abordam, em diferentes proporções, o efeito da pandemia de solapar o véu simbólico e imaginário do cotidiano, fazendo prevalecer o real nesse “tempo de morte”.

Pensamos que a contribuição dessa tese reside em recorrer aos contos contemporâneos à pandemia da COVID-19, através dos conceitos de trauma, angústia e fantasia, ferramentas da teoria psicanalítica que nortearam nossa leitura. A pandemia da COVID-19 por si só já suscita questões novas sobre os seres falantes, por ser a primeira pandemia na qual o confinamento foi geral e globalizado (SOLER, 2021a), o que só foi possível com a difusão da Internet, acelerando mudanças importantes no campo das relações afetivas e do trabalho que tenderão a se manter, findada a pandemia. O recurso a esses contos atuais, feitos “no calor do acontecimento”, acrescenta à novidade do assunto a originalidade da captura feita pelos artistas, a qual, muitas vezes, demonstra ser vanguardista e intuir para além do que as teorias e ciências podem fazer naquele momento, limitadas pelas regras de seus conceitos e métodos.

Uma questão que se precipita é: quais marcas a pandemia da COVID-19 deixará a longo prazo? De que forma observaremos na clínica os efeitos traumáticos da pandemia da COVID-

19- nos quais se enlaça a indissociabilidade entre o Outro social e o ser falante- engendrando seus efeitos de sintoma *a posteriori*? Prevê-se que eventos como a pandemia da COVID-19 podem gerar efeitos psicopatológicos em um percentual muito significativo da população, abarcando aproximadamente de um terço a metade desta (CABRAL, 2022). Qual será o papel dos lutos cuja elaboração foi obstaculizada na produção de estados depressivos? Qual será o efeito, *a posteriori*, dos excessos traumatogênicos da pandemia? Será fortalecida a tendência já contemporânea da resposta pela via dos novos sintomas, nos quais prevalece a dimensão do ato e do gozo sem disfarces para os sujeitos (MAGALHÃES, 2005), como verificamos nas toxicomanias, demais adições- com destaque para a relação de excesso no uso de novas tecnologias, compulsões alimentares e transtorno do pânico? Em que medida a resposta ao real traumático da pandemia engendrará a terrível repetição do trauma em neuroses traumáticas, acompanhada de acessos de angústia?

Elegemos finalizar a tese com perguntas por apostar que uma pesquisa não se encerra com a tese e ainda é de suma importância esquadrihar os efeitos da atual pandemia sobre os seres falantes para não relegar ao esquecimento esse momento histórico e contribuir para a compreensão dos efeitos que a pandemia COVID-19 nos trouxe e ainda nos trará, favorecendo a preparação para futuras catástrofes pandêmicas através do manejo e aprimoramento dos recursos simbólicos da civilização, os quais provém da produção e aplicação de saberes. Outro fator que advoga em prol da importância de prosseguir com os estudos sobre os efeitos da pandemia nos seres falantes é estar à altura do desafio que esta época, em que vivemos e atuamos profissionalmente, continuará a nos lançar. Este desafio está vinculado à disseminação e agudização do sofrimento psíquico em um cenário social em que a instabilidade e mudança perene se somam à fragilidade das relações sociais que agravam o desamparo dos sujeitos. Uma época de pandemia, guerra e desemprego estrutural que continua a favorecer a irrupção do trauma, a exacerbação da angústia e a pauperização da fantasia, recurso psíquico que poderia conter esses recorrentes assaltos do real. Sigamos trabalhando em prol da invenção de sentido, com a psicanálise e com a literatura, com e como seres falantes. Mais precisamente: sentidos, sempre singulares, com a potência de abrandar o gozo mortífero e ampliar a margem de liberdade de criação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. L. W. *Notas de Literatura*. São Paulo: Editora 34, 2003.p.15-45. Disponível em:< paginapessoal.utfpr.edu.br/.../ADORNO...%20Notas%20de%20Literatura%20I.../file >. Acesso em: 14 mar. 2023.
- ABREU, D. N. et al. Freud um século depois: trauma, pandemia e urgência subjetiva. *Revista asephallus de orientação lacaniana*, Rio de Janeiro, v.15, n.29, p.71-91, nov.2019 a abr. 2020.
- AGOSTINHO, C. Duas irmãs. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p.29-36.
- AGUIAR, F. Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, v.39, n.70, p.105-131, jun.2006. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- ALBUQUERQUE, A. L. Sem espaço para enterrar as vítimas da COVID-19, Manaus empilha caixões. Folha de São Paulo, 27 de abril de 2020. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/sem-espaco-para-enterrar-as-vitimas-da-covid-19-manaus-empilha-caixoes.shtml>> . Acesso em: 3 mar. 2023.
- AMORIM, M. A questão enunciativa na pesquisa em ciências humanas. In: VORCARO, A; FERREIRA, T. (Org.). *Pesquisa e psicanálise- do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. p.17- 40.
- APRIN, D. Temporalité de l' "inconscient em confinement. *Lacan Quotidien*, n.886, mai. 2020. Disponível em: < <https://lacanquotidien.fr/blog/> >. Acesso em: 18 ago. 2020 .
- ASKOFARÉ, S. O sintoma social. In: GOLDENBERG, R. (Org.). *Goza!:* Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 164-184.
- BARROS, R. do R. Nós e o vírus. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 3, 22. Disponível: < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/22/nos-e-o-virus/ >. Acesso em: 05 maio 2021.
- BARTIJJOTTO, J. Sobre o Unheimlich: entre a literatura e a realidade da mídia. *Analytica*, v. 10, n.18, p. 1-20, jan./jun. 20212. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v10n18/v10n18a09.pdf> >. Acesso em : 08 dez. 2022.
- BASSOLS, M. A lei da natureza e o real sem lei. *Correio express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2020a. Disponível em: < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/26/a-lei-da-natureza-e-o-real-sem-lei/ >. Acesso em: 03 mar. 2021.
- BASSOLS, M. Distance sociale et extimité. *La cause du Désir*, 105, 2020b,p. 64-67.

BASSOLS, M. O que podemos encontrar no final do túnel? *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2020c. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/05/15/o-que-podemos-encontrar-no-final-do-tunel/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BELLEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BRASIL. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado federal, 1988.

BRASIL. Lei n. 8080/90. Brasília: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm >. Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. Lei 14.128/21. Câmara dos deputados, 2021.

BERTA, S. L. Nota sobre a tradução. In: SOLER, C. *De um trauma a Outro*. São Paulo: Blucher, 2021.

BERTA, S. L. Do trauma ao traumatismo. *Stylus*, n. 21, 57-70, 2010. Disponível em <<https://www.campolacanian.com.br/revista-stylus/> >. Acesso em: 2 jun. 2021.

BERTA, S. L. Localização da urgência subjetiva em psicanálise. *A peste*, São Paulo, v.7, n.1, p.95-105, jan.jun. 2015.

BRODSKY, G. A loucura nossa de cada dia. *Opção lacaniana*, ano 4, n.12, p-142, nov.2013. Disponível em:
http://www.opcaolacanian.com.br/pdf/numero_12/a_loucura_nossa_cada_dia.pdf. Acesso em: 02 set. 2020 .

BIRMAN, J. *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2020.

BONNAUD, H. Corona coupables. *Lacan quotidien*, n.887, maio 2020. Disponível em: <<https://lacanquotidien.fr/blog/2020/05/lacan-quotidien-n-887/>>. Acesso em: 03 out. 2020.

BRASIL, Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 22 maio 2021.

BOGCHVOL, A.; TEIXEIRA, A. Memória In: TEIXEIRA, A.; CALDAS, H. (Org.). *Psicopatologia lacaniana: semiologia*. Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica Ed, 2017. p. 201-235.

BRIDI, M.A. A pandemia da COVID-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil. *Estudos Avançado*, v. 34, n.100, 141-165. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ea/a/3MfRK5yDnzN9HsMzH5bCfqD/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em 01 ago. 2023.

BROUSSE, M. -H. A pulsão I. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1997. p.115-124.

BROUSSE, M. -H. O trauma na cura analítica: os bons e maus encontros com o real. EBP, *Acervo on-line*, 2020a. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/os-traumas-na-cura-analitica-bons-e-maus-encontros-com-o-real/>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

BROUSSE, M. -H. Os tempos do vírus. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2020b. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/04/os-tempos-do-virus/>. Acesso em: 16 maio 2020 .

BULAT-MANENTI, G. Sentiment d`échet et intentions suicidaires. *La clinique lacanienne*, n.20, p.33-45, 2011. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-la-clinique-lacanienne-2011-2-page-33.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis*, v.17, n.1, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?format=html#>>. Acesso em: 28 fev. 2023 .

CABRAL, K. Módulo 1: O momento atual da sindemia. In: *Curso Nacional de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19*. Brasília: Fiocruz, 2022.

CALDAS, H. Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contracapa livraria, 2007. pp.7-60

CAMUS, A. *A peste*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CANABARRO, R. de C. S. *Toxicomania e psicanálise: algumas considerações*. 2011. 108fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre.

CARAVELLI, S. A. L. *Inundação no deserto: a toxicomania pelo viés da melancolia*. 2005. 112 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) -Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CARVALHO, A. C. A sinfonia. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020.p.223-230.

CASTELLO BRANCO, L.; SOBRAL, A. O que é psicanálise literária? Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022.

CASTIEL, S. V. *Sublimação: clínica e metapsicologia*. São Paulo: Escuta, 1997.

CHANCE, L. et al. WORLD INEQUALITY REPORT 2022. WORLD INEQUALITY LAB wir. Disponível em: <https://wir2022.wid.world/www-site/uploads/2022/03/0098-21_WIL_RIM_RAPPORT_A4.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

COELHO, D. M. ; BIRMAN, J. A transferência na pesquisa em psicanálise- um ponto de vista ético. In: BIRMAN, J.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E.L.; FULGENCIO, L. (Org.). *A fabricação do humano: psicanálise, subjetivação e cultura*. São Paulo: Zagodoni, 2014. p.125-135.

COELHO, D. M; SANTOS, M. V. O. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Revista Analytica*, São João Del-Rey, v. 1, n. 1, p.90-105, jul./dez. 2012.

COPPUS, A. N. S; FAGUNDES NETTO, M.V.R. A inserção do psicanalista em uma unidade de tratamento intensivo. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 36, n. 1, p.88-100, jan.-mar.2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100088&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 27 abr. 2020.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. In: *Todos os contos*, vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COSTA, A. *Relações entre psicanálise e escrita*. Terceira Margem, n.26, p.61-79, 2012.

COSTA, M. A pandemia nos quebra, como cristais. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul. (Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p. 139- 146.

COSTA, M.; SIQUEIRA, T. Prefácio. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul. (Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p .5-11.

COUTINHO JORGE, M. A. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos discursos. In: COUTINHO JORGE, M.A.; RINALDI, D. (Org.). *Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário 17, de Lacan*. Rio de Janeiro: rios ambiciosos, 2002. p.17-32.

COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise- De Freud a Lacan*. As bases conceituais. v.1. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise- de Freud a Lacan*. A clínica da fantasia. v. 2. Zahar: Rio de Janeiro, 2010.

COUTINHO JORGE, M. A.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento- e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 23(3), 583-596, set. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SHLx7YvPkw8jTH7WvpqtsDn/?lang=pt>> . Acesso em: 11 fev. 2021.

COUTO, M. Um gentil ladrão. In: *The New York Times Magazine* (Org.). *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. p.211-216.

COSTA, S. da S. Pandemia e desemprego no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, v.54, n.4, jul-ago.2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjzrDwgDJYKcdhNt/#>>. Acesso em: 01 ago. 2023.

DA COSTA, A. M. M. Efeitos da pandemia: os discursos e as formações clínicas. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 23,3, set.2020, 481-94. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/ksMwxQnbM87k5PQMhvfFs3bj/?lang=pt> >. Acesso em: 06 nov. 2020.

DANTICAT, E. Uma coisa. In: The New York Times Magazine (Org.). *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. p. 301-311.

DE LEMOS, J. G. O uso político do discurso de ódio no Brasil: um estudo de caso no *facebook* (2016-2017). Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 109 fls. 2018. Disponível em: <
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10106/2/JOELMA_GALVAO_LEMOS.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

DE SOUZA, L. E. P. F Saúde pública ou saúde coletiva? *Revista espaço para a saúde*, Londrina, v.15, n.4, p.7-21, out. dez/2014. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5414955/mod_resource/content/1/aula%201%20saude_publica_4.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

DE SOUZA, P.P. Considerações sobre a guerra e a morte e suas possíveis relações com a pandemia. In: Fórum do campo lacanian do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p. 183-192.

DINIZ, M. O (a) pesquisador (a), o método clínico, e sua utilização em pesquisa. In: VORCARO, A.; FERREIRA, T. (Org.). *Pesquisa e psicanálise- do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. p. 111-128.

DUNKER, C. I. L.; ASSADI, T. C.; BICHARA, M. A. M.; GORDON, J. ARAGÃO E RAMIREZ, H. H. Romance policial e pesquisa em psicanálise. *Interações*, v.7, n.18, p.118-126, jan-jun. 2002.

DUNKER, C. I. L. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015. P.185-234.

DUNKER, C. et al. Apresentação. In: (Org.). DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autentica, 2021.p. 9-21.

DURÃES, F. A saúde mental existe? In: (Org.). CAPANEMA, C. A; DURÃES, F. MIRANDA JR, H. C.; MOTTA, J.M.; GUEDES, M. M.C. *Psicanálise e psicopatologia: impasses e soluções*. p. 49-59.

EDLER, S. P. B. Introdução. In: EDLER, S. P. B.; DE FREITAS, L. A. P.; DE ALBUQUERQUE, D.; FREITAS, A. H. F. L. P. et al. (Orgs.). *Escritos sobre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009, p.9-11.

FALBO, G. O espaço vazio. Reflexões sobre a função do vazio na cura psicanalítica e na arte. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 8, n. 1, p.109-120, jan./jun. 2010. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/agora/a/TDxtrR3t4YFvVxcWGH5Djss/?lang=pt> >. Acesso em: 01 out. 2021,

FERNANDES, A. H. Trauma e estrutura familiar. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p.313-328, nov.2004. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1508/3463>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

FERNANDES, A. H. Interpretação: arte poética com *alíngua*. Stylus, Rio de Janeiro, n. 24, p.57-64, 2012. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-157X2012000100006&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 04 de mar. 2023.

FERRARI, I.; CALMON, A.; TEIXEIRA, A. Semiologia da temporalidade e da espacialidade. In: TEIXEIRA, A.; CALDAS, H. (Org.). *Psicopatologia lacaniana: semiologia*. vol 1. Belo Horizonte: Autêntica Ed. p. 167-185.

FERRARI, I. F.; JANUZZI, M. E. da S.; GUERRA, A. M. C. Pandemia, necropolítica e o real do desamparo. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, v.23, n.3, p. 564-582, set.2020, São Paulo. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Jrwnfrrr3d6ChRxZj9VtfFD/?lang=pt> >. Acesso em: 22 jul.2021.

FERREIRA, N. P. A literatura como escrita e como fala. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007. p.54-63

FERREIRA, T. Prefácio. In: VORCARO, A.; FERREIRA, T. (Org.). *Pesquisa e psicanálise do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. p.13-16.

FERRI, H. M. A. N. A negação da pandemia e o mal-estar na civilização. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020.p. 41-47.

FINGERMANN, D. Apresentação. In: SOLER, C. *Declinações da angústia: curso 2000-2001*. São Paulo: Escuta, 2012.

FINK, B. A causa real da repetição. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M.(Org.). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1997. P. 239-248.

FREITAS, R; CHAVES, E.; TAVARES, P. *Freud e o infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. v.3. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p.35-47.

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. v.3. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p. 163-183.

FREUD, S. Carta 52 (1896). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. v.1. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p.281-284.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Edição comemorativa de 100 anos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v. 9. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p. 135-143.

FREUD, S. Romances familiares (1909). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v. 9. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p. 219-222.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 10. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 81-91.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.10-37.

FREUD, S. O instinto e suas vicissitudes (1915a). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 38-60.

FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915b). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 156-184.

FREUD, S. O inconsciente (1915c). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 74-112.

FREUD, S. A repressão (1915d). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p.61-73.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v.16. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p.251-263.

FREUD, S. O 'estranho' (1919). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v.17. Rio de Janeiro, Imago, 2006. p. 235-269.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 120-178.

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1920). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 15 . São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-100.

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v.16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.10-64.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v.17. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p.14-123.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.p. 15-63.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.11-89.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias (1933). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 17-38.

FREUD, S. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.11-89; p-139-160.

FREUD, S. Construções em análise (1937). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.275-287.

FUENTES, A. El hilo de la vida. In: MILLER, J.-A; D'ANGELO, L.; FUENTES, A.; GARRIDO, C.; GOYA, A. RUEDA, F. VICENS, A.. *Efectos terapéuticos rápidos*: Conversaciones clínicas com Jacques-Allain Miller em Barcelona. Buenos Aires: Paidós, 2006. p.19-24.

FUX, Jacques. O outro outro. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p. 103-116.

FUX, Julián. No tempo da morte, a morte do tempo. In: The New York Times Magazine (Org.). *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. p.251-257.

GALLANO, C. Que a memória das sacadas não emudeça. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul. (Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p.153-176.

GARCIA, P. J et al. COVID-19 response in Latin America. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, v.103, n.5, 2020, p.1765-1772.

GAZZOLA, L. R. Estratégias na neurose obsessiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GUEGUÉN, P.-G. Lacanian interpretation, 2009. Disponível em :< <https://ampblog2006.blogspot.com/> >. Acesso em: 20 de abr. 2022

GIFFONI, L. Solstício de inferno. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p.149-165.

GOLDENBERG, R. Prefácio: consumidores consumidos. In: GOLDENBERG, R. (Org.). *Goza!* Capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997. p. 9-19.

GUERRA, C. 47 segundos. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p.59-62.

GURSKI, R.; PERRONE, C. “ Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia. In: DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R. (Org.). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autentica, 2021. p.109-130.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HEIDEGGER, M. A coisa. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 143-163.

HENDERSON, G. F.; BUCHER, J. A. D. F. Da insônia ao verdadeiro despertar. In: CATÃO, A. M. L.; SAMARCOS, A. L. H.; BEATO, C. R. P. S. Psicanálise. (Org.) *Psicanálise em tempos pandêmicos: do mal-estar da cultura ao além do setting analítico*. Curitiba: CRV, 2022.

HENRIQUES, R. P. O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos “novos sujeitos”. In: BIRMAN, J. et al. (Org.). *A fabricação do humano: psicanálise, subjetivação e cultura*. São Paulo: Zagodoni, 2014. p.83-94.

HENRIQUES, R. P. *A psiquiatria do DSM: pílulas para que te quero*. São Cristóvão: Ed. UFS, 2015.

HENRIQUES, R. P. Psicanálise *In* tensão & as políticas identitárias. In: VERAS, M.; MONTEIRO, L. F.; HENRIQUES, R. P. (Orgs.) *Escutas do indizível: a urgência subjetiva dos universitários*. Salvador: Editora da UFBA, 2023. No prelo.

HOBBSBAWN, E. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

IANNINI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2013, p. 255-308.

IANNINI, G. et al. “Presente”: Tempos de sonhar. In: DUNKER, C.; PERRONE, C.; IANNINI, G.; ROSA, M. D.; GURSKI, R.(Org.). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autentica, 2021. p. 71-104.

KATO, M. C. R. “Fazer falar um corpo que quer calar”. In: MEZENCIO, M.; ROSA, M.; WILMA, M. (Org.). *Tratamento possível das toxicomanias com Lacan*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p.61-67.

KAUFMANNER, H. A pandemia e o infamiliar. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2020. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/04/a-pandemia-e-o-infamiliar-1/>. Acesso em: 4 maio 2020.

KERET, E. Do lado de fora. In: The New York Times (Org.). *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*. Rio de Janeiro: Roco, 2021. P. 89-93.

KOVALSKI, M. Morte e luto na pandemia. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p .193-198.

KUBLER-ROSS, E. (1969). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LACAN, J. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de uma análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. (1945). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.197-213

LACAN, J. (1948). A agressividade em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 104-126.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.

LACAN, J. (1953-1954). *O seminário*, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1983.

LACAN, J. (1955). A coisa freudiana. In : _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 402-437.

LACAN, J. (1956). O seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.13-66.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: _____. *Escritos*, Zahar Ed., 1998. p. 591-649.

LACAN, J. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1959-1960). *O seminário*, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008. p. 9- 47.

LACAN, J. (1962-1963). *O seminário*, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

LACAN, J. (1964). *O seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1965). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 198-205.

LACAN, J. (1966). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, n. 32, dez. 2001. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/lacan-o-lugar-da-psicanalise-na-medicina.pdf>. > Acesso em: 08 abr. 2020.

LACAN, J. (1966-67). *A lógica da fantasia*: resumo do seminário 1966-67. In: : _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 323-328.

LACAN, J. (1969-1970). *O seminário*, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

LACAN, J. (1971). *O seminário*, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

- LACAN, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008. p. 9-56.
- LACAN, J. (1973). Televisão. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003, p. 508- 543.
- LACAN, J. (1975-1976). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- LA SAGNA, P. Os mal-entendidos do trauma. *Opção lacaniana*, n. 16, 1-18, mar.2015. Disponível em < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_16/Os_mal-entendidos_do_trauma.pdf>. Acesso em : 27 maio 2021.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. –B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2022. p.492-493.
- LAURENT, É. O trauma ao avesso. *Papéis de psicanálise*, v. 1, n. 1, 21-28, 2004.
- LAURENT, É. O Outro que não existe e seus comitês científicos, 2020a. *Correio Express: Revista eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. Disponível em: < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/28/o-outro-que-nao-existe-e-seus-comites-cientificos/>. Acesso em: 09 jun. 2021.
- LEHMANN, B. Le temps suspendu. *Lacan Quotidien*, n.886, p.9-12, mai. 2020. Disponível em: < <https://lacanquotidien.fr/blog/> >. Acesso em: 01 out. 2020.
- LERNER, A. B. C; VOLTOLINI, R. Editorial: Outra clínica, outra escola: psicanálise e educação em tempos de pandemia. *Estilos da clínica*, v.26, n.1, p. 1-, 2021. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/184748>>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1949). A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- LIGEIRO, V. M.; COUTINHO JORGE, M. A. Psicanálise e arte: o triunfo do real. Estudos de psicanálise, n.49, p.15-30, 2018. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n49/n49a02.pdf> >. Acesso em: 8 mar. 2023
- LOPES, C. H. A praça. In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p. 37-42.
- MACÊDO, L. F. A biopolítica na pandemia. *Correio express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. Disponível em : < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/26/a-biopolitica-da-pandemia/>. Acesso em: 18 out. 2020.
- MACHADO, I. Noites sombrias: velhice e desamparo. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p. 178-181.
- MACHADO, R. Epidemiologista afirma à CPI da COVID que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas. *Folha de S. Paulo*, 24 jun. 2021. Disponível em <

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/epidemiologista-afirma-a-cpi-da-covid-que-400-mil-mortes-poderiam-ter-sido-evitadas.shtml> >. Acesso em: 26 jun.2021.

MACHADO, Z. Pontuações sobre o luto e a ética da psicanálise. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p.199-203.

MAGALHÃES, E. K. Dos novos sintomas ao sintoma analítico. *Latusa digital*, n. 14, maio 2005.

MAIA, E. A. Apresentação. In: VORCARO, A; FERREIRA, T. (Org.). *Pesquisa e psicanálise- do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. p. 9-12.

MANDIL, R. Literatura e psicanálise: modos de aproximação. *Aletria: revista de estudos de literatura*, v.12, p. 42-48, 2005.

MAROTTA, M. A interpretação em dois movimentos. *Papers+1: Freud a-la-Lacan*. p. 47-48, 2021.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaio*: revista do ppgav/eba/ufrrj, n.23, dez.2016. Disponível em: < <https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993> >. Acesso em: 22 jul. 2021.

MELLO NETO, J. C. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MILLER, J.-A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1987.

MILLER, J. -A. *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 121-137.

MILLER, J. -A. *A teoria do parceiro*. Rio de Janeiro: Escola brasileira de psicanálise/ Contracapa livraria, 2000.

MILLER, J. -A. *Silet- os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005a.

MILLER, J.-A. Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan, *Orientação Lacaniana*, n.43, maio 2005b.

MILLER, J.-A et al. Lo Real es sin ley. . In: MILLER, J.-A; D`Angelo, L.; FUENTES, A.; GARRIDO, C.; GOYA, A. RUEDA, F. VICENS, A.. *Efectos terapéuticos rápidos: Conversaciones clínicas com Jacques-Allain Miller em Barcelona*. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 65-85.

MILLER, J. -A. *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008a.

MILLER, J. -A. Coisas de fineza em psicanálise. *Orientação lacaniana III*, v.11, p.1-70, 2008b.

MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana online*, ano 3, n. 7, 2012, p.1-49.

MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 7-21.

MRECH, L.M. A escrita em Freud e em Lacan. In: VORCARO, A.; FERREIRA, T. (Org.). Pesquisa e psicanálise- do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018, p. 153-170.

MONTEIRO, D. Estudos sobre mortes por COVID-19 em hospitais da Prevent Sênior é tema de debate em CPI. *Agência de Notícias da Câmara Municipal de São Paulo*, 14/03/2022. Disponível em: < <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/estudo-sobre-mortes-por-covid-19-em-hospitais-da-prevent-senior-e-tema-de-debate-em-cpi/>>. Acesso em : 31 mar. 2022.

MOREL, G. *Ambigüedades sexuais: sexuación y psicosis*. Buenos aires: Manatial, 2012.

MORENS, D. M.; FOLKERS, G. F.; FAUCI, A. S. What is a pandemic?. *The Journal of Infectious Diseases*, v. 200, n.7, p.1018-1021, 2009. Disponível em: < <https://academic.oup.com/jid/article/200/7/1018/903237?login=true>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MORETTO, M. L. T. *O que pode um analista no hospital?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MUCIDA, A. *Atendimento psicanalítico do idoso*. Série prática clínica. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NOGUEIRA FILHO, D. M. *Toxicomanias*. São Paulo: Escuta, 1999.

NUNES, M. V. D. *Nada mais que a verdade: Fake News, ficção e a ontologia política do gozo*. *Leitura Flutuante*-Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise, v.12, n.2, 2020. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/51550>> . Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

OHANA, V. Fila da fome em Cuiabá recebeu ossos de ‘qualidade’, diz governador de Mato Grosso. *Carta Capital*, 01/08/2022. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/politica/fila-da-fome-em-cuiaba-recebeu-ossos-de-qualidade-diz-governador-de-mato-grosso/>> . Acesso em: 20 de fev. 2023.

PAHO/OMS. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. *PAHO*, 05/06/2023. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>> . Acesso em: 10 de maio de 2023.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Rev. Saúde Pública*, v.32, n.4, p.299-316,1998.

PETERSON, M. Des liaisons dangereuses/ Peut-on appliquer la littérature à la psychanalyse?de Pierre Bayard, Minuit, 175p., *Spirale*, 199, p.56-57.

PEREIRINHA, F. A questão do sujeito no ensino de Jacques Lacan. *Afreudite*, ano 7, v. 13/14, p. 42-59, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/2485/1944>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PEREIRINHA, F. Emergência e tratamento do real. *Revista aSEPHallus de Orientação lacaniana*. Rio de Janeiro, v.15, n.29, p.39-46, nov.2019 a abr.2020. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_29/pdf/03%20-%20FILIPE%20PEREIRINHA.pdf>. Acesso em: 04 jun.2021.

PIGLIA, R. *Formas breves*. Editora Anagrama: Barcelona, 1986.

PINTO, J. M. O lugar da contingência na clínica e na pesquisa em psicanálise: mais ainda sobre o problema do método. In: VORCARO, A; FERREIRA, T. (Org.). *Pesquisa e psicanálise- do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018. p.63-78.

PORGE, E. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro: Campo matêmico, 1994.

QUINET, A. As novas formas de sintoma na medicina. *Revista Acheronta*, 1998. Disponível em: <<https://www.acheronta.org/acheronta8/sintoma-medicina.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009. p. 9- 46.

QUINET, A. *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

RABINOVICH, D. S. *Clínica da pulsão: as impulsões*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2004. p. 49-66.

RAMON, F. Perguntas para os tempos do vírus: o que podemos extrair de “Reflexões para os tempos de guerra e de morte”, de Freud. *Biblioteca em tempo real-ebp*, 2020. Disponível em: <<http://ebp.org.br/sp/perguntas-para-os-tempos-do-virus-o-que-podemos-extrair-de-reflexoes-para-os-tempos-de-guerra-e-morte-de-freud/>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

REINOSO, A. Um despertar poético para o riso. *Papers+ 1: Freud a-la-Lacan*. p.45-46, 2021.

REY, J.-M. L'impossible héritage. In : BELLEMIN-NOËL, J. (Org.). *Lire avec Freud*. Paris : Presses Universitaires de France, 1998. P. 183-193.

RIBEIRO, A. L. Dois pontos In: TAVARES, R. F.(Org.). *20 contos sobre a pandemia de 2020*. Belo Horizonte: Autêntica Ed, Academia Mineira de Letras, 2020. p.43-56.

RIBEIRO, G. Cenas de bares e praias lotados no rio podem fazer a prefeitura recuar quanto à flexibilização. *Extra*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/cenas-de-praias-bares-lotados-no-rio-podem-fazer-prefeitura-recuar-em-parte-da-flexibilizacao-24652938.html>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- RIBEIRO, S. R. Módulo 5- As políticas públicas: a assistência social, a defesa civil, a educação, os direitos humanos e a habitação na reconstrução pós-desastre? In: *Curso Nacional de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19*. Brasília: Fiocruz, 2022.
- RIBEIRO, T. T. de S. B. Necropolítica e psicanálise. In: Fórum do campo lacaniano do Mato Grosso do Sul.(Org.). *Psicanálise e pandemia*. São Paulo: Aller ed, 2020. p. 31-36.
- RINALDI, D. Escrita e invenção. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007. p. 273-279.
- ROPER, C. Prefácio. In: *O projeto decamerão: 29 histórias da pandemia*. Rio de Janeiro: Roco, 2021. p.7-9.
- ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Rev. Mal-estar e subjetividade*, v. 4, n.2, p.329-348, set. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008 . Acesso em: 17 ju. 2020.
- ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. (Org.). *Literatura e personagem*. São Paulo: perspectiva, 1976. P.9-50
- ROUSSEAU-DUJARDIN, J. Trauma. In: KAUFMANN, P. (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p.558-559.
- RUDGE, A. M. Trauma e temporalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 6, n.4, dez. 2003, p.102-116. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/vtsJWxZcrnGNKkv4vgqTdCs/?lang=pt>>. Acesso em: 29 abr. 2021 .
- RUDGE, A. M. Trauma. Coleção Psicanálise Passo-a-Passo. São Paulo: Escuta, 2006.
- SALAMONE, L. D. *El silencio de las drogas*. Olivos: Grama ediciones, 2015.
- SALIM, A. L. D. *Um estudo psicanalítico dos Narcóticos Anônimos*. Dissertação de Mestrado. 2019. 131 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.
- SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001. p.161-183.
- SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. Medina: Coimbra, 2020.
- SCHERMANN, E. Z. Angústia, trauma e gozo. Stylus, Associação Fóruns do Campo Lacaniano, n.9, p.28-42, out. 2004. Disponível em: <<https://www.campolacaniano.com.br/revista-stylus/>> . Acesso em: 11 jun.2021.
- SCHMIDT, B. et al. A quarentena na COVID-19: orientações e estratégias de cuidado. In: NOAL, D. S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

SILVA, M. M. Para além da saúde e da doença: o caminho de Freud. *Ágora* (Rio de Janeiro), v.12, n.2, jul./dez. 2009, p. 259-274. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/JTCPzTsLpq3JkzCVtTZVmyN/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SILVEIRA, D. Prevent Senior: a empresa pivô de um dos maiores escândalos médicos na história do Brasil. *G1*, 28/09/2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/28/prevent-senior-a-empresa-pivo-de-um-dos-maiores-escandalos-medicos-na-historia-do-brasil.ghhtml>>. Acesso em: 31 de março de 2022.

SIMONETTI, A. *Manual de psicologia hospitalar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCOTTI, S. Pulsão e escrita. In: COSTA, A.; RINALDI, D. (Orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007. p. 157-164.

SILVA, A. B. H. C. O discurso do analista como possibilidade de psicanálise aplicada no hospital. *Rev. SBPH*, v. 20, n. 2, Rio de Janeiro, p.166-187, jun.-dez. 2017. Disponível em : <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000200011>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SINATRA, E. Assuntos de família: O Outro em um. *Lacan XXI: Revista Fapol online*, v. 2, out. 2016. Disponível em: <<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/assuntos-de-familia-o-outro-em-um/?lang=pt-br>> . Acesso em: 10 ago. 2021 .

SOLER, C. Sobre a segregação. In: BENTES, L.; GOMES, R. F. (Org.). *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1998. p. 43-54.

SOLER, C. *Trauma e fantasia*. *Revista Stylus*, n.9, p.45-58, out.2004. Disponível em: <<https://www.campolacaniano.com.br/revista-stylus/>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SOLER, C. *Les affects lacaniens*. Paris : Presses Universitaires de France, 2011a.

SOLER, C. O discurso capitalista. *Revista Stylus*, n. 22, p.55-67, maio 2011b. Disponível em : <<http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/816/513>>. Acesso em : 12 jul. 2021.

SOLER, C. *Declinações da angústia*: curso 2000-2001. São Paulo: Escuta, 2012a.

SOLER, C. Uma interpretação que leve em conta o real, n. 24,p. 25-40, jun. 2012. Disponível em: <<https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/786>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SOLER, C. *Lacan, leitor de Joyce*. São Paulo: Aller ed., 2018a.

SOLER, C. *Rumo à identidade*. São Paulo: Aller ed, 2018b.

SOLER, C. *O em-corpo do sujeito*: seminário 2001-2002. Salvador: Ágalma, 2019.

SOLER, C. *Écrit sous COVID*: la psychanalyse questionnée. Paris: Editions Nouvelles du champ lacanien, 2021a.

SOLER, C. *De um trauma ao Outro*. Série Dor e Existência. São Paulo: Blucher, 2021b.

SOLER, C. *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller ed, 2021c.

TEIXEIRA, A.; SANTIAGO, J. Semiologia da percepção: o enquadre da realidade e o que retorna no real. In: TEIXEIRA, A.; CALDAS, H.(Org.). *Psicopatologia laciana: semiologia*. Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica Ed, 2017. p. 93-119.

TOLSTÓI, L. (1886). *A morte de Ivan Ilitch*. São Paulo: Editora 34, 2009.

TROCOLI, F. ; AIRES, S. Literatura e psicanálise: de uma relação que não fosse de aplicação. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 26, p.11-16, jan-jun., 2012. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10782>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

WATERS, R. *The thin ice*, 1979.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO CORONAVIRUS (COVID-19) DASHBOARD*. Disponível em< <https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

VIERA, M. A. Cogitações sobre o furo. *Ágora*, n. 2, v.2, p.43-52. Disponível em: < http://www.litura.com.br/artigo_repositorio/cogitacoes_sobre_o_furo_pdf_1.pdf>. Acesso em: 08 maios 2020.

VIERA, M. A.; BASTOS, A.; TEIXEIRA, A. Semiologia da afetividade: o afeto que se encerra na estrutura. In: TEIXEIRA, A.; CALDAS, H.(Org.). *Psicopatologia laciana: semiologia*. Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica Ed, 2017. p. 145-166.

VIEIRA, M. A. Notas sobre o desejo e o isolamento. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*. Disponível em: < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/18/notas-sobre-o-desejo-e-o-isolamento/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

VILANOVA, A. Herd Immunity. *Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise*, 2020. Disponível em : < https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/03/28/herd-immunity/>. Acesso em: 27 abr. 2020.